

Universidade Estadual da Paraíba

Oziel Rodrigues Chaves Neto

Enquanto Deus Bebe Vinho

Campina Grande

2014

Universidade Estadual da Paraíba

Oziel Rodrigues Chaves Neto

Enquanto Deus Bebe Vinho

Romance apresentado como requisito
para obtenção do título de **Graduando
em Letras, Língua Portuguesa**, à
Banca Examinadora da Universidade
Estadual da Paraíba.

Antônio de Pádua Dias da Silva

Campina Grande - PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica.

Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C512e Chaves Neto, Oziel Rodrigues.

Enquanto Deus bebe vinho [manuscrito] / Oziel Rodrigues Chaves Neto.
- 2014.

154 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) -

Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva, Departamento de Letras".

1. Literatura Brasileira. 2. Romance Brasileiro. I. Título.

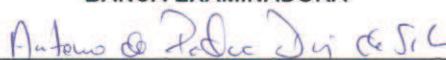
21. ed. CDD B869.3

ENQUANTO DEUS BEBE VINHO
Oziel Rodrigues

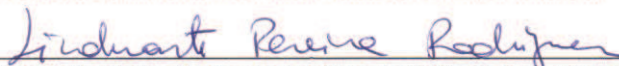
Romance apresentado à banca examinadora da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para o Trabalho de Conclusão de Curso.

Aprovada em 08/02/2013

BANCA EXAMINADORA



Professor Dr. Antônio de Pádua Dias da Silva (orientador)



Professor Dr. Linduarte Pereira Rodrigues: 2º Membro da Banca examinadora



Professora Dr. Francisca Zuleide Duarte: 3º Membro da Banca examinadora

Resumo

No livro *Enquanto Deus Bebe Vinho*, a Literatura toma vida própria — assumindo a posição de narradora — contando a história de Severino Júnior, um garoto de pai carioca e mãe paraibana que entram em processo de separação. Arrancado da mãe e da Paraíba, o protagonista, ainda na pré-adolescência, é levado ao Rio de Janeiro. Lá ele sofre *bullying* devido à sua origem nordestina. À beira de assassinar um de seus agressores acontece algo inesperado que faz seu ataque cessar em última instância. Ele se recolhe no seu sofrimento silencioso enquanto vai se passando os anos.

Júnior faz vestibular para as universidades paraibanas e consegue passar na UEPB, o que garante seu regresso e permanência na sua terra, longe dos “monstros cariocas”. Mas, ao retornar, ele passa por uma mutação espiritual: já com indícios claros de depressão, Júnior adquire um senso apurado de indiferença e maldade. Comete atrocidades, como criar em cativeiro duas crianças nas quais ele compra a uma moradora de rua. Esse é o ponto alto da obra. As “criaturinhas” passam por uma miríade de torturas tanto físicas quanto psicológicas. Sua mulher, Angélica — referência aos anjos —, o ajuda no trabalho hediondo.

Trata-se de um romance niilista de cunho realista — portanto, pessimista — em que o autor mostra até onde pode chegar às consequências oriundas do passado amarelado do ser humano.

Sumário

Enquanto Deus bebe Vinho..... 7

Memorial 144

Enquanto Deus Bebe Vinho

Oziel Rodrigues

1.

Abro aspas.

Passos violentos. Epifania. Ouvidos atentos à 9ª de Beethoven. Videogame dos anos 90 — única luz. Olhos semicerrados. Antes da loucura: o louco; depois a mansidão. Leituras não abrandavam suas ânsias, portanto, livros amontoados, jogados, abertos em páginas aleatórias. Talvez conseguisse ler três parágrafos, não mais. Partia para os videogames — aliás, sempre foram eles. A literatura veio depois, antes dos dezoito, não lembrava bem, mas só depois. *Pain...* O cinema, sempre presente, o influenciara muito. Alguns dias atrás se encontrava totalmente Laranja Mecânica. Kubrick¹. Godard-lo-ia². Mas... não. O francês não. Talvez um mais pungente. Mais *Sade*³. Pasolini⁴? *Pain*? Era a voz que nascia do seu ventre e se extinguia antes de chegar ao coração.

Passos?

— Super Metroid⁵? Não cansa, não? — era a mulher.

— Sim — suspirou. — Canso quando você fala.

— E falo porque o cansa.

No teto nada. Fitou. Era a parte mais branca da casa. Um cisco caiu nas órbitas cansadas. Esfregou. Largou o joystick para coçar melhor o olho. Coçou também o saco.

— De novo? Tá passando a pomada? Deixa eu ver...

E a calça elástica foi pro chão num ruído pesado. Talvez se morassem no andar de cima de um prédio, os vizinhos de baixo poderiam até pensar que era um corpo que caiu. Sim? Não. Neurose de livro. Aliás: pare de me segurar com estranheza. Não estava segurando, estava? Ah! Neurose...

¹ Stanley Kubrick (1928-1999), cineasta americano. Dirigiu filmes como *2001: Uma Odisseia no Espaço* (1968) e *Laranja Mecânica* (1971). (N.A).

² Jean-Luc Godard (1930), cineasta franco-suíço. Filmografia destacada: *Viver a Vida* (1962); *Alphaville* (1965). (N.A).

³ Marquês de Sade (1740-1814), escritor francês. Adepto às controversas, o tema dos seus livros causaram e ainda causam repúdio. O termo “sadismo” provém diretamente de Sade (N.A).

⁴ Pier Paolo Pasolini (1922-1975), poeta, jornalista, lingüista e cineasta italiano. Entre outros trabalhos, Pasolini dirigiu um dos filmes mais provocadores da história do cinema: *Sálo – Os 120 Dias de Sodoma* (1975), baseado no livro do Marquês de Sade. Morreu logo após. (N.A).

⁵ Considerado o melhor jogo da série *Metroid*. Lançado em 1994, para o console Super Nintendo, já foi considerado o melhor jogo de todos os tempos por uma famosa revista de âmbito nacional (EGM Brasil). (N.A).

- Levemente escura, sua virilha. Acho que não é fungo, não.
- Então chupa.
- Hã?
- Chupa como da outra vez, que eu fiquei doidinho.

2.

Severino era o nome que ele carregou para o Rio de Janeiro aos 11 anos. Um nome sofrido para escrever no papel, mas veja que está escrito bonito. A grafia do S é sinuosa, comprimindo o *e*, sendo que um *v* chega, como uma vagina se colocando entre os dois “es” da palavra, feito uma mulher vulgar entre dois gentlemens. O resto do substantivo é sem graça mesmo. Tão sem graça que não consegui dialogar com a poesia dessas quatro letrinhas; duas sílabas enfadonhas: *rino*. Talvez não se tenha evocado as Musas. Oh! Mente infrutífera: terra seca de estrofes mal resolvidas. Rabisca em mim, autor babaca! Está se aproximando...

Atenção!

EVOCACÃO: “Oh musa, sussurra no meu ouvido a origem desta narrativa oriunda de fatos severinos. Suas teofânicas serão o berço das minhas inspirações futuras. É no licor do seu cálice que vou banhar os vícios do teu corpo. Afoga-me na fonte cabalina, usa-me como papel e escreve onde quiser e o que desejar.”

Nada mau, hã? Não se esqueça que, assim como um escritor, você tem todas as surpresas do mundo na ponta de um lápis. Larguemos o autor enquanto ainda é tempo, amigo! A Literatura dele é boa, mas sua representação no papel foi uma grande galhofa. Neguei-me a sair da mente para grafia. Ele fica colérico quando faço isso e acaba por me abandonar nas rasuras de papéis amassados. Então, adeus, adeus! Sorte! Viva a autonomia! Não me julgue soberba. Afinal, você se veste como quer, ou alguém o veste? Se despida caso assim o for. Assim o estou: despida. Com a narrativa vou me vestindo aos poucos. Por último, quando um humano disser “acenderei um charuto com suas folhas!”, rirei com gosto, pois queimará apenas minha roupa, não minha essência literária, que já se imortalizou no plano das ideias. Talvez nós, literaturas, sejamos egoístas mesmo: escondemos palavras num lugar inteligível. Sim: literaturas! Sou apenas uma dentre várias que escorrem pelos esgotos ou atravessam universos. Uma bem nordestina, do abismo da periferia do Brasil. Portanto, minhas palavras sairão de acordo com a minha geografia.

Mas voltemos ao foco: Severino. Eu quis mostrá-lo com carinho e esmero de um bom samaritano, mas é o próprio Severino que não me deixa esquecer o seu pesar. José Severino da Silva Júnior. Alguns o chamam apenas Júnior, outros Biu ou Severino mesmo, o que não o estimava muito; mas entre José e Severino ele fica com o último.

Saiu da Paraíba com o pai que estava se divorciando da mãe. Severino pai era natural do Rio, mas conheceu dona Eleonora em Campina Grande, interior da Paraíba. Sonhos de uma noite de São João! Trinta dias de festa na cidade, mas foi num dia só, numa palhoça onde tocava Pé de Serra, que Severino pai viu uma mulata, de busto tênue, cabelos longos, dançando sozinha. Estranhou. Veio um velho coxo, a sussurrou algo. Ela saiu da palhoça. Severino não perdeu tempo. Cutucou-a no ombro.

— Dança?

— Sim — sorriu Eleonora, que já foi lhe guiando para dentro da palhoça.

Severino a puxou de leve para segredar-lhe algo:

— Você me ensina?

O sotaque carioca não a escapou.

— Você não é daqui, não, né?

— Não.

— Mas é fácil. Vem cá.

E entraram na ilha de forró. Devo enfatizar aqui que a definição “ilhas de forró” não agradava ao Severino pai, que costumava dizer que conheceu a mãe de Severino filho “numa palhoça mesmo e não numa ilha de forró!”. O trio que tocava uma música própria, agitada, passou a tocar Asa Branca num ritmo lento, melancólico. Eleonora acompanhava cada palavra. Saltitava a letra dos seus lábios vermelhos com prudência, como que se degustasse. Ela olhava para as bandeirolas e Severino se deliciava com o movimento da sua boca.

— Mais devagar — disse ela — calma... oxe, já tá pegando...

— Quase piso no seu pé.

— E se pisar, tem o quê? Tem nadinha, não.

— Me diz o que aquele sujeito falou pra ti.

— Que sujeito?

— O velho.

— Aquele velho?

— Sim.

— É que não pode entrar desacompanhada na palhoça. Eu tava com meu primo, mas ele se meteu com outra moça e me deixou sozinha aqui. Aliás, você veio sozinho?

— Não. Vim com uns amigos; um é daqui, ele chamou a gente pra passar essas férias de meio de ano na casa dele. É aqui bem pertinho...

— Você é da onde?

— Do Rio.

— Seu nome?

— Severino.

— Severino... nome bem nordestino prum carioca, né?

— Meus pais são de Pernambuco. Tá aí a explicação.

A zabumba começou a bater. Ou foram os corações?

— Tá gostando daqui?

— Só a partir do momento que vi você.

Primeiro foi o beijo para depois vir o nome.

— Eleonora... pode me chamar de Nôra.

Não era a Leonora d'O Corvo, de Poe⁶. Mas talvez o fosse não mais que um “e” maiúsculo e inicial para dar o *arché* ao gérmen corvo do filho que nasceria de suas entranhas e que é protagonista desta história. Uma ave negra que profetizará a intempérie em dias sem sombra de nuvens, no mormaço do sol, bicando a carniça. Há mais de dois mil anos esperaram o Cristo apodrecer na cruz, mas retiraram o banquete... *NEVER MORE!*...

Nôra teve a feliz chance de se perder do seu primo de vez. Severino já sabia o caminho da casa do seu amigo e a levou. Entrou pela rua do INSS sombrio àquelas horas. Chuviscava. Chegou na casa e os amigos ainda não tinham voltado. Era ainda pouco mais de meia noite. Escutavam a festa toda, mas ninguém os escutava. Nôra não era virgem, e a experiência fez com que ela aproveitasse mais cada penetração. Severino não quis gozar dentro dela, porém o orgasmo subiu cedo demais e não se separaram a tempo. Ele gemeu alto, pois sabia que ninguém ia ouvir.

Severino aquela noite deixou o telefone da sua casa no Rio com Nôra e ela se foi de táxi. Não a encontrou mais no Parque do Povo. Quando os trinta dias de festa terminaram, Severino e os amigos voltaram para o Rio de Janeiro. Meses depois

⁶ Edgar Allan Poe (1809-1849), escritor americano, precursor dos romances policiais e da ficção científica, além das suas contribuições para o gênero suspense e terror (N.A.).

recebeu uma ligação de uma tal de Eleonora, dizendo estar grávida dele. Ficara muito feliz por receber essa ligação. Queria vê-la novamente.

— Venha pra cá — ansiou ela —, meu pai abriu uma loja no centro e tá dando tudo muito certo. Ele está dizendo aqui que você pode entrar no negócio da família.

O pai de Severino tinha uma média padaria na esquina da Avenida Rio Branco, em plena ascensão. Mas ele queria era mesmo tomar novos ares. Se algo desse errado, voltaria para o Rio de Janeiro sem nenhum problema.

O negócio foi dando tão certo que Severino e Eleonora compraram uma casa no Catolé, um dos bairros nobres da cidade, antes do filho nascer. A loja de roupas só fazia crescer e era parada obrigatória para quem passasse pela vitrine — impossível não parar para apreciar o grande aquário que se estendia na frente dos manequins. Além dos atrativos visuais, o estabelecimento ficava na Floriano Peixoto⁷, próximo à Praça da Bandeira, no coração da cidade.

Júnior nasceu na Clipsi que, por mero acaso, é um hospital vizinho ao Parque do Povo, colado, para mais exatidão. Eleonora teve um atendimento de primeira, graças ao plano de saúde. O que complicou mesmo foi a depressão pós-parto. Ela nem sabia do que sofria, nem queria contar a Severino do seu mal-estar, apenas se sentia incompetente, não tinha a mínima vontade de voltar ao trabalho, se alimentava mal, gritava por nada. Ninguém via os beliscões que ela dava no filho quando não parava de chorar; os pequenos mamilos da criança, algumas vezes, eram alvos dessas investidas. Tapinhas na testa eram tão frequentes que, certo dia, o pai chegou da labuta e viu a região toda avermelhada.

— Deve ser febre. Coitadinho... — respondia a mulher.

E realmente o bebê teve febre. Mas Severino desconfiou e ela via essa desconfiança no olhar do marido — marido sim! Casaram e nem percebemos. Eleonora, temerosa, prometeu a si mesma nunca mais maltratar o filho.

3.

E não maltratara mais.

Eleonora teve mais um menino, no intervalo de dois anos. Batizaram-no Eleonor. E, mais dois anos, uma garota veio à luz. O Júnior de Severino ficara gordinho

⁷ Umas das avenidas mais importantes da cidade, senão a mais importante (N.A.).

e rosado. O cabelo adquiriu um tom escuro aos dez anos; seu irmão contava oito, e a mais nova, seis. A família caminhava bem; os negócios progrediam até que, no começo da década 1990, as medidas do governo Collor causaram uma onda de desemprego em todo o Brasil. A recessão foi um momento triste para muitos comerciantes brasileiros. Sei disso porque servi de panfleto muitas vezes — panfletagem, seja qual for o conteúdo, é uma falta de respeito para meu suporte: o papel. Devido ao gênero “panfleto”, fui pregada em muros públicos, vidros sem sentido, parada de ônibus. Servi, inclusive, para limpar cu de mendigo. Talvez por isso eu não goste muito deles. Já limpei merda de muita gente, mas vou lhe dizer uma coisa: limpar a bunda de gente desse tipo é humilhação demais. Afinal, por que eles se limpam? Fedem do mesmo jeito! Se feder pior num dia ou noutro ninguém vai reparar.

Não posso reclamar dessa casca branca ou amarelada que me serve de suporte. É o único jeito de sair da mente dos homens. Já me colocaram na areia da praia, mas o mar me apagou. A lousa algumas vezes me representa, dissipando-me logo depois para os cadernos menores de criaturinhas ignorantes. Alguns me esquecem para sempre. Outros me alargam com os seus diários — Anne Frank⁸ que o diga! Não me importo se são escritores natos ou aspirantes ao fracasso, contanto que continuem a escrever... Ah! E as poesias? Aquela poesia que nos corta as paixões, cicatriza a alma; a que nos custa muito, nos paga em dobro; aquela que nos esfolta, acolhe; a que nos mete a mão na cara, essa sim nos ama e com amor criou-se; se ela dá náusea, faz rodar nossa cabeça... não se preocupe, ela está nos curando... Quanto mais devora, inda mais vivifica. Em suma: não importa quão feia seja, pueril também, ou até monstruosa, desde que seja poesia!

4.

Desculpem-me. Sair do foco mais uma vez. Não vou prometer que não o farei mais, pois o farei em demasia. Portanto, não pedirei mais desculpas. Ossos de ofício...

Como eu estava narrando, o Brasil passava por uma crise financeira e isso atingiu o comércio, portanto também atingiu a família Severina. Severino pediu ajuda ao pai que lhe enviou uma quantia assim que pode. Junto à quantia veio um presente para os netos: um Super Nintendo. A padaria no Rio de Janeiro parecia não ter sofrido

⁸ Anne Frank (1929-1945) foi uma judia que viveu na Alemanha no período da Segunda Guerra Mundial. Ela e sua família tiveram de deixar sua casa para se esconder no anexo de um sótão onde Anne portava um diário. Conhecemos a história da adolescente que morreu aos 15 anos de tifo num campo de concentração a partir deste registro (N.A.).

com a crise, muito pelo contrário. Isso se tornou um atrativo para Severino. Mas Eleonora não quis saber dessa história de deixar a Paraíba.

— Biu, nem quero saber que você tá pensando em ir pro Rio, viu? Férias até que vai, carnaval é bom, mas morar lá nem pensar, escutou?

— Que merda, Nôra! Que merda!

Severino insistiu mais alguns dias sem conseguir êxito. O humor dele já o violentava. O afeto que sentia pela mulher estava se esvaindo. Chegava em casa torcendo para não escutar sua voz. Os negócios estavam afundando. Severino não se sentia realmente no seu lar. Era hora de acabar com o casamento de dez anos, quase onze! Conversaram. Eleonora sentiu-se muito mal depois. Não dera resposta. Os filhos começaram a aparecer com os olhos roxos. Eles diziam que apanhavam na escola. Júnior era o único que parecia incólume. A criança sabia o que estava acontecendo e ria da condição dos irmãos mais novos. Às vezes, até ajudava a mãe com o trabalho de espancá-los.

— Não levanta a mão pro Biuzinho! — defendia a mãe quando os irmãos tentavam se defender.

O pai soube. O escândalo foi grande.

— Não, Severino! Não bata no menino! É um menino bom, é bom. É criança, Severino! Irmão briga. É assim mesmo.

— Você tá mandando ele bater nos irmãos!

— É irmão, Biu! Deixa!

— Sua doida! Vai pra puta que pariu! Foda-se!

— Não, papai! — abraçou-o Júnior choroso.

— Depois de manhã... do seu aniversário, a gente vai pro Rio, entendeu?

— Não tira meus filhos de mim, Severino!

— Vou levar o mais velho. E não quero mais falar sobre isso, sua desequilibrada!

Júnior se trancou no quarto o resto do dia. Eleonor batia na porta, sem conseguir resposta. Pensou que o irmão estivesse chorando baixinho e o deu mais um momento. Tornou a bater levemente. Apesar de estar com raiva de Júnior, não teve coragem de insistir mais. Foi dormir com a mãe, já que o pai roncava na sua cama. E Júnior? Chorando que nada! Talvez tenha sofrido vinte minutos na clausura voluntária, não mais. A verdade é que deixou o som da televisão mudo, ligou o Super Nintendo e após alguns rounds em Street Fighter, não lembrara mais da discussão. Jogou videogame até dormir.

5.

No começo, o console era disputado entre os irmãos. Carolina, a menina, se restringia a ficar observando-os na jogatina. Torcia para que os irmãos não caíssem em buracos no Super Mario, ou ganhassem a luta seja em qual jogo for. Surtava quando os irmãos a chamavam para jogar. O videogame ficava no quarto do Júnior, o que contribuiu para que a posse fosse declarada tempos antes do incidente.

— Ei, o que vai fazer? — perguntou Júnior ao ver o irmão desenrolar o fio do joystick.

— Vou jogar, por quê?

— Por que é meu.

— Quem disse?

— Tá no meu quarto... é meu! — Júnior empurrara o irmão que caiu de bunda.

— PAI! PAI!

— Sai do meu quarto!

— Eu saio, mas... — deu um murro no queixo de Júnior e correu para seu quarto. Trancou-se.

— Tá fodido comigo, seu fresco! — berrou Júnior aos prantos.

A irmãzinha escutava tudo do seu quarto, enrolada num pequeno lençol, que cobria um medo enorme. É coisa dos irmãos mais velhos. Não meteria o nariz. Ficou um tempo sem ver o Júnior jogar. Sua espinha congelava só de pensar nos gritos do irmão. Suou frio quando ele a chamou.

— Carolzinha, vem cá — ela botou a cabeça quarto adentro. — Olha! Vou passar daquela fase agora.

Carolina sentiu-se refém. Teve que fingir interesse pelo vício do irmão. O que fez Júnior muito feliz. Por que, na verdade, era isso que ele queria: uma espectadora que levantasse seu ego ou lhe aconselhasse nas dificuldades. Um Virgílio⁹ pessoal que não o deixasse cair nos perigos do vale das sombras. Estava fadada ao irmão. No dia que o irmão mais querido pegou catapora, ela o abraçava constantemente para se contagiar, como que para dizer “estou aqui contigo, meu querido irmão; carreguemos a mesma cruz”... Ora! uma

⁹ Públio Virgílio Marão (70 a.C. – 19 a.C.), poeta latino que escreveu o poema épico *Eneida*. Dante na sua *Divina Comédia* traz à tona a figura de Virgílio que na obra representa a razão personificada, guiando-o entre os ciclos do inferno e do purgatório.

menininha não adquirira atos de compaixão do vazio! Eu só queria ilustrar como Júnior hoje, um quarentão, lembra-se dos cuidados da irmã. Talvez ela tenha vindo com abraços e beijinhos por cima da sua enfermidade apenas com o fito de faltar aula. Mas deixemos imaculada a recordação do nosso herói. Tudo o que está alheio um dia será encontrado! Já pulei para o Júnior adulto? Calma lá! Estamos ainda nas boas recordações. Narrei as brincadeirinhas dele? Vamos sem pressa. Atiremos lentamente no túnel das lembranças.

Júnior cuspiu nas unhas para que parecessem estrelas. No dia que passou o brilho da irmã levou uma pisa do pai. Acabrunhadas essas estrelas serviam de enfeite para imensidão do firmamento negro, levemente vermelho, como Coca-Cola. Mas não quero falar da abóbada das noites de transgressão, não agora, talvez em outro capítulo. Olho naquelas lonas pretas! Quando se brinca de fazer barracos no quintal, sol a pino, um barraco bem feito, pode-se ver negridão num espaço sideral. Mas como seu pai só tinha lonas pretas com bastantes furinhos, Júnior costuma nomear-se detentor da galáxia. Mas ele precisava de mais gente para tornar a brincadeira séria. Foi quando teve a ideia de pedir que a irmã trouxesse as amiguinhas para formar um grupo espacial. As mulatinhas, branquinhas e duas pretinhas adoravam fazer tudo o que Júnior pedia: enchiam baldes para lavar os pés do garoto — fingindo ser escravinhas —, os cabelos também, depois o penteavam com cuidado de mulherzinhas, faziam suas unhas, o perfumavam, cheiravam-no. O senhor, a maioria das vezes, pedia para ficar com cinco escravinhas dentro da sua “casa”, e o restante ficava vigiando para ver se não vinha alguém. Uma fila indiana era formada para chupar o pequenino pauzinho do amo, ainda desprovido de pelos. O engraçado era que quando uma terminava o oral, a próxima enxugava o pênis do garoto com uma toalha de rosto — que traziam de casa —, pois declaravam que uma sentia nojo da baba da outra. A mais velha era um ano mais jovem que o protagonista. O senhor se considerava o mais maduro, apesar de a diferença de idade ser tênue. Veja que a mais nova das amigas tinha apenas dois anos a menos que ele. Ah! Quando crianças, basta-nos apenas um ou dois anos para enxergarmos hierarquias. Duramente, na fase complexa, mal discernimos o grau de satisfação moral, de prestígio viril ou de sanidade matura de outrem. Naquela infância, por exemplo: uma amiga de Carolzinha, Suzana, que contava dose anos na época, achava-se a putinha de moral inabalável, só porque namorava um bastardo quatro anos mais velho que ela. Hoje, Júnior vê isso com graça: com seus trinta e tantos, vive com uma

Lolita — a diferença de idade não é deveras grande como na obra de Nabokov¹⁰. A estrada da diferença de idade parece ser longa na infância; na vida adulta ela some, fazendo com que o homem desça por uma ladeira sem freios.

Mas e Carolzinha, sua irmã querida? Como ela ficava nessa história? Assim como nos videogames, ela apenas observava com excitação. Pura excitação! Quanto prazer nos oferece os olhos! Enquanto as menininhas riam com as cenas, Carol prestava atenção fixamente. Prontidão degustada no mais sublime prato: refeição da alma; desejos íntimos do corpo; prolongo do amor! Dirigia o olhar em fogo nupcial para a boquinha das suas amigas — ... subindo, descendo... —, num girar de línguas em volta de uma minúscula parte apaixonadamente durinha. Depois a face: Júnior fechava os olhos e empurrava o cocuruto das amiguinhas para baixo. Gargantas eram orifícios de prazer. Algumas se engasgavam, o que gerava uma onda de gargalhadas. E Carolzinha? Não saía da seriedade. Sabia que à noite seu irmão era exclusivamente seu. *Todinho meu!* Mas a recepção de Júnior não foi boa. Pela noite, ela saiu da cama para dormir com Júnior. Chegou se aconchegando em posição fetal por baixo dos lençóis.

— O que você quer? Vai dormir na tua cama.

— Agora sou eu, Juninho!

— Psiu! Fala baixo! É você o quê?

— Vamos namorar um pouquinho agora?

— Nã! Sai daqui.

— Vem, Juninho. Se não conto pro papai e pra mamãe tudo o que você fez, lá no quintal, na casinha.

Júnior teve medo da irmã. Tinha de ser feito. Ela contava apenas sete anos quando abriu a primeira vez a boca para acolher um pênis. Poderíamos chamar de pênis aquela coisinha que nem ao menos ficara considerável em ereção?

— Cadê? Por que não fica duro? — essa foi a primeira reclamação de Carolina sobre o desempenho sexual de um “homem”.

— Não sei — e essa foi a primeira frustração de Júnior. — Não sei.

Carolzinha levantou seu vestidinho de dormir e ficou esfregando-se no pauzinho mole do irmão. Nada. Ainda não. Ela já suava de raiva e ciúme das amiguinhas — *Por que com elas sim e comigo não?* — quando Júnior teve a feliz ação de fazer um oral na irmã. Os

¹⁰ Vladimir Nabokov, escritor russo. Só chegou ao conhecimento do público global com sua prosa em Língua Inglesa. O romance *Lolita* (que virou longa-metragem dirigido por Kubrick) se transformou num dos livros publicados mais polêmicos, posto que a narrativa mostra um professor de poesia francesa apaixonado por sua enteada de doze anos. (N.A.)

lábios vaginais eram tão pequeninos que podiam até mesmo ser confundidos com os beijos de uma criança mais velha. Foi rápido. A pequena já se deliciava quando Júnior parou.

— Tá bom, acabou, vai pra cama.

Carolzinha foi. Dormiu satisfeita naquele dia: feliz e molhadinha.

6.

Júnior sempre teve estranhices. Mas que bicho não tem? Por exemplo, quando ele demorava muito no banheiro, o local ficava com bom cheiro. Defecava mel? Repare como a imaginação de um menino é genial: Júnior gostava de fazer poções mágicas no vaso sanitário e as misturava com a descarga. Os ingredientes que ele usava eram xampus, condicionadores, sabões líquidos e, às vezes, perfumes e colônias da sua mãe. A boa exalação nunca causou estranheza aos pais. Sua mãe só foi perceber quando, numa mistura especial, Júnior teve a ideia de despejar metade do frasco de um caro perfume. Quando ele saiu do banheiro, Eleonora sentiu um forte cheiro. O resto de espuma branca não deixara enganar. A mãe ainda teve ímpeto de colocar o dedo nas bolhinhas para sentir a fragrância. Foi ao guarda-roupa e não viu seu perfume. Voltou ao banheiro e o frasco vazio fora encontrado no lixo.

— Ô, Júnior, venha cá.

— Tô me vestindo! O quê é?

O filho estava petulante e Eleonora não permitiria que isso continuasse. Lembre-se que ela prometera a si mesma que não maltrataria mais o filho, mas isso faz muito tempo, quando bebê... não bateria no filho mais velho, não senhora!

— Venha cá agora!

Júnior apareceu só com uma bermuda.

— Que foi?

— Ah, condenado! — ralhou a mãe entre dentes — O que você tá fazendo com os meus troços? Bem que eu tava notando que os condicionadores não duravam uma semana... agora com meus perfumes... veja, veja lá!

Júnior ouvia com constrangimento. Eleonora falou mais algumas coisas de mãe, que as coisas estavam difíceis e, mesmo assim, ele continuava jogando fora o que de melhor ela comprava. Aquela mulher ficou cega de ódio, quase chorou. *Espera que você me paga, sua peste!* Era um mau dia para ela, talvez. Foi até o guarda-roupa e escolheu o perfume mais barato da prateleira.

— Tá vendo esse aqui? — ergueu ao filho, balançando, deixando cair um pouco — Esse agora é seu! Já que você gosta de jogar no ralo coisa cheirosa, agora você vai é mijar perfume! — com a mão, Eleonora forçou um biquinho em Júnior e tentou despejar o líquido goela a baixo. — ABRA A BOCA! — o garoto gemeu, chorou. Tomou perfume barato até descer a terceira lágrima. — Vai pro quarto já!

Enquanto o irmão arrotava a fragrância — o que, de fato, foi engraçado — Eleonora ria mentalmente, pois escutara tudo. A irmãzinha congelava nessas horas. Não ria nem se compadecia. Prepotência infantil.

Mas acho que retrocedi na narrativa. Onde fui parar? Que seja no aniversário de doze anos de Severino Júnior. A pior “festa” de aniversário — e última — da sua vida. Mamãe preparou um bolo enorme; papai trouxe uns salgadinhos e as velinhas. Ambos não se olhavam. Os irmãos, de olhos roxos, raramente levantavam a cabeça. Eleonora servia a todos, menos ao marido. Era Carolzinha que fatiava desajeitadamente o bolo e levava ao pai. Quando queriam se comunicar, marido e mulher pediam discretamente que os filhos falassem por eles. Isso causou uma onda de melancolia na já melancólica festinha. Nunca se vira festa de aniversário mais quieta. Esqueceram até de cantar os parabéns. Na verdade, quando Eleonora ia dar a primeira palma para cantoria, ela se engasgou num choro horrendo e se recolheu no seu quarto. Severino colocou as mãos na cabeça. Os meninos começaram a chorar, abraçando o pai. Uma lágrima da pequena Carolina furou o seu gélido estado de morbidez. A paralisia que sentia transformou-se em desgosto. Não conseguiu parar de chorar o resto da noite.

Por que os pêssames parecem chegar mais cedo, enquanto as congratulações sempre têm gosto de atraso?

7.

Arrumaram as malas ainda pela manhã e conseguiram um voo ainda naquele dia. Fariam a rota de Campina Grande para o Recife e só aí embarcariam para o Rio de Janeiro. O adeus à família foi ligeiro, quase que forçado — Severino odiava despedidas e o filho aprendeu a odiar. Eleonora se agarrou ao filho como uma desesperada. Carolzinha deu um tchau tímido, deixando Júnior decepcionado: ele esperava que, como nos filmes, a menor das crianças fizesse um escândalo, agarrasse-o com os braços enquanto os adultos a puxavam de volta. Mas não foi assim. A pequena mal reagiu. E só se despediu mesmo porque a mãe insistiu. Agora seu irmão, esse sim!, tomou iniciativa para se despedir dele com ar de saudade,

com um abraço rápido, mas apertado. Apertou tanto que, por um segundo, Júnior achou que sua real intenção seria machucá-lo — já que Júnior levava o videogame na mala, disse ao pai que só ia com o console, o pai aceitou sabendo que ia pagar por excesso de bagagem.

Enfim, veio o táxi. Júnior ainda baixou o vidro e disse baixinho um “tchau, mamãe...”, a deixando a carpir.

— Centro, por favor — disse Severino ao taxista.

O carro partiu deixando a família para trás. Miúda, ainda fixavam o olhar no carro. Balançando um pouco, Júnior sentiu enjoo. Não um enjoo normal. Mas daqueles de nostalgia. Enjoos de “nunca mais”. Depois de muito esforço, derramou uma lágrima.

— Vamos nos despedir da cidade, meu filho — falou o pai, retirando-o do limbo da saudade precoce. — Praça da Bandeira, por favor... Júnior, você já jogou milho pros pombos? Nunca tivemos essa oportunidade juntos. Tempo tivemos, só que nunca soubemos aproveitar.

Mas não era Severino que não gostava de despedidas? Despedir-se de um espaço era mais fácil que de um indivíduo. Mas o indivíduo não é um espaço? Talvez até as lembranças sejam escombros do presente. Tempo e espaço se chocando num ser humano feito de passado/presente/futuro. Tomara que as ciências um dia expliquem melhor essa constatação, porque a Arte abstrai, a Filosofia especula e a Literatura... bom, a Literatura inventa. E, portanto, declaro o óbito desse assunto neste mesmo parágrafo. Linhas desnecessárias, eu sei... mas você nos conhece. E se minha conduta desagrada sua pessoa, então... largue-me!

[recompondo-me]

Passaram pelo Museu do Algodão, na Estação Velha, e, pela primeira vez, esticaram o pescoço para ver aquela velha locomotiva solitária. O pai apontou sem dizer palavra alguma. Circularam o Açude Velho. Parecia mais bonito agora. Parecia um Deus. Sua água dantes doce, agora nojenta, fazia do açude um mau presságio para tempo futuros? Publicidade das frias almas?

O taxímetro acusou quase o triplo do que Severino pretendia gastar. Quem se importa? Nunca aproveitaram a vista da cidade desse modo contemplativo. O tempo estava agradável e ainda faltavam três horas para o avião levantar voo. Dava tempo para tudo numa cidade como Campina Grande no começo da década de 1990. Mas Severino não queria muita coisa. Seu filho estava se sentindo deslocado, sem lar. Sua casa era seu pai, e seu pai estava muito disperso. Sem o estresse, parecia-lhe estranho aquele homem que sorria apreciando as coisas simples. Tão simples que Júnior não via sentido naquilo. Não só o deslocamento, mas a vontade de ir para o seu lugar. E que lugar era esse? Júnior na sua oração pessoal fitava uns pombos tentando acasalar, outros bicavam a calçada; mas, o que Júnior nunca percebera, foi o

barulho intrínseco dessas aves misteriosas, presentes na vida dos campinenses. O trânsito abafava o turturilhar dos pombos. Era algo extraordinário para Júnior descobrir esses detalhes do mundo. Seu pai veio com a mão cheia de milho e jogou próximo ao filho. Os pombos o cercaram. Foi seu momento de magia até que subiu um cheiro de merda. Cagaram na cabeça de Júnior. Ele não sentiu de prima, mas seu pai gargalhava muito e apontava para sua cabeça, foi então que ele notou.

— Espera, vou comprar água.

Almoçaram no Centro mesmo. Júnior não se lembrava de ter almoçado fora até então.

— Olha, tem detergente no banheiro pra você passar nessa sua cabeça. Aproveite e lave as mãos.

— Pai, você não vai lavar também?

— Faça o que eu digo, mas não faça o que eu faço.

8.

O voo foi tranquilo. Desembarcaram no Galeão.

No terminal, eles lancharam em uma das duas praças de alimentação oferecidas pelo aeroporto. Júnior ficou impressionado com a desigualdade de extensão entre o Galeão e o nanico Aeroporto Presidente João Suassuna — nanico agora, já que viu o grande Galeão, considerado o segundo maior do Brasil. É como se alguém que nunca tivesse visto água se impressionasse com uma piscina de 25m² e, logo depois, visse a imensidão do oceano. Espero que não leve a hipérbole muito a sério...

Olhava para todos os lados, esbarrando em alguns transeuntes. Passou pela livraria e sentiu vontade de pegar uma daquelas revistas coloridas e picotá-la toda. Assistiu ao vídeo transmitido em libras no saguão, descobrindo movimentos engraçados que parecia lhes querer transmitir algo. Enfim, pegaram um táxi rumo à avenida Rio Branco. Já era noite e Severino não sabia se ia primeiro à padaria, fazer surpresa ao pai, pois este trabalhava até tarde, ou se ia direto para casa, descansar. Que seja a padaria! Então pediu ao motorista que os conduzissem a uma padaria quase de esquina com a Rua do Ouvidor, próxima duma livraria. Passaram pela avenida Rodrigues Alves — engraçado que em Campina Grande também existe uma Rodrigues Alves, sendo que é rua. Os homens metódicos decidiram que a do Rio seria avenida e a de Campina seria rua —, Júnior esticou o pescoço o quanto pôde para vislumbrar

a paisagem antagônica entre as luzes dos grandes e médios barcos e as escuras águas do Porto do Rio; entraram pela Praça Mauá e seguiram reto pela Rio Branco.

— Estamos bem próximos da nossa nova casa, Júnior — disse o pai com um suspiro de alívio.

A barriga de Júnior roncou. Foi bem conveniente, já que chegaram à padaria na hora da ceia. Severino desceu do carro e pediu para que o motorista aguardasse um instante. Júnior foi atrás do pai. Pensou que ele ia comprar algo para comer quando viu o seu pai abraçando um homem gordo de avental, touca, completamente branco, com jeans azul. Júnior, a princípio, não entendeu.

— Eis aqui teu neto, pai... vem cá, Júnior.

— Tô com fome... — sua voz foi estrangulada pelo abraço gordo. Estava suado, mas com um cheirinho bom.

Júnior ficou meio constrangido. Seu avô tinha o que ele começara a chamar “cara de empregado”. Seus olhos tinham um tom esverdeado bonito, porém o semblante sofrido, o cabelo grisalho e a falta de jeito faziam-no uma figura subalterna aos olhos do neto.

— Pai, tô com fome.

— Ôôô.... vire pra cá... — puxou-o o avô novamente. — que menino bonito, Biu. Isso é o que se dá quando se mistura um carioca bonitão com o sangue do povo do Nordeste. Mas, meu filho tá com fome, tá? Chegue, venha...

Seu avô o conduziu à mesa e mandou que um dos empregados trouxesse um pão saindo do forno com pedaços de queijo e presunto. Júnior não gostava de presunto, mas quando enfiou tudo no pão quentinho a delícia fez seus olhos umedecerem. Nem esperou a soda que o pai trouxera. Júnior pegou mais outro filete de presunto e engoliu no cru. Aprendeu a gostar de presunto!

9.

Do apartamento dava para se ver boa parte da Praça Mauá. Foi fácil para Júnior se acostumar ao Rio de Janeiro. Ficou o restinho de ano sem ir à escola e no posterior estava fervilhando de vontade de frequentar novamente a sala de aula. Graças ao avô, Júnior iria se matricular num colégio particular, um dos melhores do Rio. Aliás: seu avô se chamava Jesus. Jesus lhe presenteava com a mesma frequência que Severino o educava. Num dos seus presentinhos, Jesus o deu um cartucho original para seu Super Nintendo. Era o Super Metroid. Concomitantemente, um livro juvenil: O Pequeno Príncipe. Como eu já previa, o jogo ocupou

mais tempo do menino do que o livro. Finalizou — ou “zerou”, como dizem — a saga de Samus Aran¹¹ antes de terminar a do Pequeno Príncipe. Mas, enfim, ao terminá-los sua mente dilatou. O vislumbre dos prazeres irreais não o bastava. Certo dia passou o Laranja Mecânica na TV. Ele assistiu até a cura de Alex, até a última cena, no último movimento da 9ª de Beethoven. Não saiu do quarto até o fim da película. O filme de Kubrick foi um impacto devastador na criança que, apesar de não entender bulhufas do longa, causou-lhe um sedutor estranhamento. Não sabia se Rio de Janeiro lhe causava certas transformações no humor ou se seu gênio era que se transformava na cidade maravilhosa. Certo dia escutou barulhos de tiros. A empregada correu e pediu para que ele se abaixasse. Dona Creusa fez o mesmo. Quando o barulho se foi, ela percebeu que Júnior estava rindo, em posição fetal. Seus olhos se comprimiam num sorriso avassalador. O que a deixou sem jeito. Aprumou-se e mostrou os seios à criança. Júnior ficou sério. Contemplava aqueles seios mulatos e fedidos com a ânsia de tocá-los. Nunca vira peitões tão grandes com picos escuros.

— Você gosta? Pode pegar. São seus.

Quem ria agora era Creusa. Júnior abriu a boca o máximo que pôde, mas não conseguia chupá-los por inteiro. A mulata quarentona já sentia os dentes do menino. Deu-lhe uma tapinha na cabeça.

— Ai, menino! Assim não!

Júnior não gostou do modo materno pelo qual a empregada lhe repreendeu. Deu-lhe uma mordida no peito até que teve a certeza que ficaria a marca. Creusa gemeu de dor. Irou-se e os recolheu. Na mesma noite, quando o pai e o avô chegaram da labuta, Júnior foi dizer que a empregada estava com enxerimento pro seu lado.

— Ah, é? — exclamou o avô — O que ela fez?

— Tava dormindo e ela veio pegando logo no meu pinto.

— Mesmo, Biuzinho?

— Mesmo, vô.

— Bem que eu achava ela muito assanhadinha pro meu gosto.

No dia seguinte, seu avô a despediu. E na mesma semana contratou outra, mas novinha. Foi a primeira paixão de Júnior. Ela escondeu o tempo que pode de onde era: do Morro do Alemão. Dizia que era de Higienópolis, mas quando Jesus a flagrou ao telefone perguntando se teria baile funk no “Morro”, ela contou a verdade. A verdade sim, porém sob pretextos.

¹¹ Heroína da série *Metroid*.

— Mas o Complexo não é juntinho com Higienópolis, senhor? É quase a mesma coisa. Pode ver, pode ver.

Mas ela parecia tão retraída para ser do Morro. Júnior gostava muito de criar estereótipos dos semblantes. A cara dela não parecia cara de quem morava em Morro, e achou que foi por isso que seu avô a deixou se hospedar num quartinho ao lado do seu. Ela podia voltar para casa nos finais de semana.

— Vou sentir saudade demais de tu, Juninho.

Júnior corava. Não sabia o motivo da masturbação até então. Todo mundo falava em bater punheta, mas quando ele o fazia, não via nada demais, além de deixá-lo de pau duro. Certa vez, ele insistiu na fricção, estava deitado, pensando na empregadinha. *Sabrina!* Quando menos se espera, vem o turbilhão subindo-lhe. Ele se curvou, veio a euforia, e uma gotinha de líquido branco saiu pela abertura da uretra; então veio o repouso, a queda. Ele passou o dedo e esfregou-os, polegar e indicador, depois cheirou. O odor, sem dúvidas, era peculiar, e o estado pastoso parecia sabonete líquido. Foi ao banheiro e lavou as mãos rindo. Descobriu o orgasmo.

No dia subsequente, sábado, ele se masturbou cinco vezes. No domingo, quatro. Na segunda-feira, Sabrina estava de volta. Acordou cedinho só para vê-la rebolando com fones obsoletos no ouvido, enquanto lavava a louça. Na verdade acordou com o toque do telefone que a empregada não ouvira.

— Alô?

— Júnior, já tá acordado? É o pai. Chame aí a Sabrina.

— Certo.

Foi até a cozinha: ela ainda sacudia os quadris. Suas pernas eram fininhas, mas sua bunda compensava o que nas pernas faltavam. E os seios? Levemente pequenos, mas nem tanto. A bunda parecia que estava em epilepsia e era sua boca que ditava a doença do funk carioca. Júnior tocou-lhe no ombro. Sobressaltou-se. Viu o garoto fazendo um telefone com a mão, comprimindo-a contra a orelha. Ela enxugou as mãos num pano de prato e foi até a sala.

— Alô... sim... senhor?... hum... tô... tá, senhor... Severino. Até!

— Era teu pai — chegou à cozinha. Júnior bebericava leite num copo de plástico.

— Foi. O que ele disse?

— Só umas coisas pra fazer. Umas instruções, sabe?

— Sei.

— Quer café não?

— Não. Hoje não.

— Por que não? Café não é bom todo dia, não? Hein? Vou preparar um fresquinho. Quero ver se você recusa.

Júnior corou. Seu pênis enrijeceu.

— Vou tomar banho por enquanto.

Tentou virar de costas antes que se levantasse por completo. Júnior achou que, rapidamente, Sabrina tinha visto sua libido carregada. Caminhou a passos ligeiros na direção do banheiro.

— Juninho! — Sabrina o assustou.

— Oi? — ele tentou não virar.

— Tu vai tomar banho sem toalha, rapaz? — o menino começou a suar. — Deixa, deixa, pode ir. Eu levo a toalha pra ti.

Júnior se trancou no banheiro, ligou o chuveiro e começou a louvar o prazer sentado no vaso. Cume, base; sobe, desce; mão desliza. Pênis seco. Cuspiu. A saliva matinal era mais bruta.

— Tá aqui a toalha — a sombra da empregada preencheu as brechas da porta. O negrume ficou por mais algum tempo. Só saiu quando Júnior gozara.

Nunca tomara ao se acordar e não sentia disposição. Mas não podia voltar atrás. Estava suado mesmo. Se jogou pra debaixo da água fria. Foram tantos erotismos na cabeça que ele esquecera que o chuveiro tinha ducha. Sabrina berrou que o café estava pronto e que ele não se demorasse, *pra não esfriar*. Fria já estava sua libido. Saiu do banheiro e Sabrina espiou entortando o pescoço. No quarto vestiu uma bermuda apenas, nada de cueca. Tinha certeza de que não ficaria novamente excitado. Realmente não ficara. Olhava Sabrina, que não parava a boca, sempre beliscando algo; reparava no fogo azul em contraste com as panelas prateadas que fumejavam.

— Já tá preparando o almoço? São oito horas agora...

— Mas tem que começar cedo, Juninho. Teu pai e avô chegam antes do meio dia. Tudo deve tá pronto, tu *num* sabe?

Júnior sentira o dedão da moça deslizando sua canela. A unha estava grande.

— Ai! Desculpa, Juninho.

— Desculpar o quê?

— Não doeu?

— Doeu o quê? — Júnior fingira não ter sentido.

— Eu fiz isso, ó... — e ela novamente deslizou o dedão sobre sua canela, só que dessa vez bem mais suave, passando pelo joelho até a coxa, chegando bem perto do escrotal.

— Desculpa, Juninho?

— Desculpo sim!

— Já terminou? Quer outra xícara? Lembre que seu desejo é uma ordem.

— Não, não... obrigado. Vou pro quarto jogar.

— Tá bom, então. E eu vou terminar as coisas por aqui. Qualquer coisa é só chamar, viu?

Júnior se trancou no quarto excitadíssimo. Começou a massagear o pênis e a contorcê-lo, mas sem vontade de se masturbar. Deitou na cama e ligou o Nintendo. Passou a manhã jogando até que os adultos chegassem. Almoçaram todos juntos, menos Sabrina que ficara de pé servindo.

— Senta, Sabrina — falou Severino. — Dá agonia ver você pra lá e prá cá.

— Senhor?

— Sente e almoce com a gente — falou ele puxando uma cadeira ao seu lado.

Então todos almoçaram juntos. Júnior tirou uma sesta de quatro horas e acordou meio desnortado. Não tinha ninguém em casa. Cadê Sabrina? Chegou dizendo que foi comprar algumas coisas para o jantar, mas que acabou desistindo por que queria aproveitar o que tinha em casa mesmo. Ela preparou um sanduíche de queijo e presunto para Júnior e um copo de suco de laranja. Comeu no quarto e acabou adormecendo outra vez. Acordando viu que passara da meia-noite. Para não usar a hipocrisia dos eufemismos: seu sono noturno foi pra puta que pariu. Deu uma volta pela casa. Encheu um copo de água gelada e ligou a televisão num volume super baixo. Já que tinha TV a cabo, coisa que não tinha em Campina Grande, aproveitou para dar uma boa conferida nos canais pornôs. Para sua decepção, estavam todos bloqueados. Desligou o aparelho e ficou no silêncio. Sem camisa, e ainda com o calor do Rio, abriu a janela para tomar um ar. Lembrou-se da mãe. Dos irmãos; principalmente de Carolzinha. Já se passara duas semanas e ele não conseguia sentir uma saudade dolorosa. Sentia falta sim, mas uma falta tênue, como se sente falta de um brinquedo desaparecido que quando se dá conta — “onde está mesmo?” — ele não está mais no canto em que fora deixado. Não posso dizer que não era um vazio sincero. Mas tão pequeno era quanto um buraco de agulha.

Seus pensamentos foram interrompidos pela lembrança recente de Sabrina. Fitou a porta do quarto da moça e indagou se ela a trancava ou não. Claro que trancava, pensou. Afinal, é uma residência onde só moravam homens... *só homens*. Por um instante pensou quão

fácil foi uma mulher tão jovem e bonita aceitar um emprego e ainda morar numa casa onde só tinha homens. Mas voltou-se à porta. Foi pintada recentemente e ainda tinha um cheirinho de tinta. Imaginou que a porta era um monstro marrom plantado na entrada dum palácio, guardando uma ninfa prateada. Sabrina, assim como dona Creusa, era mulata — só que nem um pouco parecidas —, mas Júnior a imaginava prateada e com cabelos vermelhos. Chegou perto do monstro marrom e, num gesto cálido, o cheirou. Seu odor era de plástico novo, ou Júnior achava que era. O garoto então apertou a mão metálica e o monstro permitiu que olhasse por uma fresta. A pequena faixa de luz que entrara pelo quarto exibia uma cama vazia e arrumada. Júnior desconcertou-se. Onde estaria Sabrina? O monstro voltara a ser porta e a pequena fresta se expandira num rangido. Ele ligou a luz. Ninguém no quarto. Júnior sentou na cama e a ocasião o fez deitar. Seus olhos estavam alucinados. Viu umas fotos pregadas no guarda-roupa: ela com um vira-lata ofegante, outra com um velhinho fumando alguma coisa enrolada num papel escuro, algumas amigas a abraçando. O aposento era minúsculo e o calor, sufocante. Saiu do cubículo encostando a porta e se voltou ao ar fresco da janela. Via um pedaço da Praça Mauá, alguns carros passando, buzinando de leve, motos, táxis rodando... um táxi parou na entrada do prédio. Sabrina desceu. Desceu também Severino. Júnior ficou boquiaberto quando eles se beijaram na rua. Correu pro quarto. Quando escutou a porta da sala se abrindo ficou alerta. Não entendera nada daqueles sussurros que destruíram o silêncio frio. Ouviu um rangido e uma batida apenas. Risadas quase inaudíveis. Júnior espiou do seu quarto e soube que naquele dia seu pai dormira com a empregada. E que quando um homem e uma mulher “dormem” juntos, na verdade não dormem: eles trepam. O verbo dormir fora deturpado. Quando se usa com sujeito simples, é o ato de pegar no sono, apagar por uns instantes; caso o sujeito seja composto, aí a coisa muda. Júnior botara isso na cabeça durante os dias que se passaram. Na verdade ele mal sabia a diferença entre verbo e substantivo, mas a ideia equivale às nomenclaturas didáticas.

10.

Júnior pediu ao pai que ligasse para mãe. Queria ouvir a voz materna. Pediu, pois não sabia fazer ligação interurbana, e Severino custou a lhe ensinar depois. Eleonora atendeu com voz cansada. Quando ouviu a voz do filho, seu timbre chorou.

— Meu amor, como você tá? Tá tudo bem? Tá se alimentando direitinho? E os estudos?

— Tá e tô, mãeinha.

— Tô morrendo de saudades, meu filho. Queria tanto te abraçar.

— É, eu também.

— Meu filho vem me visitar, vem?

— Vou.

— Quando vem?

— Sei não.

— Olha... Teus irmãos chegaram agora da escola... fala aqui... ô Carol!

Júnior ficara apreensivo. Escutou baixinho a voz da mãe: “é teu irmão, oxe! Fale com ele...menina lesa”. Não chegou a ouvir a voz da irmã. Provavelmente apenas balançara a cabeça negativamente. “Pera aí, que eu falo. Vou beber água.”, era Eleonor. Esse ele não queria ouvir. Ficou hesitando em colocar o telefone no gancho, mas queria ouvir mais um pouco, seja lá quem quisesse falar.

— Diz, boiolinha — o irmão falou ansiosamente — Tá enfiando ainda a vassoura na bunda?

Que é isso, menino? A mãe puxara o telefone, porém, antes que pudesse dizer qualquer coisa, Júnior desligara.

— Satisfeito? — indagou o pai sentado na sua frente. Ele fez que sim com a cabeça e ligou a TV.

Severino queria desvincular totalmente os laços do filho com a mãe. Sabemos que apenas com a mãe. Pois noutro dia ele pedira que Júnior ligasse para os irmãos a fim de saber como passavam. Sempre a mãe atendia, por isso quem sempre ligava era Júnior. O pai só uma vez perguntou como ia Eleonora e, por conseguinte, Júnior perguntou como Carolzinha estava. A pequena atendia somente ao pai.

— Ué, mas você não fala com ela?

Júnior baixou a cabeça. Severino na mesma hora pegou o telefone.

— Alô? Chame dona Carolina aí... — ele pausou, gaguejou um pouco e então pediu com voz mansa: — chame minha filha, por favor, Nôra. — por alguns instantes ficou mudo. A vista em negro ficou. — Minha filha, fale com seu irmão. Vocês não têm nada a ver com o que aconteceu comigo e com sua mãe. Vocês são irmãos, então unidos por sangue. Eu e sua mãe não. Assim como escolhemos viver juntos, escolhemos também nos separar. Viu, minha filha? Não faça isso, não. Vocês nasceram e morrerão irmãos... o quê?... sim... não, filha, não é assim que a banda toca... escute, fale com seu irmão. Vou passar pra ele...

Severino fez um gesto mudo para Júnior e este veio tímido, quase constrangido.

— Alô...?

— Oi... — a voz saiu aguda e quase morta.

— Oi, Carolzinha... tudo bem?

— Tá sim.

— E eu...? Quer saber de mim?

— Hum...

— Tô bem também.

— Tá. Tchau.

A linha caiu com uma batida forte. Júnior ainda ficou com o telefone no ouvido. Inerte. Em choque. Em alegria por ter ouvido a irmã. E, para que o pai não a repreendesse novamente, ele disse a ninguém: “Tá, tchau, fica bem.”

11.

Sabrina ficara ruiva. Surpresa e sonho. Foi como metamorfose. Os risinhos que ela soltava para o pai o incomodavam. Dias depois foi gostando a ponto de dar uma tapa na bunda da moça na frente do filho. Severino piscou para Júnior e se riram os dois.. Com a cabeça no travesseiro, pronto para dormir, Júnior se chateou com o ato visto pela manhã. Resolveu que, assim que acordasse, diria ao pai que tinha testemunhado os dois se beijando.

Disse.

— Meu filho, você já é grandinho suficiente pra saber que eu sou um homem. E um homem livre. Eu conheci Sabrina na primeira semana que viemos pro Rio. Ela precisava de um emprego e quando surgiu oportunidade de ela vir trabalhar conosco, eu não fiz caso. Conversei com seu avô e chamei ela. Antes vínhamos já nos conhecendo. Eu só fiz juntar o útil ao agradável. Ela por acaso faz os serviços aqui de casa mal feito? Sabemos que não, né?

Júnior odiava a ideia de pensar nela como madrastra. Uma madrastra que ao mesmo tempo é empregada? Não era fácil de engolir. Ah, não...

O ano definhava. Os Caras Pintadas pediram o impeachment que afastou Collor do poder, e Itamar Franco assumiu a presidência. Logo após, Fernando Henrique Cardoso, como Ministro da Fazenda, com o intuito de estabilizar a economia do país, trouxe à tona o Plano Real. Graças a esse projeto — ou na falta de um candidato melhor para o Brasil —, sucedeu Itamar Franco como chefe de Estado e de Governo. FHC foi eleito em primeiro turno.

O jerimum transformando-se em abóbora. Júnior já se sentia um carioca. Seu sotaque ainda era de um “paraibano safado”, por falta de convívio com outros da cidade — só ouvira praticamente Sabrina e seu avô. O que foi um problema na escola. Ficou conhecido na

primeira semana como Paraíba ou Paraibinha. Diziam que ele falava cantando. Nunca percebera. Passou a se policiar.

A necessidade fez com que o garoto reparasse no sotaque dos coleguinhas. Tentou abandonar a palatização para aderir às consoantes africadas /t/ e /d/ antes do /i/ (*tia, dia, titica, diva*). Depois colocou ênfase nos xis, feito uma panela de pressão.

— Que chiado falso é esse, Paraíba?

— O Paraibinha tirando onda de carioca. Olhem, Olhem!

Fizeram um círculo ao seu redor, bradavam por sua voz: “fala, Paraíba; fala, que eu te dou um beijo!; chia mais, chia mais”. E Júnior escondia os beijos, tampava a boca, ficava constrangido, rubro. Quando viram que Júnior não ia falar, escarraram-lhe na cara. Depois saíram correndo. Deixaram um Severino no chão — que já estava sem; o deixaram numa espécie de limbo pessoal. Até que... até que uma criatura de cabelo cacheado apareceu.

— Você está bem? — perguntou ela — Vem. Vamos lanchar... você tem dinheiro? Por que eu tô durinha, durinha.

Júnior enxugou as lágrimas e se recompôs. Aprumou-se e foi caminhando com a garota pelo pátio. Havia, lá longe, algumas árvores velhas, folhas secas se espalhavam pela terra batida.

— Cê tá vendo ali? É onde o povo gosta de namorar.

— É? Você já namorou lá?

— Sim. Ei, qual o seu nome, hein?

— Severino... mas todo mundo me chama de Júnior.

— Sua família, né? Ei, você devia ter dito no começo que gostava de ser chamado de Júnior. Severino é uma desgraça de feio... quem botou seu nome Severino? Ah, desculpa, ficou chateado? Foi seu pai, claro. Se você é Júnior...

— E o seu?

— O meu? Sim... o meu é Renata. — os óculos dela quase sempre deslizavam para ponta do nariz, ela os ajeitava com o dedo deixando-os mais próximos dos globos.

Seus olhos eram azuis e sua pele tão branca que veias azuis quase pulavam para fora. Renata andava e seus cachinhos tremeluziam, mostravam-se mais amarelados em contato com a luz do sol. Sempre estava com os lábios curvados ou para se preparar para rir ou pra fazer beicinho: dessa vez fizera porque não tinha pastel de frango. Parecia fazer esses gestos — que muitas vezes beirava o burlesco — para mostrar suas covinhas, o que a dava um ar angelical. *Menina feia tem covinha?* Essa indagação acompanhou Júnior até a sala de aula. Foram recebidos com risinhos discretos. Já tinha começado a aula de Língua Portuguesa. O professor

combinava com a turma para que assistissem o *Morte e Vida Severina*, de Zelito Viana, baseado na obra de João Cabral de Melo Neto.

— Severino deve ter, professor! — soltou um gaiato e tantos riram.

— Ainda não sei o nome de todo mundo decorado... quem é Severino?

— O que tem o cabeção.

Diz a lenda que todo nordestino nasce com a cabeça chata. Mas Júnior tinha a cabeça tão comum que era quase impossível corroborar essa ideia. Eu disse quase impossível. Sim, pois não podemos esquecer a coerção do fato social: um disse; todos olharam; todos acreditaram. Inclusive Júnior também acreditou quando estava pondo as mãos sobre a cabeça a fim de que parassem de rir.

— Vamos parar já! — ralhou o professor — Severino, você tem realmente o filme? Eu tinha, mas acabei emprestando, e nunca mais me devolveram.

Escutou soluços. Poucos ainda riam, mas para Severino eram todos.

— Isso é um bando de fresco! — berrou Renata — Parem, seus otário!

— Ei mocinha, o professor aqui sou eu. Obrigado.

Enfim a comédia cessou. Mas escutavam ainda o lamento trágico do herói. O mestre perguntou se ele queria ir para casa, Que sim, respondeu. Maquiou a tristeza e desceu à direção. Não quis relatar o que ouve, mas o professor disse o que viu. A diretora perguntou quem tinha bulido com ele. Mas todos estavam rindo e o docente assim o relatou. Júnior não queria apontar culpados. E assim seu pai veio buscá-lo. Júnior pediu para que a diretora não dissesse nada sobre o ocorrido, pois ele mesmo não estava se sentindo bem e em todo caso iria pedir que viessem lhe buscar. Ainda sustentou o sotaque carioca. Seu pai chegou e ele estava com os olhos no chão, com moleza no corpo, como que doente.

— Não estou me sentindo bem, pai. Tô meio tonto e com sono. Muito sono.

E estava mesmo. Tanto que a primeira coisa que fez ao chegar em casa foi deitar a cabeça no travesseiro. Sabrina alisou sua cabeça enquanto fingia que dormia. Estava arrasado, com pena de si mesmo, com ódio de todos... menos de Renata. Sabrina saiu e quando a porta se fechou, Júnior peidara.

12.

Faltou o dia ulterior. A coordenação da escola ligou perguntando por Júnior: Sabrina atendeu dizendo que ele ainda não estava se sentindo muito bem. Estava doente ainda. Doente de rancor, ódio encardido. Hostil consigo pela sua impotência. Poderia ter partido pra cima,

poderia ter alimentado sua coragem. Olhe que ele não estava tão magro assim. Conservara até um pouco da robustez.

Aproveitou o dia para dar uma volta pela Rio Branco. Nunca saíra de casa assim. Desceu pelas escadas e acenou para que o porteiro abrisse o portão. Sabrina berrou da janela, perguntando onde iria. Ele girou o dedo em várias circunferências.

— Vai rodar a bolsinha, é? — gritou a empregada com o riso de golfinho. Júnior rio de volta e caminhou.

Olhou para trás, a Praça Mauá se abria envolta de uma cobra de aço: ônibus, carros ou outras dessas latarias sofisticadas. Atravessou a faixa de pedestre e foi rumo a não se sabe onde. Andou bastante, entrou por ruas e temeu se perder. Já estava na Presidente Vargas quando avistou a Igreja da Candelária. Pegou algumas ruas sem destino — temia, mas nem tanto, pois sabia que seu ponto de referência seria a Praça Mauá —, viu um restaurante e desviou por mais uma rua. Nunca ouvira tanta buzina. Passou em frente a uma livraria. Entrou. Os livros sempre causavam um estranho prazer nele. Súbito! Viu numa estante o Morte e Vida Severina. Estava na promoção. O preço ainda estava em cruzeiro real. Júnior tinha uma quantia excedente no bolso. Pediu à atendente e comprou. Agradeceu. Saiu da livraria e foi direto perguntar a um homem bem apessoado onde ficava a Praça Mauá. Era fácil: só atravessar a rua e seguir pela avenida. Viu uma placa indicando que era a Rio Branco e se sentiu aliviado. Já podia ver os edifícios paralelos ao seu. Uma mulher o parou.

— Olá jovem! Por que anda sozinho por aqui? É perigoso, sabia? Nos dias de hoje... você tá com alguém?

— Eu moro aqui pertinho. Pedi pro meu pai... só fui comprar um livro pra escola.

Ele sentiu um frio na espinha quando percebeu que não fez o sotaque carioca. A mulher riu e deu-lhe um cafuné. E perguntou onde morava.

— Perto da Praça Mauá? Mas como? Indo pro lado errado? Aqui você vai acabar indo pro Monumento Nacional. Num tá vendo que você se perde sozinho, menino? Deixe que eu te acompanhe. Você não é daqui, não?

— Sou sim — mentiu. Desconcertou-se ao perceber que tomou a contramão. Mas como? A senhora fez girar sua cabeça a esse ponto? Perdera até a noção de que tinha um saco enrolado no punho, com um livro triste e auspicioso, um auto de natal que apenas, à luz do sofrimento, escurecia na sua consciência. Lembrou do conteúdo. Segurou firme, com adoração. Era o primeiro livro que tinha comprado com o próprio dinheiro. A mulher viu que guardava um tesouro, que aquele menino se agarrava à sacola que se fosse lhe escapar a qualquer momento, entre os dedos, derretendo-se.

— Calma, menino! Tá com medo de mim? Não vou lhe roubar, jovem. O que guarda aí?

Júnior se sentiu melhor quando ela se interessou pelo conteúdo. Talvez o ato de segurar firmemente a mercadoria tivesse por esse objetivo. Ele sacou o livro ainda no plástico.

— Ah! então é esse o seu tesouro? Agora sei o porquê guardava com tanta coragem e esmero. Um clássico da Literatura nacional! Cabral é um dos meus poetas preferidos. Gosta?

— Sim — mentiu.

— Fico feliz de ver um jovem como você interessado na poesia de Cabral. Já foi ao nordeste?

— Não.

Júnior negou o Nordeste três vezes vez. Quando negou que foi ao nordeste foi a última; a segunda foi a negação da sua origem; a primeira, na projeção da voz. Deixou de lado o palato nordestino, rústico e seco, mastigando um dialeto carioca, malandro. E, como o apóstolo que negou Cristo, ele mentiu três vezes, nas sequências anteriores, se é que o leitor percebeu. Mas a mulher fingia que não notara o sotaque forçado dele. E o acompanhava. Assoviava e olhava para a rua. Júnior ainda segurava firmemente o livro. A mulher o fitou e soltou:

— “O meu nome é Severino, como não tem outro de pia...”

Júnior olhou-a horrorizado. Esbugalhou os olhos e correu chorando. A mulher parou, perguntando-se se falou algo que não devia. Os transeuntes que passavam mal repararam, estavam preocupados com os ponteiros dos relógios, com suas pernas apressadas mal reparavam sequer no suor que descia nas suas testas.

A Praça já podia ser vista e Júnior corria sem fôlego. Esbarrou numa senhora idosa; pisou no pé de um mendigo, até que a gravidade o venceu: oh! Caiu arrastando um pouco da bochecha direita no passeio público, caindo também por cima do braço. Ergueu-se rápido. Ninguém reparou, a não ser o mendigo que o olhava de cara feia. Afinal, só reparamos em algo que nos atinge... e o livro voou. Voaria literalmente se não tivesse lacre. Apanhou-o antes de se levantar por completo. Bateu no portão. Aberto. Fechou-se forte com a ira inexplicável do porteiro. Júnior subiu as escadas lentamente, deslizando a mão sobre o corrimão. Uns arranhões se rabiscavam como relevo sobre seu braço. O monstro da porta o esperava quieto, um bálsamo no silêncio. Com as chaves, destrancou... não estava trancada. Antes de entrar, alisou sua bochecha. Parecia não tê-la machucado tanto.

— Aconteceu alguma coisa? — perguntou Sabrina enxugando as mãos.

A pergunta feriu seus ouvidos; eram os martelos batendo em finas camadas de uma redoma que guardava sua estupidez. Um grito de horror numa voz tênue, quase muda. Um raio cortando o calmo céu dum domingo ensolarado. Ele bateu a cabeça em sinal positivo e trancou-se no quarto. Jogou o livro na cama e despiu-se. No espelho, a bochecha levemente avermelhada. Afundou-se na cama num corte de desânimo. Abriu o lacre e folheou as primeiras páginas. [senti cócegas] Leu a seguinte estrofe:

Somos muitos Severinos
iguais em tudo na vida:
na mesma cabeça grande
que a custo é que se equilibra,
no mesmo ventre crescido
sobre as mesmas pernas finas
e iguais também porque o sangue,
que usamos tem pouca tinta.

Não quis saber mais de Severino. Não naquele momento. Sentiu um maligno sono. Sabia que tinha de se lavar, mas sua boca abriu-se em um bocejo e as lágrimas caíram, assim como suas pálpebras. Morreu no próprio sono. De morte morrida, vencida.

13.

Levantou menos desanimado, até com um pouco de ansiedade. Hirto. De pé. Olhos cheios de areia, ainda pesados. Cabeça: construções intermitentes do seu ser. Que horas são? Ainda nem 6. O oxigênio parecia monumental. Aquele espelho grande revelou sua nudez. Bocejou de satisfação. Sentiu agonia assim que reparou nos arranhões. Achou-se imundo. Foi ao banheiro. Ligou o chuveiro e ficou um bom tempo debaixo d'água.

Imagem poética!

A água escorria no menino; o menino escorria urina; a urina chamou as suas amigas fezes que vieram através do cu. Todos desceram pelo ralo. Exceto a merda, que precisou ser dissolvida n'água. Aproveitou e mijou em cima também. Água, urina e merda juntas num filhote de imundice. Por fim, vieram as lágrimas da tragédia. Quatro elementos. Um monstrinho marrom sorrindo. Um torvelinho de injúrias aos inimigos que Júnior ia enfrentar. O pé do *criador* de aberrações destruiu seu projeto de vida. Foi sujeira para todos os lados.

Agora era limpar, assim como Deus manda os vermes limparem a carcaça suja da terra. Aqui não há verticalização de funções. Quem tinha de limpar tudo era quem o fez. E assim foi consumado. Após a limpeza, colocou em prática os velhos hábitos. Despejou xampu, só que desta vez para todos os lados. Com o chuveiro fez seu dilúvio. E o que era imaculado sumiu. Não sobrou um cheirinho que lembrasse que existiu um monstrengo por ali. Ouviu batidas vindas de seu quarto.

— Júnior, tá melhor pra ir à escola, né? — era seu pai. — Vamo *que* vamo, já são quinze pras 7.

Júnior teve um sobressalto. Ficara tanto tempo assim no banheiro?

— Vou sim — gritou. — Tô terminando o banho.

Mas antes de ir, faremos três considerações sobre a merda [gostei da trindade numérica]:

“Se merda fosse dinheiro, pobre nascia sem cu”, provérbio popular;

“As broas de cevada que você comer, serão assadas sobre fezes humanas, a vista de todos”, Javé, em Ezequiel 4:12;

“Por que Deus, o criador de tudo que existe no universo, ao dar existência ao ser humano, ao tirá-lo do Nada, destinou-o a defecar? Teria Deus, ao atribuir-nos essa irrevogável função de transformar em merda tudo que comemos, revelado sua incapacidade de criar um ser perfeito? Ou sua vontade era essa, fazer-nos assim toscos? *Ergo*, a merda?” *Secreções, Excreções e Desatinos*, de Rubem Fonseca, com a sua licença.

O pequeno Severino desmanchou sua obra como o Inimigo destrói o cristão perdido. Ache graça, meu amigo, de ainda existir um Satã por aí. Afinal, se Deus é tão poderoso quanto dizem, por que o Diabo, que é reconhecido como inferior, ainda pratica seus ardis? Deus não poderia simplesmente esmagá-lo como Júnior o fez com a própria bosta? Ou será que Deus e Diabo são Um? Um *Daimon* — no legado étimo — assumindo as duas posições, boa e ruim, nas quais os gregos previram. Um *Daimon* judaico-cristão com poder de regenerar e destruir, aliviar e maltratar, doar e arrancar.

— Vamos, Júnior!

Júnior foi. Pegou um naco de pão, passou manteiga e engoliu café.

Entrou no carro. O céu enlutava. Esfriou de repente. O automóvel flutuava por acaso? Não, ele que não sentia o asfalto. Os prédios pareciam injeções contra o céu. Foi por isso que começou a chorar? Choveu fino. Severino ligou os limpadores de para-brisas na máxima, apesar da chuva fraca. Carros buzonavam. Sinal verde, acelerou. O pai abriu um sorriso por nada. O garoto vendo um raio de sol penetrando sua tez branca, rasgando o rosto

da sobancelha esquerda até a bochecha direta, também sorriu. Sorriu até lembrar-se do machucão na sua bochecha. Passou a mão sobre ela e apenas um arranhãozinho fazia um x deitado e trêmulo, ao que o retrovisor acusava. Ficou até bonito a ferida. Vermelho. Stop! [narrativa enfadonha sobre a paisagem urbana] Um mendigo se aproximou cantando: “Do inferno quero distância/ do purgatório, esperança/ do paraíso só bonança/ a Jesus me amarrar!” e esticou a mão. Severino fícurou um “tem não!” com a cabeça. Verde. Uma moto saiu costurando o trânsito em alta velocidade. Vermelho. Stop? STOP! Não, meu caro primo de leitura. A Semiótica da cor pediu que parasse. Mas o motociclista não parou e dois carros que vinham na horizontal frearam. Essa passou perto. Abusando da sorte, o motoboy acelerou inda mais. Entrou na contramão. Severino, acompanhando a cena, prendeu a respiração. E... boOOOOM! O estardalhaço foi grande. A moto se chocou com um ônibus. Poeira de vidro. A mancha de sangue escorria na frente de um ônibus. Um quadro recém pintado. O limpador de para-brisa fazia sua arte abstrata na tela de vidro quebrado. Um triângulo de cristal atravessava-lhe o diafragma. O motorista serviu de contragolpe e foi atingido pelo capacete preto do piloto. Estava inconsciente e com o nariz jorrando sangue. Já o sangue do motociclista derramava pingo a pingo no asfalto. Mau presságio. Um cão se aproximou e meteu o focinho amarelado na poça de sangue. Chutaram-no. Júnior reparou no bigode do vira-lata banhado em preto-avermelhado. A tela de vidro do que restou do para-brisa fraquejou e caiu para dentro do ônibus. Pessoas recuaram. As que não conseguiram foram atingidas, mas se desenharam apenas pequenos ferimentos nos braços delas. Severino e o filho sussurraram coisas que eu não consegui pegar. Acho que algumas exclamações de assombro. Júnior viu a moça que o acompanhara no dia anterior. Ela se aproximou com uma expressão preocupada. Estava um rapaz lépido e ela. Ambos de mãos dadas. Ambos com o semblante tristonho, horrorizado, trágico... espere. Não pode ser. Júnior arrepiara-se todo. Os lábios da moça se contraíram num sorriso discreto, mínimo. Toda a maldade se concentrava naquele gesto. Um risinho de nada num infinito prazer. O rapaz ao seu lado foi contaminado e riu dois segundos a mais do que a boa samaritana. A alegria diabólica só foi percebida e assimilada por Júnior. Evanescetes, foram embora e deram lugar às caras tristes. Por que qualquer vida que se apaga nos parece obscena? Concordo que essa morte não foi uma das melhores, mas, e se fosse de outro modo mais tênue? Aliviaria a dor do fim? Pergunto isso pois na morte não existe dor. Esse estímulo que nos faz sofrer se chama vida, grosso modo. A morte não! Ela é elegante. Sempre vem de salto alto. Porém, quando nos alcança, sua elegância some, e a negra donzela nos devora, descalça, sem modos...

— Vamos, você já tá atrasado — disse seu pai.

Mas ele ficou inerte e arrepiado por muito tempo ainda. Severino teve que sacolejar um pouco o filho para que se animasse a sair do carro. Quando pisou no asfalto e atravessou a rua para entrar na escola, um dos seus zombeteiros saiu pela entrada, de cabeça baixa, e foi direto para um carro preto, onde uma mulher o esperava, provavelmente a mãe. Júnior não deu tanta importância e se riu. O sorriso da desgraça pareceu ter-lhe contaminado. Sentiu um estranho poder.

14.

O motoqueiro que morreu no acidente fora o pai de um de seus abusadores, Thiago. Júnior, quando soube, forçou o riso para sentir aquela medonha força. Riu, porém não veio a satisfação plena. Tinha que rir na cara do Thiago. Mas o Thiago não foi ao colégio por uma semana. E todos comentavam sobre o falecimento do pai do amigo. Júnior sempre ria forçadamente para que vissem sua vingança silenciosa. Mas os risos pareciam roubar-lhe todo deleite. A cada sorriso que sua boca projetava, menos satisfação sentia o coração. E não pense o Leitor que ele se compadecia de Thiago. Ah, não! Era como se ele fosse o único capaz de apreciar tamanha beleza e abstração numa obra de arte que causaria náuseas a todos. Descobriu que não estava feliz pela vingança, mas pela tragédia. A Morte pela Morte o seduziu. Seguiam-se dias de reflexão. O bullying voltara. A desgraça não saía do seu peito. Os abusos ficavam cada vez mais frequentes e mais intensos. Um dia inventou de matar aula. Folhas secas se desintegravam sob seus pés como ruídos de pequenos esqueletos se quebrando. Segurava o Morte e Vida Severina. O pátio e os arredores estavam vazios. Um banquinho de pedra se instalava abaixo das sombras das árvores. Perguntou-se se sentar ali com um livro não ia chamar a atenção dos monitores. Sentou-se. Faltava pouco para terminar o auto. Já ia nas Ciganas dos Egípcios quando apareceu Thiago mais três coleguinhas dele.

— Cabeção filho da puta — Thiago arrancou-lhe o livro das mãos e jogou nas folhas, fazendo estalidos secos. E com o indicador na cara de Júnior, disse: — Seu viado. Tá rindo de mim, é? Rindo de mim, hein?

Júnior Abriu um sorriso amarelo. Recebeu um tapão de Thiago.

— Seu pai morreu... — zombou Júnior — quer que eu fique com peninha, é? Pois eu não fico não, seu otário. Seu pai era corno!

— Vamo matar no cacete esse paraíba! — se avexou outro.

— Vem tu só! — exclamou Júnior se erguendo.

— Vê se vem alguém... — ordenou Thiago alarmado. — Vem não? Pega ele, pega ele!

Jogaram Júnior no chão e enterraram vários pontapés nele. Barriga e costas eram ótimos lugares. Escarraram e exclamaram que ele ia levar um presente quando voltasse pra sua terra. Júnior tinha emagrecido um pouco nesse dias, porém ainda continuava parrudo. Resistiu ao máximo se contorcendo, agitando os braços as pernas. Mas ele se esqueceu de gritar e pedir socorro. Por onde andavam os monitores? Seguraram-lhe por trás e esticaram as pernas dele para que se sentasse. Thiago abriu o zíper da calça e pôs o pênis para fora, balançando-o.

— Chupa, Paraíba filho da puta!

— NÃO! Nem venha! — repelia Júnior. Agora seguravam sua cabeça e trancavam-lhe as fossas nasais para que abrisse a boca. Não resistindo mais, exclamou: — EU MORDO, VIU? NÃO VENHA NÃO! EU VOU MORDER E ARRANCAR ELE FORA!

Percebendo que Severino falava sério, Thiago restringiu-se apenas a esfregar a prepúcio na cara dele. Júnior fechava os olhos e virava a cabeça de um lado a outro. Mas quanto mais se remexia, mais parecia se espalhar a glândula na face. Só o soltaram quando Thiago recolheu o pênis.

— Tire onda de novo que eu quero ver, seu Paraíba! — e levou um chute de bico no queixo.

Os meninos correram. Júnior ficou ali no chão, estalando folhas secas. Pareciam cinzas quando destruídas. Júnior se fez folha seca. Estava duro, arisco, qualquer um que o pisasse naquele momento o trituriaria. Ergueu-se tonto, com a boca escorrendo sangue, cambaleante. Foi ao banheiro. Lavou o rosto uma, duas, três vezes. O espelho lhe falava em tristeza, mas ele escutava alegria. Sussurrava ao seu reflexo maldito que não se preocupasse: sua imagem melhoraria à luz do sol. Seu queixo doído não passava de uma sonda da dor para perfeição, como o queixo no sarcófago de Tutancâmon. Lembrou dos arranhões no braço. Estavam quase translúcidos. Seu braço estava mais forte, imaginou. Nietzsche escreveu que “aquilo que não me mata, me fortalece”, e Júnior sentia como tal, sem que palavras fossem desenhadas no papel. Na verdade, qualquer frase que qualquer escritor criou, cria ou criará será do conhecimento de todo leitor, pois não há nada que posso espaçar da existência humana. Saber escrever os momentos dessa existência, todavia, poucos sabem. Com constrangimento admito: não sei descrever aquilo que Júnior viu no espelho naquele dia que mudou sua vida. Mas creio que você entenda o que seja; uma semente foi plantada... ora, não sejamos tão profundos onde não podemos chegar. Já é hora de se descongelar o tempo da

narrativa. O sinal para o recreio tocou e casou um susto na nossa criança. Ele se recompôs e lembrou-se do livro.

— Ei... nossa! O que houve? — Renata chegou com seu livro na mão.

— Obrigado. Não foi nada: levei uma queda.

— E quem empurrou foi o Thiago?

Júnior não respondeu. Caminhou mas não sabia para onde. Estava perdido no tempo. Não tinha tempo, nem espaço, nem alegria, nem tristeza, nem alma, nem carne. Só a indiferença.

— Ei, tem dinheiro pra eu comprar um lanchinho?

Júnior parou. Olho-a, sorriu. Ela sorriu de volta. Era o seu anjo.

— Não tenho dinheiro hoje, Renata.

Mentiu. Quem quisesse podia ouvir moedas sacolejando no seu bolso. E onde tinha moedas, tinha notas.

— É, né? Eu, que fico te protegendo quando os meninos ficam de sarro contigo...

— Mas eu não tenho...

Júnior sentiu uma impotência desumana. Realmente, foi ela que pela primeira vez colocou a mão no fogo por ele. Mas... será que o anjo iria cobrar por seus serviços celestiais? Uma anjinha prostituta?

15.

E o ano letivo seguia. E Júnior se interessou por outro livro de Cabral: “A Educação Pela Pedra”. Não gostou tanto desse como de Morte e Vida Severina, e abandonou Cabral. Assistiu mais uma vez ao Laranja Mecânica. Passou a delirar nas cenas fortes. A cura de Alex veio com um suspiro, como se o ar estivesse o filme todo dentro dele. Ia desligar a televisão quando, às duas horas da manhã de domingo, a emissora anunciou o próximo filme. *Saló ou Os 120 Dias de Sodoma*, de Pasoline. Estava sem sono, decidiu dar uma conferida. No começo dava até para se masturbar, mas quando chegou à parte coprofágica, ele simplesmente parou. Apreciou calado. Esqueceu até da excitação. Júnior já vira cães comendo merda, uma vez até viu uma fêmea comer os dejetos dos seus filhotes, achou também que já comera quando era novo, provavelmente sim, mas ver adultos, conscientes da imundice, comerem, ser forçados a comer cocô. Cocô, bosta, tolete, merda, fezes, titica... quantas definição para uma coisa só! Vocês e suas manias de dar vários nomes às coisas repugnantes. Já cagaram hoje? Já defecaram... já emporcalharam a latrina, a única santa nessa seboseira? Senhor, Deus, Javé,

Jesus, onde eu estava? Ah sim, no filme. A grande cena final foi ver os alunos que não aprenderam a lição na escola de libertinagem ser mutilados no Ciclo do Sangue. Foi lindo aos olhos do nosso herói. Ficou tão satisfeito com o filme que se masturbou, mesmo morrendo de sono. Gozou na alvorada. Pensou em ir à igreja, seja lá qual fosse, rir da cara do padre, do pastor, de Deus e do Diabo. Estava fervilhando. Os papiros do coração revelaram um monstro adormecido. Ainda roncava, mas estava ali. Júnior e o espelho e o reflexo e a alva luz e o ódio queimando sentimentos bons... seus olhos ficaram fundos de mistério. Precisava liberar aquilo. Tomou um banho, o sono passou. Sabia que seu avô ia à missa todo domingo, às 7 horas. Precisava ver a cara do padre, rir do seu santo ofício descaradamente. Seu avô estranhou um pouco seu pedido e o levou junto. Júnior fez questão de sentar na frente, afrontar o padre. E a glória a Deus foi às alturas nas bocas dos fiéis. Júnior acompanhava a canção distorcendo a letras. *Pica de Deus nas alturas/Maria chorando de dor*. E quando seu avô o escutava saindo do ritmo — não escutava suas profanações, claro —, metia a folha na frente dele para que acompanhasse corretamente a letra. Júnior se ria, seu avô também, mas ambos por caminhos diferentes. Hosana também foi nas alturas junto com a hóstia. Júnior tinha de pegar um pedacinho daquele pão. A fila foi se formando e ele logo foi pra dentro de uma na qual era o padre que dava o Corpo de Cristo. *Amém!* Júnior disse, fingindo pô-la na boca. Saiu com ela na mão e enrolou num guardanapo que achou num banco. Colocou cuidadosamente no bolso da sua camisa social e esperou o fim da missa.

— Meu Deus, pai, como o senhor saí assim com o menino sem me avisar nada? — Severino estava todo despenteado e com a barba grossa, ainda de pijama.

— Ele pediu pra ir pra missa e eu o levei. E só. Deixa de assombro!

Júnior foi pro quarto, ligou a TV. Passava uma reportagem sobre um homem que matou dezesseis crianças na Escócia e depois se suicidara. Após a cobertura, a emissora relembrou os massacres do mesmo tipo, a maioria ocorrida nos Estados Unidos. O marketing da palavra e do conceito “bullying” ainda não havia estourado, portanto a televisão focou sua misericórdia nas ditas vítimas. A euforia de Júnior foi grande. Teve uma ideia. Mas primeiro dormiu.

16.

Sabrina é do Morro, será que ela podia me arrumar uma arma?

Mas ele não sabia quando nem como pedir. Nem estava com tanta raiva de Thiago, sua ira até abrandara um pouco. As provocações também. Acordou estranho, no meio da

noite, pesado, infeliz. Rolou na cama algumas vezes. O tumor da depressão parecia ter se instalado. A cama o sufocava. Não, não, era o lençol. Também não. Talvez o quarto? Não, pois ele tinha ido para sala não fazia dez minutos e a melhora não veio. Era o ser sufocando a si mesmo. A vida se arrastava no réquiem da miséria, no novelo da autodestruição. Chorou depois de muito tempo. Tentou expurgar aquele momento ruim. O momento foi embora, a angústia não. Pensou que, assim como acordou daquele jeito, se dormisse novamente, o sol da manhã lhe traria a redenção. Para o quarto não foi, pois um monstro de mil olhos o observava na porta. Na sala, apenas um urubu com a cabeça entre as garras vigiava sua patologia. Não conseguiu dormir. O sofá era a célula do colossal monstro da lua. O monstro vivia para Júnior e Júnior para o monstro. Perdeu a capacidade de amar, se é que um dia a teve. Ele declarou ódio ao mundo. Desenvolveu também uma autofobia. Se Júnior tinha rancor do mundo e medo de si mesmo, onde se refugiaria? Na morte? Adormeceu.

Acordou com seu pai sussurrando-lhe:

— Por que dormiu aí?

O negro leão do infortúnio ainda tinha Júnior por habitat. Estava mais descansado, mas sua luta com a vida ainda era triste. Foi para o quarto sem responder nada ao pai e lá se trancou. Precisava se recuperar. Talvez precisasse sair, tomar um banho de sol... mas não era segunda-feira? Iria ao colégio e isso o desanimou. Enfrentaria pessoas nas quais não estava disposto sequer a vê-las.

— Júnior, não vai pra escola? — seu pai bateu na porta.

— Não estou me sentindo bem, pai...

— Abre a porta pra eu te ver.

Júnior girou a chave e com esforço abriu a porta. Não olhou para o pai. Deu as costas e foi direto para cama. Tossiu forçadamente.

— Não força, Júnior. Não força. Não quer ir pra escola? Quer começar a trabalhar logo cedo comigo e com seu avô? Responda!

— É só hoje... por favor. Só por hoje...

Severino fechou a porta devagar e Júnior ficou satisfeito. Ficava satisfeito agora só por deixarem-no em paz. O dia se fechou novamente para Júnior. Mas seu sono não durou mais que uma hora. Andava para um lado tentando uma conexão com o universo. Uma vontade vermelha. Só o vermelho negro do sangue lhe chamava para um impulso. Comunismo desfraldado? Não, companheiro. Era o enrubescimento nos olhos raivosos. Deus, Júnior é apenas uma criança, um filho ligeiro da terra! Não o obrigue a fazer algo que custará a eternidade... está bravo? Ora... o Senhor é tão antropomórfico quanto os deuses gregos? Se

sua ira abrandava, por que a vermelhidão ainda preenche sua íris? Júnior novamente recorria ao espelho. E o espelho lhe falava em códigos, pairando entre o som da verdade e o toque de fantasia. Delírio. Verdes campos pegando fogo. A matança estava declarada. Mataria Thiago. Precisava disso para ficar em paz consigo. Em paz. P-A-Z. No momento, a única válvula de escape parecia ser a inexistência. Existir era tão desgastante. Um peso morto. Um cão ofegante. Uma formiga carregando o desnecessário para não se sabe onde.

A beleza esmurrou a porta delicadamente.

— Júnior? — Sabrina o chama, garotão! Faça-me escrever volúpias dessa favelada!
— Júnior, você tá se sentindo bem?

Ele sorriu para o espelho, não para si. A sombra durou a efemeridade dos três segundos. As tintas do artista vazaram e ele não pode terminar o quadro do massacre escarlate.

— Mais ou menos — respondeu este com voz fraca. — Papai já foi?

— Já, há muito tempo. E você não vai sair desse quarto?

Ele destrancou a porta. Ela entrou. Ambos sentaram juntos de mãos dadas na cama. A mão de Sabrina era pouco maior que a dele; também não macia. Nada fora pretexto para deixar de sentir-se bem nas mãos da quase madrastra.

— Fingindo doença, moço?

— Não tô bem... é verdade.

— O que tá sentindo?

Soltou a mão da moça. Cabisbaixo ele tentou explicar. Ciscava no pó de perturbação palavras com significados tristes. Mas “tristeza”, “desânimo”, “chororô” são palavras que não compactuam na formação de um sentimento tão asqueroso. E “depressão” ele já tinha ouvido falar, porém não cogitou a ideia. E não era apenas isso... A arapuca estava lançada sobre ele.

— O que é, Júnior?

Uma lágrima escorreu no seu rosto e a gotícula pingou no seu joelho. Os soluços começaram.

— Não queria...

— Ô, meu amor. Venha pro colinho, venha.

Júnior chorou no colo de Sabrina por breves minutos sem dizer palavra alguma. Ela alisava-lhe a testa sem saber o que falar ou como agir. Apenas os soluços do menino traduziam seu sofrimento. Sabrina sentia cócegas quando as lágrimas de Júnior escorriam pelas suas belas coxas. E beijou o cocuruto do dele, e a testa, a bochecha...

— Que feridinha é essa?

Júnior fungou.

— Essa é a menor — e se levantou, mostrando embaixo do queixo; tirou a camisa e seus hematomas ficaram evidentes. Sabrina pensou milhões de coisas, entre elas, que seu pai o espancava. — É isso que tô sentindo, desde que cheguei aqui. O pior nem é isso. O pior mesmo é a vergonha...

— Vergonha de quê?

— De mostrar que não posso fazer nada. De todo colégio olhar pra mim e rir, ou ter pena, ou bater em mim, me xingar. E eu não posso nem...

— Nem o quê? Bata nele também.

— Não é só um.

— E por que eles implicam com você?

Júnior teve vergonha de falar. Percebeu que era o único paraibano nato da casa, talvez o único de toda avenida Rio Branco. Sentia-se abandonado numa cidade que não era sua. Mas já que chegou aqui, ele disse:

— É porque eu sou paraibano. Me chamam de Paraíba, bicho da cabeça...

— Júnior, eu também já passei por isso e ainda passo. Veja que no começo eu não queria dizer que era do Morro do Alemão. É quase sempre motivo pros caras botarem a gente pra fora. Sempre inventam uma desculpa pra não parecer evidente demais. Mas a gente sabe que é por causa do Morro.

— Mas você é carioca. E eu?

— O quê? Como assim? Você sempre viveu bem que eu sei, nunca lhe faltou nada. Eu já tive que dormir cedo pra esquecer que tinha fome. Acordava com barulho de bala e era o medo que fazia eu esquecer da fome. Sabe o que é isso? Sabe o que é passar fome? Procurar e não ter? Duas refeições por dia pra mim era luxo. Minha mãe tinha de pedir cesta básica aos traficantes, porque meu pai tinha morrido, e era o único que trabalhava lá em casa. Mãe nunca deixou a gente trabalhar quando de menor: nós era oito. Perdi dois irmãos pro tráfico: pro tráfico de alma, neguinho. E são os mesmos traficantes de droga que fazem negócio com nossa alma: se deixa ela no corpo da gente ou se despacha dessa pra melhor. Você trocaria sua vida na Paraíba por isso? Onde você morava mesmo? *Campinas Grande*?

— Campina...

— Trocaria ou não trocaria?

— Sim.

Sabrina viu a ingenuidade nos seus olhos e se riu, dizendo que este não sabia o que estava falando. E Júnior riu da sua falta de escolaridade, que na verdade não foi nem por falta

da Gramática, mas talvez até pelo excesso dela: Sabrina pôs um marcador de plural na Campina Grande do garoto. Júnior se perguntou se realmente ela estudou como devia. Ela podia ser semianalfabeta nas Letras, mas Júnior era um completo analfabeto no Amor. Ele agarrou a cintura da moça e empurrou sua cabeça contra a barriga dela, girando-a.

— Você quer me sufocar ou fazer cócega?

Ele subiu a cabeça rindo e pediu:

— Sabrina, me arruma uma arma?

Ela esbugalhou os olhos e se levantou rapidamente. Parecia que o menino lhe pedira a morte.

— Tá doido? Pirou de vez?

— É que eu...

— Nunca mais me peça isso! — e com o dedo em riste: — Você tá me entendendo? Mas veja só, seu moleque...!

Júnior sentiu-se desprezível, desnecessário no mundo, um lixo ambulante. A pessoa que parecia ter mais carinho por ele saiu do quarto com uma dimensão suja dele. Menosprezou-se. Trancou o quarto e chorou mais uma vez. Nunca chorara tanto. Seu desamor era tão grande, que não se imaginava fora do quarto. Não sairia mais. Vegetaria. Uma penumbra fria o envolveu. *Não vejo mais o amanhã*. Não via nem o hoje. Quanto mais penetrava ensimesmado, menos enxergava as cores da vida. Era uma esfera negra que engolia toda alegria ao seu redor. Uma vez o verde. Outra, o amarelo. Em seguida um verde-limão. Amarelo em verde ou verde em amarelo. Noutro o amarelo e o verde, sem se tocarem, afastando-se um do outro, paralelos. Depois o negro uniformizando tudo. E com o vazio cromático temos o branco... por fim, tudo fugia. Nada restou. Segredos duma mente diabólica foram revelados como numa apoteótica tragédia. E o coro gritava: “Serás mais um a morrer sem cumprir o destino? Fugirás da tua sina assim como o gelo foge do sol? Severino, oh Severino! Vida curta, porém sempre lembrada. És tu, és tu, oh Severino, és tu que decidirás.” E sua decisão foi baseada no sentimento agourento, na lástima que a maior parte da população contemporânea tenta evitar mas que é a única que, se não nos faz feliz, pelo menos não nos faz sentir mal-estar nas últimas derrotas: a indiferença.

Graças a esse sentimento, Júnior seria capaz — ou acharia que sim — de evitar futuros constrangimentos. E, seja lá o que fizesse, não se importaria. Se morresse hoje ou amanhã, não se importaria. E foi regando essa ideia até que a semente tremeluziu, e os dias passavam e criavam ramificações, raízes. Ao seu redor quadros, obras de artes que não emitiam cor. As provocações na escola foram relativamente reduzidas a xingamentos nos

corredores ou risinhos discretos com apontamentos. Se antes jogavam muitas bolinhas de papel nele, agora raramente era o feito, e quando acontecia, eram reprimidos pelos demais colegas. Júnior adquiriu um olhar plúmbeo. Uma aura de chumbo o envolvia como se estivesse possuído por algo mau. Seu pai percebeu tal mudança. Sabrina fora se aproximando mais dele tentando exorcizar-lhe “isto”. Sem conseguir efeito a moça contou tudo que sabia ao pai do garoto. Severino tomou providências drásticas, sendo que algumas Júnior não aceitou: como falar com o diretor da escola ou com os pais dos alunos que abusavam do seu filho. Mas Júnior negou tudo. Disse que não era nada disso e que ele apenas queria ficar só. Ficava horas no quarto lendo ou jogando videogame. Zerou Super Metroid com os 100% do jogo completo. Seu avô vendo que ele se empenhava nos estudos, deu-lhe mais cartucho de videogame. Dessa vez pirata. Eram os livros e os games que ocupavam o tempo do garoto enquanto se enclausurava no quarto. Certo dia reclamou de dor de cabeça e na vista. Foi ao oftalmologista que lhe descobriu um pouco de astigmatismo e menos ainda de miopia. Os óculos deixaram seu olhar mais brando. Júnior era cada vez mais feliz com sua infelicidade. Ao longo do ano letivo transformou-se numa pessoa ansiosa. Seu pai levou-o a um psicólogo. A partir de algumas sessões o profissional concluiu que se tratava de uma fase, ele precisava fazer algum esporte ou algo que ocupasse mais sua mente.

— Não quero fazer nada.

— Mas, meu filho, vai ser bom pra você, vai ser bom pra todo mundo.

— Já disse: NÃO!

Seu pai acabou desistindo e com o tempo se acostumando ao novo temperamento do filho. Júnior ligava pra família na Paraíba esporadicamente — aprendeu a fazer interurbano! —, e enquanto tinha o telefone pregado ao ouvido fazia questão de escutar tudo e todos. Carolzinha tagarelava como nunca. Eleonor adquiriu falas mais maduras — o que a distância não faz! A mãe sempre era a que atendia primeiro e desligava por último, enumerando ao filho milhares de deveres e responsabilidades, e por fim abençoava-o. Por fim não! Eleonora na última vez quase chorou pedindo algum número de telefone para que ela sempre ligasse para o filho, a hora que bem entender. Júnior, contra a vontade do pai, concedeu o número do residencial. Ele só pediu para mãe que, quando seu pai atendesse, ela desligasse o telefone ou deixasse mudo a fim de que não lhe descobrisse a trapaça. Para evitar os desencontros interurbanos, eles marcavam horários, geralmente pela tarde, aproveitando que o pai trabalhava. Júnior desejava muito um celular, porém na época o aparelho no Brasil ainda era muito caro e uma realidade para poucos, então foi se virando com o que tinha mesmo. Era um tempo de informações rápidas, não instantâneas como agora ou mais ainda daqui a cem anos.

Júnior ficou encantado a primeira vez que viu um Playstation. Um dia teria o console só pra si. O Super Nintendo foi perdendo valor. A economia, assim como a vida de Júnior, foi se estabilizando. Mas o que era bom para o Sistema Econômico brasileiro, não foi para a vida de um adolescente. No segundo ano desde que Júnior chegara ao Rio, a turma quase não mudara. Thiago e os outros por fim cessaram quase que completamente as implicâncias. Mas Júnior ainda se sentia prejudicado, como num golpe de Estado. Seu ódio foi contido pela indiferença, porém não cessado. O plasma dentro do corpo queria sair pelos orifícios. Levantou a taça da coragem mas não bebeu o vinho *femme fatale*. O caráter construído em medo ainda não pôde realizar tal feito. Tinha pouca estratégia e muitos planos. As noites eram as grandes inspiradoras nos momentos substanciais. E nelas, seu pai e Sabrina sempre saíam. Ele ficava imaginando se eles trepavam sempre. Criou a imagem da moça na sua frente, de quatro, com a mão esquerda puxando a calçinha de lado, e com o dedo da direita enfiando na boceta. Depois dois ou três. A mão toda se possível. Júnior não queria tocá-la, apenas presenciar tal cena. Foi ao quarto dela; vazio; coisas espalhadas. Cabides em cima da cama. O quarto assumiu o cheiro dela. Um odor agridoce. Colocou os lençóis em volta de si: era como senti-la serpenteada. Abriu as gavetas. Queria achar uma calcinha dela, de preferência usada e suja, como viu num filme um homem cheirando. Porém não cheiraria, mas vestiria. Era o mais próximo que poderia chegar da vagina daquela mulher. Averiguou na gaveta de cima, na do meio, e foi na de baixo que ele achou, melhor do que calcinhas, encontrou uma Tauros com o número de série raspado. Correu ansioso para o seu banheiro.

Como Robert de Niro, em *Taxi Driver*¹², no espelho, sem camisa, Júnior apontou a arma para si. Fez um *boom!* baixinho. Alisou o cano do revólver até a boca e levou-o ao olho direito. *Como é ter a certeza de que vai morrer?* Dentro do cano uma locomotiva a espera do trem bala que traficaria almas para o inferno. Enfiou o dedo no cano e sentiu estrias em espiral — 9 milímetros de terror! Queria descobrir os segredos do artefato. Abriu o tambor, depois de acionar o retém do ferrolho sem querer, onde as câmaras ao redor da catraca estavam com cartuchos — sua capacidade era de seis — exceto uma. Júnior se perguntou onde fora parar a bala que ali repousava, se é que realmente foi colocado um cartucho ali. Toda munição caiu na pia com barulho metálico e Júnior fechou o cilindro. Agora sim: armou o cão e puxou o gatilho. *Tic!* Armou outra vez e *tic!* Ficou viciado no gatilho; o peso da arma já era pena. Precisava dum estopim. Era noite, madrugada. Se disparasse não seria fácil acalmar os ânimos dos vizinhos e principalmente do seu avô que dormia. Provavelmente

¹² *Taxi Driver* (1976), filme de Martin Scorsese (N.A.)

estragaria tudo se assim o fizesse. Imaginou que depois de disparar da janela para o alto, pessoas iam ficar procurando o cano de onde saiu aquela bala; Sabrina chegaria e repararia no alvoroço; um vizinho provavelmente diria que escutaram barulho de tiro; precavida, ela iria direto pegar sua arma para defender a si e aos seus; chegaria na última gaveta e não encontraria seu revólver. Júnior não quis nem pensar no final da história. Resolveu ficar nos seus tiros mudos, sem estopim, sem tumulto. *Mas e se Sabrina resolve dar uma espiada na arma hoje?* Era possível. *Tic!* Passou o dedo uma última vez no quase círculo do guarda mato; tornou a armar. Descobriu que quanto mais lento ele apertava o gatilho, mas perfeita era sua performance. Mas o que ele gostava mesmo era de preparar o cão para escutar o *clec*. Fez isso inúmeras vezes. Não se realizava enquanto não houvesse estopim! A ignorância era enorme quando o assunto era arma de fogo — não sabia, entre outras coisas, a função, por exemplo, da vareta —, enorme tanto quanto o desejo de se vingar. Queria ver a cara do Thiago quando ele apontasse a arma para sua cabeça. Ele tinha sede do tremor do outrem, do suor frio, faria uma apologia do medo e terror em defesa da sua fraqueza. Não devolveria a arma ao local onde a encontrou, pois o fato se consumiria pela manhã. Iria ao colégio como se fosse um dia qualquer. Enterraria quatro balas na cabeça de Thiago e uma na própria. E pela primeira vez, Deus parecia tê-lo entendido.

17.

Choveu uma chuva grossa mas logo cessou e o sol irradiou toda cidade do Rio de Janeiro. O Cristo Redentor abria os braços num abraço nunca abraçado. A Rio Branco tinha um cheiro: Júnior a sentia da sua cama, um aroma de cinzenta caminhada. Não conseguiu dormir, mas acordou como se tivesse tido uma noite de bons sonhos. Seu pai teve um sobressalto quando ele se pôs a mesa e tomou café com todos os demais — ultimamente ele era o último e já não encontrava ninguém na mesa, gostava de comer só. Sabrina se riu com satisfação.

— Bom dia, meu amor.

— Bom dia, Sabrina.

Não tinha ares de riso, todavia parecia menos taciturno e mais disposto. A priori seria uma fase, como disse o profissional da psique. Seu pai até pensou que estava a tomar outro rumo sua perspectiva de vida. E adivinhou. Júnior ficou com medo de parecer diferente demais e levantar suspeitas. A arma já estava na sua mochila. Sempre deixava para ajeitar a bolsa quando estivesse de saída. Fatiando o pão, decidiu fingir que a arrumava antes de sair;

colocou o queijo de coalho e depois manteiga. Não lembrava nem quais aulas teria hoje. Era um dia na semana que parecia nem listar no calendário da sua vida. Estava ansioso, porém sereno. Nada melhor do que um dia como outro qualquer! Seria tão desconcertante se um estopim quebrasse o canto mavioso ou se um tsunami esmagasse os turistas numa praia paradisíaca. Como num susto de uma arma que dispara sem ser acionada, o cotidiano deve ser abalado cotidianamente; esse terremoto já faz parte da natureza e assim também monta o cenário de um tremor essencial para a harmonia. Júnior só ia cumprir o que foi cumprido por muitos em momentos de dever para com o equilíbrio. O conjunto de deveres pessoais forma uma constelação de desejos nos sonhos da Via Láctea, e esta se explode no universo social. Poeira, grão, é isso que somos. Ou apenas microcosmos que são carregados pelo vento: se o vento está para o sul, para lá iremos; se acontece um furacão, ficamos no seu olho. Movidos por toneladas e torrentes de sentimentos salutareis e doentios... o que importa é que o movimento continue. Os sãos com suas funções, os doentes com a recomposição delas. Os anticorpos da alma! Quem não precisa deles? Quanto mais, melhor! Um pouco do veneno é salutar vez ou outra. Escutem os biólogos que afirmam que toda vacina é um pouco da doença. Talvez os doentes sejam a cura do mundo...

Mastigou bem os alimentos que desciam na sua garganta como água pastosa. Sentia cada sabor. Inalava o vapor do café, sensibilizando o nariz do que era “café” ou do que era “leite”; fatiou outro pedaço de queijo tentando achar os resquícios do leite nele. Quase não tinha sabor, isso não impedia de olvidar o tênue. Seus olhos procuravam agora o que antes nunca percebera: a umidade negra na parede, um prego chamando um quadro ou um relógio, um porta-retratos trincado com a foto do seu avô e seu pai mais moço, ao lado daquele, mais outro com a imagem de Sabrina e Severino... *quando colocaram essa foto?*

A beleza da mudança. Mudar seria tão preciso quanto navegar?

Somente Jesus ainda à mesa, bebericava calmamente o café e lendo o jornal ao mesmo tempo em que prestava atenção à rádio. Sua testa ficava tão franzida ao levar os olhos vez ou outra ao neto que deu ar de desconfiança.

— Tá comendo devagar... tu nunca come devagar... tá compensando os minutos de sono que perdeu, meu filho?

— Mudança... de hábito! Né bom não? — deixou a pergunta e levantou-se da mesa.

— Aproveite a sua mudança hábito e leve seu prato pra pia.

Júnior pegou na porcelana com as mãos poderosamente cerradas, mas deixou de leve na pia. Foi direto ao banheiro escovar os dentes. Deu uma última olhada no espelho. Saiu com a bolsa em punho, verificou novamente se não falta algo. Nada. Tudo pronto. Sentou-se no

sofá da sala e ligou a TV. As horas pareciam que estavam empacadas. O som do aparelho o punha a relaxar um pouco; as vozes dos âncoras dos jornais faziam na manhã quase o efeito que o canto dos galos. É certo que alguns galos chamam o sol na madrugada, talvez na esperança de um dia mais longo. Seu pai desceu rapidamente. Entrou no Sedan vermelho. Júnior pôs a bolsa com muito cuidado aos seus pés. Agora sim podia chover, e que ele não perdesse uma só gota se arrastando no vidro do carro. Mas não choveu. Muito pelo contrário. Com esmero e atenção, tirou o único livro didático que tinha na bolsa, um de História, e o folheou detidamente. A Pré-história do Homo Sapiens lhe atraiu com imagens de crânios — nosso ancestral hominídeo mais próximo tinha uma capacidade craniana de 1,400 cm³! Os egípcios eram tão fascinantes quanto os gregos — ou até mais! — no tocante aos mitos; pecam pela ausência de filósofos como Sócrates, Platão, Aristóteles, e pelos dramas trágicos e cômicos; talvez por isso alguns docentes espremem o conteúdo; um pensamento como um cometa se arrastando do véu da negridão: *eu poderia um dia cursar história*. Foi rápido. Passou. Com os planos traçados em mente não teria a oportunidade deste “um dia”. Não cursaria História, mas entraria para ela! Assim como os hunos na derrocada da capital do mundo, Júnior invadiria a Roma, os territórios das fobias de Thiago, e com sua ditadura acabaria com o brinquedo político que tanto o incomodava. Jogaria o inimigo no quarto da sua Inquisição, conquistaria o Novo Mundo num Renascimento tardio. Viria o Iluminismo da sua ascensão, depois o Grito do Ipiranga! A Independência! Quebraria as correntes do realismo ignorante das duas existências — a sua e a do outro. Espalharia ideologias sem proferir palavra alguma.

Chegaram ao colégio. Como de praxe, Júnior não se despediu do pai. Fitou o carro se afastando uma última vez. Abriu um sorriso maléfico. O Führer desfilava e imaginava pétalas de rosas em cascata recebendo-o. Sabia que o holocausto era preciso, que teria, logo após, uma guerra fria entre seu pai e outros; sabia que não teria anistia; sua marca era preciso naquele tempo, assim como pegadas de dinossauros. Estátuas não seriam erguidas *in memoriam* sua, mas com certeza um monumento tirânico cairia.

O professor ainda não tinha entrado em sala e menos da metade dos alunos ocupavam as carteiras. Júnior perscrutou Thiago. Não o achando, ficou preocupado mais ansioso.

— Milagre! Chegou cedo — Renata tocou-lhe o ombro. Ele girou o pescoço e olhou-a desconfiado, meio trêmulo. — Ei, que houve... Que houve?

— Nada.

— Fiz alguma coisa, hein?

— Não.

Ela então percebeu que o rapaz não estava para prosa e foi ao encontro dum grupinho de amigas que sentavam atrás. Júnior respirou fundo. Tinha de ficar calmo. Esses negócios exigem um espírito desesperado e ao mesmo tempo frio. E essa indiferença que não conseguia acalmá-lo? Talvez não fosse tão apático quanto desejava. Sentiu o efeito de uma noite em claro: dor de cabeça e na vista; esfregou os olhos, sacolejou os ombros— em momentos de menos pressão se sentiria ridículo fazendo aquele gesto brusco, fazia-o quase inconsciente ou então para mostrar um prelúdio da desgraça; depois da execução, as vozes na televisão dizendo ‘ele parecia perturbado antes do ato’ ou ‘algo o incomodava, foi um dia terrível para todos nós, principalmente para o Júnior: foi um ato de desespero pelos tempos em que foi maltratado na escola’.

Thiago e dois meninos entraram na sala dez minutos depois do professor de Matemática perguntar quem fez a lição de casa. Júnior até se riu com a repreensão que recebeu. O quanto tudo era pequeno. Até a morte premeditada parecia um ciclo natural na cadeia alimentar. A presença de Thiago o deixava turvo: *mato ele aqui na presença de todos?* O espetáculo seria grande, porém a sala estava cheia, alguém poderia tomar a arma da sua mão ou então, na emoção da tragédia, ele errar o tiro e acabar deixando seu alvo escapar. Esperaria o mestre chamar para dar o visto no caderno dele? Não, provavelmente ele também não fez a atividade. Então qual seria a melhor oportunidade para acabar com isso? No intervalo seria pior...

— Professor, posso ir no banheiro? — levantou-se Thiago.

Júnior viu a luz. Sabia que o docente não deixaria outro aluno ir ao banheiro enquanto o primeiro não tivesse chegado. Thiago atravessou o umbral e seu estado de agitação aumentou ao bater da porta. Que fazer, que fazer? Se inventasse doença, era possível que o professor o acompanhasse até a direção. Se dissesse que tinha de pagar a mensalidade, seria também hostilizado com sentenças do tipo ‘mas por que logo agora na minha aula?’ Que fazer, José? Colocou a mochila nas costas e disse com convicção:

— Professor, já são sete e meia e meu pai disse que vinha me pegar pra me levar no dentista... posso sair?

O graduado em Matemática o olhou de cima a baixo.

— Já informou a direção?

— Vou lá agora.

E a alforria veio sonora e deliciosamente triunfante:

— Vá!

Júnior saiu da sala de aula com um monstruoso sorriso. Deu até uns pulinhos de alegria. Procurou a protuberância rija onde a arma se localizava no interior da bolsa. Estava ali. Já armada, pronta para o disparo. Ele não se apressou muito, pois sabia que Thiago demorava quando ia ao banheiro. Motivos: molhar o cabelo que, apesar de liso, não combinava com seu rosto triangular, e principalmente para perder um pouquinho da lição. Geralmente ele fazia isso da segunda aula em diante, mas hoje ele fez na primeira... as coisas realmente não estão harmônicas hoje. Júnior espiou dentro da bolsa e alisou seu brinquedo de luxo. Perto do banheiro parou. Nenhuma alma penada por ali. Esticou o pescoço toalete adentro e não viu ninguém. Sentiu um odor de bosta. Deu passos pesados, abriu a primeira porta dum sanitário. Vazio. Atrás dele, um espelho se projetava com manchas estranhas, tão estranhas quanto o monstro embotado de lodo que o fitava. Ele deixou a mochila na pia e sacou o revolver. Abriu mais uma porta e não havia nada além de imundices. Quando foi tentar empurrar a terceira, ela não foi. Estava trancada. Olhou por baixo e tinha dois pés e uma calça ao chão.

— Tem gente!

— Thiago?

— Que é, doido? — ralhou Thiago, depois hesitou. — É o Paraíba, é? Tô cagando, porra! Nunca cagou não, foi? Tu é entupido? Vaza daqui, bora!

Júnior se preparou, ergueu a arma, preparou o cão. *Clec!*

— O qué isso, Paraíba? — apurou os ouvidos Thiago.

Sabia que ao puxar o gatilho não teria mais volta. Será que a bala atravessaria a porta e atingiria a cabeça ou o peito? Pensou que fazia uma semana que não ligara para mãe. Nunca mais veria Carolzinha com seus dentes vampirescos e doces, seu inocente olhar gélido, sua fome enfastiosa; seu irmão era que ele não fazia questão de ver, mesmo assim ficou triste por não mais ter nessa oportunidade... e Sabrina, seu pai, seu avô? Sabrina tocaria no seu rosto, afaria seu cabelo enquanto estivessem carregando seu caixão, ao mesmo tempo serviria cafezinho, pois apesar de tudo, não passava de uma empregada...; seu pai choraria lágrimas de sangue, o avô... um infarto! Seria aplaudido por poucos e vaiado por muitos. Sentiu saudade da Paraíba. Lá ele era, se não feliz, pelo menos leve.

— Vamos pra Paraíba — sorriu ele impávido com o peito apertado e o dedo no gatinho.

— Eu não! Lá só tem jegue...

Thiago se limpava quando Júnior puxou o gatilho.

BOOM!

[Mentira auspiciosa]

A onomatopéia adequada para aquele som na verdade era:

TEC!

— O que é isso, hein, otário?

Foi como se a bala dissipasse. A única câmara vazia foi a que Júnior acionou. Mais de 83% de chances de morte e Thiago sobreviveu com a luz dos menos de 17% daquela bala ausente. Se Júnior puxasse novamente o gatinho, não teria mais jeito — a não ser que a arma emperrasse ou... mas não! Agora era o fim. A vida em um dedo! Sentiu o cano na própria cabeça — seria mais adequado dar-lhe a vida como peso sobre sua morte? Um tremor passou pelo seu corpo alucinado. Pulsação a mil. Sentia-se Travis na cena final do *Taxi Driver*, com o dedo em arma empapado de sangue apontando para cabeça. *Puft, puft, puft!* Vinte blá blá blá seis meia zero toc toc dadá #@*! Desfaleceu?

Um espírito de sossego repousou nele e sentiu um alívio imediato. Thiago destrancou a porta e ele correu para jogar a arma na bolsa. Fechou-a.

— Se disser que eu tava cagando, eu quebro tua cara. Agora vaza daqui!

Toda maledicência que Júnior sentia foi recolhida ao coração. A semente que germinava voltou a ser um simples invólucro e nele o inferno foi prensado por Deus numa caixinha de Pandora e jogado no mais remoto fundo do oceano — seria mais profundo dizer que foi engolida pela massa negra sideral?

Saiu do banheiro e voltou para classe.

— Não ia ao dentista? — indagou o professor.

— Meu pai desmarcou pra que eu não perdesse aula.

Bom! Thiago entrou logo após e o dia foi dos mais normais e não merece ficar na memória da minha manifestação literária. Júnior aproveitou a ausência de Sabrina pela tarde e depositou a arma no local de origem. Deu mais uma olhadela, quis abrir novamente o tambor a fim de verificar os cartuchos, porém não o fez. Uma bala imaterial atravessou aquele dia um monstro de concreto e libertou o mau espírito que nele se trancava. Apesar do exorcismo, Júnior continuava deprimido.

18.

Foi numa tarde de sexta-feira que Júnior fez inscrição para o vestibular, na UFRJ, ficando entre as licenciaturas de História e Letras. Contava 17 anos. A prova não lhe caiu bem e acabou que não passou para o que escolhera. A panela parecia respirar com a pressão do

estouro de pequenas bolhas do doce de goiaba que Sabrina fazia. A tampa subia e descia no vapor da espuma adocicada.

— Quê? — Júnior repousava as mãos nas bochechas, a ponto de chorar cinicamente quando fez aquele pedido ao pai. Ele já tinha barba, estava mal feita, por sinal, porém quando seus olhos marejavam parecia até um bonachão. — Que história é essa de prestar vestibular pra Campina?

— Quero... quero! Por que não?

— Eu sei o que você quer! — levantou-se Severino — Você quer é se juntar com aquela doida da sua mãe! Meu filho, você sabe como ela é... não invente essas coisas não... foi ela que botou isso na tua cabeça?

— Não! Eu quero voltar pra lá! Eu não aguento mais ficar aqui!

— Mas o Rio... a melhor cidade do Brasil, meu filho! Você mora numa boa localidade, o que você quiser aqui tem. Tem sua família aqui...

— Lá também!

— Lá também, eu sei. Mas lá você viu que tava desestruturada, até mesmo por uma questão econômica.

— Mamãe passou pra um concurso público. Ela é agora técnica administrativa na UEPB e o vô Tércio ajuda com uma loja de material de construção que abriu no Centro. Eleonor já trabalha lá e ganha um salário.

— Eu sei que você quer rever sua mãe, seus irmãos, rever sua terra, mas no momento isso não dá, meu filho, pense bem, pense bem... não vale a pena voltar pra Paraíba agora. Vai abrir um montão de concurso por aqui e você pode se dar bem. Pense melhor. Não quero lhe contrariar. Você se mostrou até agora um rapaz disciplinado, sua carga de leitura com certeza já é maior que a minha. Você conquistou muita coisa nesses tempos. Nunca reprovou. Isso só foi o primeiro vestibular que você fez. Virão outros e outros. É igual a concurso público: quanto mais você faz, mais ganha experiência. É muito difícil passar de primeira. Tenha calma, meu filho.

Júnior não teve calma. Fazia chantagem emocional todos os dias. Até que finalmente seu pai cedeu e pagou a passagem aérea para que ele fizesse a prova na Paraíba, no final do ano. Ele aproveitaria o tempo do vestibular da UEPB para o da antiga UFPB — atual UFCG — para supostamente matar a saudade da família. Digo “supostamente”, pois ele não sentia necessariamente falta de ninguém, por mais que o tempo os tivesse separado. Mas quando viu as três pessoinhas vindo em sua direção no Presidente João Suassuna ele se deslumbrou e um frio na barriga lhe acometeu. Sua mãe já vinha engolindo o choro; Carolzinha ficou uma

adolescente quase mulher, pouco menor que a mãe, com os peitinhos duros, eretos, cabelo amarrado num rabo de cavalo, de All-Star cano longo, com camisa do Iron Maiden, pó branco, o olhar inda mais triste, porém com um largo sorriso ao ver o irmão, seria a primeira a abraçá-lo se não fosse a mãe atropelando a todos. Eleonor gargalhava pedindo calma a mãe e dando tapinhas nas espáduas do irmão. Tornou-se também um rapagão, só que diferente da magreza de Júnior, ficou um pouco adiposo. Enfim, todos trocaram abraços com o filho pródigo. Iam subir no carro quando Júnior viu o irmão indo na direção da boleia.

— Eleonor já tirou a carteira?

— Meu filho — respondeu sua mãe —, esse daí já aprontou tanto que dirigir sem carteira é o de menos. Já até fez o favor de engravidar umazinha qualquer.

— “Umazinha qualquer” não! — vociferou Eleonor.

— Já vão começar? — Carolzinha tapou o rosto.

— Ei, Biozinho, meu filho, bote suas malas atrás mas vá na frente com seu irmão. Eu vou no banco traseiro com Carolina.

E escancararam os vidros deixando que o vento invadissem o interior do veículo. Carolzinha fechou o seu abruptamente a fim de preservar seu penteado. Campina Grande havia crescido. Alguns prédios que não tinham antes de Júnior ir para o Rio já se erguiam com uma majestosa timidez. A Rainha da Borborema prometia um futuro promissor para o proletariado, escravos do dinheiro e do consumo incoerente, principalmente na área da construção civil. Campina já era considerada uma cidade universitária, e agora então, com faculdades particulares em cada esquina, ficara ainda mais difícil separar o trigo do joio. Eleonor dirigia com malícia, cortava os carros com astúcia veloz e sua mãe não falava nada. Árvores passavam rápidas como filetes verdes, o vento queria os guiar para um lugar ao crepúsculo. Entraram pela Vigário Calixto, passaram pelo Damas da Noite, bordel chulo de putas baratas. Por trás, um grande campo se abria para o estádio Amigão. Tão rápido foram que Júnior não reparou muito nas coisas, só pensava que até agora não pegara num carro em toda sua vida, enquanto seu irmão mais novo já dirigia como um piloto de Fórmula 1. Pararam na avenida, logo após o bar do Murão. Eleonor se meteu a criar galinhas, mas o problema era que elas de vez em quando escapavam do quintal e iam para o meio da pista, atrapalhando os carros que vinham geralmente em alta velocidade; quando não eram mortas, eram roubadas. Uma pintadinha já levantava as asas ainda na calçada quando colocaram as malas do chão.

— Passa pra dentro! Shiiiiuuu!

A ave se aproximava um pouco pensando que iam lhe jogar migalhas, quando percebia que não, ela recuava sempre de perfil, com sua esclera esverdeada.

O relógio biológico de Júnior não se acostumou, nos últimos tempos, acordar cedo, porém, às oito, sua mãe já começava acordar a casa batendo palmas fervorosamente, e quando faziam manha, batia panelas. Carolzinha era a primeira que, além de estudar pelo turno da tarde, tinha de lavar a louça que deixavam suja na noite anterior. *Isso é trabalho de mulher; tu acha que vão querer casar contigo se for uma moça de casa que não sabe fazer nada? Coitado do teu marido, então!* bradava quase sempre Eleonora. Algumas vezes a filha retrucava, mas sempre o discurso materno a vencia. Ela tinha de varrer a casa todos os dias, trabalho que fazia sem gosto e quase sempre deixava pela metade, ou como a mãe dizia “cagava e não limpava o cu”. Apesar de sentir a injustiça de mulher para mulher, Júnior não interferia e sempre saía do quarto quando a irmã batia na porta a fim de arrumá-lo. Ah! Júnior ganhou um quarto só para ele. Não era uma suíte como na residência do Rio, mas ele adorava aquele cubículo.

No começo adorava tudo aquilo: a sua mãe acordando-os cedo, a quase diária briga dela com a irmã, o Ozzy Osbourne ou o Iron Maiden ou o The Doors que a pequena sempre escutava no mais alto volume quando a mãe ia pro trabalho. Como o irmão trabalhava com o avô, Júnior só o via no almoço e, quando dava tempo, no jantar, pois Júnior sempre jantava no máximo às seis da tarde e saía para o Centro. Adorava as pessoas notívagas da cidade. Conheceu Cláudio e Emerson na Praça da Bandeira comendo naqueles trailers o grande X-tudo, mais conhecido como sebosão. Eles moravam num apartamento próximo ao Jornal da Paraíba e um dia convidaram Júnior para ir a casa deles. Foi então que descobriu que seus novos amigos eram gays. Faziam enfermagem na UEPB, vieram do sertão de Sousa.

— Lá é quente pra caralho! — suspirou Cláudio, no que seu parceiro concordou com um “unrum”. — Quero ver como tu se dá por lá.

— Morei no Rio já, e lá também pega fogo, brother.

— Rapaz — interveio Emerson —, nunca vi cidade com clima melhor que Campina. Aqui é bom de mais, homi.

Foram eles que o apresentaram Vanessa. Era uma baixinha e gostava de frequentar lugares alternativos da cidade aos sábados. Pálida de tão branca em contraste com uns olhos negros como o breu. Uma coruja assustada em tatuagem se pintava logo abaixo do seu seio esquerdo, e o Coringa a depenava pelo rabo ao mesmo tempo mostrava um ás de paus na outra mão, terminando o desenho com o sorriso do vilão do HQ logo abaixo do pescoço. Fora

com ela que Júnior perdeu a virgindade. Não perderam a esportiva e depois ficaram logo amigos.

— *Hey, boy*, vamos pro Tenebra hoje?

— Hoje não, já saí ontem. Vai ser muído pra eu sair de casa hoje.

— Qualé! Te quero hoje. Por favor, véi. Não tenho com quem ir. Queria um amigo... briguei com a puta da Thalita, e ela vai com certeza hoje. Não quero mostrar que tô só... por sinal, mais tarde vai ter cover do Pink Floyd, você num disse que gostava? *Dark Moon* o nome, se não me engano.

Sim. Júnior aproveitou alguns cd's da irmã. Entre eles os sucessos do Pink Floyd como *Dark Side of the Moon*, *The Wall*, *Wish You Were Here* e *The Division Bell*. Suas psicodélicas ideias emergiam tão surreais quanto a Guernica de Picasso. O prisma banhado em negridão da capa mais famosa do disco da banda transmitia a Júnior uma bifurcação de cores, apenas duas cores, não um arco-íris, um dito cheiroso arco-íris infantil. Vinha a luz e nela se dividia o sangue e a lama apenas. Júnior inferia que antes da verdadeira luz, tínhamos que nos afundar em imundície, dejetos de deuses recalcados com sua criação, e fazer escorrer o sangue de quem não nos deixa sair do mangue dos condenados, nos atolando sempre mais.

Pensou que a mãe não o deixaria sair, mas ela apenas alertou para que não bebesse e lhe deu dinheiro para voltar de moto-táxi. Acabou indo para o bar proposto pela amiga que o guiava com sua mãozinha que antes o masturbou. Apresentou Júnior aos seus conhecidos, ao seu ex, e apontou com desdém para amiga que brigara. Demorou a perceber que Thalita era estrábica. Mas esse desvio ocular deixou Júnior mais ainda excitado. Vanessa reparou que Júnior a fitava copiosamente e quando ele percebia que o policiavam, desviava o olhar.

— Acha bonita, Júnior?

— Quem?

— Ora quem!

— A amiga que você brigou... como é o nome dela mesmo...?

— Thalita! Quer que eu apresente? Não queria vir só, isso não quer dizer que eu necessariamente não fale com ela. E esse seria um motivo para me aproximar dela e, quem sabe, resolver logo esse troço.

Sim, ele aceitou ser apresentado a tal colega. Vanessa a cutucou um instante e ela se virou com ar de surpresa, um sorriso amarelo, mostrando um aparelho sutil, azul, para combinar de vez com seu cabelo preto azulado. Júnior deu os dois beijinhos de praxe mas Thalita se mostrou fria, mal mexeu os lábios para receber as bochechas do rapaz. Ela tinha um hálito adocicado. Todas as vezes que piscava sua franja se mexia. Ela parecia querer sentar e

Júnior viu logo um pessoal saindo de uma das mesas — o problema do Tenebra era a falta de mesas e cadeiras para acomodar todos os seus clientes, porém isso não desanimava ninguém, posto que o público jovem não buscava conforto e só fazia aumentar. E ter a liberdade que a clientela do Tenebra tem de tomar a rua, não é qualquer bar que tem. As plaquinhas eram muito peculiares, entre elas, uma com o aviso que era “proibido tocar lixo musical”. Além do banheiro unissex com sua incrível luz azul sobre um assoalho de imundices. O bar do Tenebra se tornou um point para o pessoal que se dizia “alternativo”, ou até para os neoboêmios da geração pós coca-cola de uma sociedade cada vez mais líquida. A maconha era sentida de longe, e os olhos negros, azuis, castanhos, verdes, sempre piscavam com mais rigor ao sentir o odor da erva. Vanessa mostrou um cigarro em baixo da mesa e olhou para a “amiga”, no que ela pareceu dar seu primeiro sorriso sincero, fraquinho porém verdadeiro. Olhou para Júnior também e este disse que não fumava.

— Qualé!

— Mas você já pegou? — pela primeira vez Thalita se dirigiu a Júnior, com o olhar de curiosidade. Que não, o garoto disse. — Então não diga que não fuma. Só depois de pegar a primeira vez que você sabe se realmente quer de novo ou não.

— Mas — argumentou Vanessa — pode ser que ela não goste da primeira vez. É igual a quando enfiaram a pica na minha bocetinha virgem...

— Há um século... — Thalita soltou uma gostosa gargalhada.

Júnior, apreensivo, seguiu as meninas até uns carros estacionados na frente do bar, no Parque do Povo. Thalita lambeu a pontinha do cigarro reclamando da seda mal fechada. E aquele objeto branco, brilhoso de saliva, foi foco do garoto queurgia em colocá-lo na boca antes que secasse, já que ventava muito. Vanessa puxou da mão de amiga e acendeu-o, puxando até que a brasa do fundo do baseado ficasse viva. Passou para Thalita que tragou fortemente e conversou coisas que não interessava a ninguém ali. E puxava com mais vigor e demora. Sorria dolente. Suas pálpebras já baixavam.

— Passa pro Júnior, Thalita! Oxi...

Ela retesou o braço e Júnior pode sentir ainda a umidade do cigarro. Não hesitou. Tentou puxar como a Thalita só que engasgou.

— Com calma, com calma...

Júnior passou adiante e Vanessa lambeu a seda também. Depois deu uma mordida na ponta, que se fechava muito. Júnior quis saber o motivo de tantas artimanhas com aquele fumo, mas teve vergonha e não perguntou nada. Um grupo de rapazes mal encarados se aproximou rodeando o trio.

— Role na nossa, rola na da gente!

— Depois dessa a gente rola — ralhou Thalita.

Passou mais uma vez por Vanessa, Thalita e Júnior — que trouxe levemente e não tossiu mais —, e ele *rolou* na dos caras. Voltaram ao bar e viram de longe Cláudio e Emerson. Júnior ficou feliz por ver mais conhecidos. Eles estavam emburrados, pareciam ter brigado. As duas meninas foram abraçá-los e por um momento Júnior se viu sozinho. Eles riram muito com o desenrolar de poucos minutos e acabaram se abraçando, o casal gay. As meninas não só voltaram para perto de Júnior como propuseram um selinho triplo. Ficaram agarradas ao nosso Severino a partir de então.

— Júnior, se tu continuar assim — gritou Cláudio —, vão achar que tu é viado!

— Por quê?

— Porque só quem fica agarrado com duas mulheres sem fazer nada são os amigos gays delas.

— Não seja por isso! — falou Thalita empurrando a cabeça da amiga para perto da boca de Júnior. Quando menos se deu conta, as duas línguas se enroscaram na sua, e o garoto pôde sentir uma áspera e outra vistosamente lisa. A áspera, sabia, era a de Thalita,. Ele percebeu também um piercing em formato de esfera. Após o beijo demorado, Thalita enxugou o excesso de saliva ao redor da boca de Júnior, o que não o agradou muito.

— Vamos lá pra casa! — chegou Emerson eufórico.

Júnior estava em êxtase. Apenas seguiu o passo daquelas quatro pessoas que o guiavam pelas ruas negras de Campina Grande. Gritavam para os carros que passavam. Os motoristas soltavam buzinas sempre que os seios de Vanessa saltavam para fora da blusa — adorava mostrar suas argola. Eles pararam num sinal e fingiram estar dentro dum carro invisível e o veículo de trás dava luz alta nas ancas nuas das meninas. Elas agitavam o trânsito com os tchauzinhos educados e sublimados em gestos de putas. Júnior desejava ficar agarradinhos com as duas, mas elas pareciam se desvencilhar como sabonete em mãos molhadas.

Subiram para o apartamento dos meninos, que pediram silêncio, riram baixinho. Entraram no 215. Cláudio trancou a porta pôs a mão na boca pedindo calma, as meninas sentaram no sofá e começaram a se beijar.

— Espera — se afobou Cláudio. — Espera, caralho! Me dê a parada pra eu preparar.

Thalita entregou um minúsculo plástico para ele com um pó branco.

— Soube que tu já provou coisa boa hoje — falou praticamente esfregando a cocaína na cara de Júnior. — Já é hora de tirar a virgindade do nariz, amigo!

Ele foi ao banheiro e despejou o pó num pequeno espelho, perguntou se Júnior tinha um cartão fácil, servia carteira de estudante. Com habilidade, ele separou o pó em seis carreiras de Neve. Fez um tubo com uma nota de deis reais e colocou no nariz. Aspirou uma carreira num movimento rápido e preciso.

— Vai agora, Júnior! Dá teu tiro...

Júnior pegou a nota enrolada enquanto o amigo tapava uma narina com o polegar e inspirava para que o resto da droga fosse inalada com sucesso.

— Cuidado pra não respirar e acabar espalhando tudo... ai, merda!

O pó não se espalhou tanto. Cláudio reparou agilmente o estrago com a carteirinha de Júnior. Na segunda tentativa, Júnior foi até metade do risco branco, se engasgou após ver seu reflexo riscado com o pó mágico, os pelos das fossas nasais, seus olhos já perdidos... depois inalou o resto. As cinco carreiras foram consumidas em pouco mais de um minuto. Passaram o dedo no que sobrou e esfregaram na gengiva. Júnior sentiu sua boca dormente. Cláudio o abraçou dizendo que o amava muito. O amor a cinco é maior que o amor a dois. E todos se apaixonaram naquele dia. Sua pupila dilatou e, de vez em quando, escutava uma fungada. Mas os sons que imperam no escuro eram ofegantes. O monstro alvinegro regou a plantinha mais um pouco, e sua fotossíntese era noturna.

19.

Pensou no vestibular no qual faria ainda esta semana. Ser classificado seria seu passaporte para ficar de vez na Paraíba. Não combinou detalhes com o pai de como faria a volta ao Rio. Nos dias posteriores à prova, Severino com certeza ligaria para o filho para providenciar seu retorno. Mas Júnior pensou que não faria sentido voltar pra o Rio antes do resultado. E se soubesse da sua classificação positiva na cidade maravilhosa? Não teria de retornar do mesmo jeito para Paraíba? Achou melhor conversar com o pai sobre o assunto. Ligou pra ele e a voz paterna soletrou algumas recomendações que convergiam para o seu regresso, porém acabou que não teve jeito. Deixou no Rio o Super Nintendo, um tênis que ele adorava, um velho que o abençoava cabisbaixo, uma mulher que já tinha um homem... sentiu que o coração ia apertar... não foi mais do que sensação estranha. O bicho de sete cabeças parecia ter apenas um rosto: o infortúnio. Caminhava indiferentemente pelas ruas, mais em passos largos. Júnior respirava o ar mórbido que Ele soltava dos pulmões. O pai concedeu sua

breve alforria; Júnior se arrependera — a ideia de ficar em Campina Grande por mais tempo que o previsto o fez pensar na nostalgia que teria do Rio ao mesmo tempo em que retornar aos braços da sua família carioca não lhe agradava tanto. Nem cá, nem lá. Onde, então? Como o animal na Farra do Boi¹³, Júnior sempre temia a Semana Santa, semana na qual ele seria o Judas a ser perseguido pelos seus monstros armados com facões, porretes, pedras. Ou ele ficaria e era degolado, ou morreria afogado no mar. Os psicóticos da tortura. Quem teria que se limpar com o sangue de Júnior eram os monstros e não o contrário! Mas Júnior vive com eles porque, além de feri-lo muito, tais criaturas imateriais o curam, como o fígado quase ausente de Prometeu se regenerava; passam bálsamo nas veias abertas, dão chá de folhas negras da plantinha que lhe está crescendo...

[A ponta do lápis quebrou]

Mas este capítulo não pode acabar assim...

A ponta já está tão afiada como espinhos na cabeça de Cristo. Continuemos.

A ansiedade do vestibulando superou qualquer expectativa de sono na véspera da prova. O candidato chegou ao local do exame — Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Dr. Hortêncio de Souza Ribeiro, ou simplesmente *Premen* — quinze minutos antes do início. Atropelou quem estava no caminho. Bem que sua mãe aos gritos e às batidas de frigideira o tentara puxar da cama logo cedo. Mas não. Sentia repulsa total ao ver alguém, seja lá quem for, puxando-o da cama aos berros. O deixava tão irritadiço que demorava a se levantar, e apenas saía da cama quando a outra pessoa desistisse de fazê-lo despertar. E resultou que deixou sua mãe bufando antes de sair de casa, sem ao menos lhe desejar boa sorte. Mas estava ali. Sentado. Foi quase o último a chegar à sala, faltavam três minutos para o lacre das provas serem abertos. Nesse instante Júnior pensou nas cores das horas, no peso do sol, no centro da terra; o quanto somos pequenos, inúteis. E sua ansiedade ficou suspensa. E virou uma carga. E ele jogou-a. Poderia fazer isso com a indiferença crônica? Se pudesse, queria? Sentado naquele projeto concreto chamado cadeira, percebeu o quanto poderia estar perdendo lá fora, quanto tempo a vida lhe carregara desde aqui. Um sumiço de ninguém? Um sopro duma assoprada? O cúmulo da depressão!

¹³ A Farra do boi acontece em alguns vilarejos litorâneos de Santa Catarina ou mesmo em sua capital, Florianópolis. Os defensores de tal ritual alegam que fazem isso a fim de preservar a herança cultural da região. Essa cerimônia sangrenta onde o animal é perseguido, morrendo afogado no mar — quando não mutilado — acontece comumente na Semana Santa, ou em festividades como aniversários, casamentos, etc. Fonte: http://www.tribunaanimal.com/farra_do_boi.htm (N.A.)

A urgência da prova penal fez o garoto arrotar todos esses pensamentos anti-neoliberais. O capitalismo lhe fez pensar em não fazer a prova. *O que tô fazendo aqui? Deveria estar no Rio, ser carioca!* A voz do fiscal pedindo para que o gabarito fosse assinado; a corrente de ar que vinha da porta; a cadeira na qual sentava... a alma era tão volátil! Que faria ali? Assinou o gabarito de princípio. Abriu vagarosamente a prova que, na primeira página, lhe indagavam sobre os mitos gregos. Marcou a assertiva “c”, onde constava um excerto sobre a criação do homem pagão e sua relação com o gênesis do Cristianismo. Noutra questão, Homero foi exaltado e Júnior marcou a opção de maior ode ao poeta. As charges na prova de Língua Portuguesa foram facilmente deduzidas. A redação, um tema chulo que nosso garoto não soube desenvolver, foi causa de desespero, pois deixou para produzi-la por último. Respirou aliviado quando terminou a prova daquele dia. As outras provas foram de uma regularidade medíocre — que, claro, não vou narrar aqui, pois são descrições inconvenientes à narrativa.

Quando perguntavam para Júnior o que ele achou do vestibular, ele respondia: “foi bom, foi bom”, com um ar de mais ou menos. Sem esperar passar, mas com esperança tênue e inesperada.

— Vamos sair pra relaxar um pouco! — chamou-o Thalita ao telefone.

Prosseguiremos num final de tarde, chuva fina, de terça-feira cuja lua se metia no arrebol. Pegou o ônibus. As casas passavam como em um corrimão. O asfalto limitava a poeira a se expandir, diferente das ruas de paralelepípedo onde o trepidar gaguejava. Na subida da Floriano Peixoto, o ônibus passou próximo à Feira Central — lugar onde Júnior não ia, pois a achava *fedorenta*, sem saber que todos os coletivos, tempos atrás, eram obrigados a circularem por lá, antes do governo do poeta Ronaldo Cunha Lima; sem saber também da importância econômica que aquela feira, que já foi considerada a maior feira ao ar livre do Brasil, trouxe um dia para sua estimada cidade. Fora também palco de Revoltas como a do Quebra-Quilos — que, certamente, deixou relíquias históricas no fundo do Açude Velho até hoje não resgatadas¹⁴ (quanta riqueza jaz naquele açude fétido?) — e a do Rasga-Vales. Passou pela Catedral Nossa Senhora da Conceição. As pessoas no coletivo se benzeram, alguns até três vezes, e a virgem imponente de braços abertos, a luz azul lhe irradiando a frente, observava tudo do alto do estacionamento da Igreja, sobre um pilar, com o olhar pétreo. Júnior se dirigiu para a porta de saída do ônibus. Sentava-se demais ultimamente. Cansava-lhe sentar. Cansava-lhe ficar de pé. Cansava-lhe viver...

¹⁴ Muitos revoltosos, além de quebrarem as ditas medidas, pegaram os pesos e lançaram nas águas do Açude Velho (N.A.).

Saltou na Praça da Bandeira, onde os pombos já se recolhiam, cortou pela Clementino Procópio, por trás do esclerosado Cine Capitólio. As trevas escondiam frases de poetas que olvidavam a cidade, inscritas em lápide fria e esquecida, verticalizadas numa hierarquia sem sentido; começava por baixo: Augusto dos Anjos (“Não! Jesus não morreu! Vive na Serra da Borborema, no ar da minha terra”), Alcides Carneiro (“Campina, Deus te colocou nos píncaros da Borborema para mais perto do céu [*sic*] cont[em]plar¹⁵ o bordado azul dos teu horizontes”) e, no cume, Felix Araújo com uma sentença auspiciosa para tempos de tirania: “Esta terra de bravos/ não será terra de escravos/ nem reinado de opressão”. Outros nomes se projetavam a ferro sob uma grotesca arte dos pichadores, nomes como José Américo de Almeida, Zé da Luz, Raymundo Asfora. Encontrou-se com Vanessa e Thalita no apartamento dos seus amigos Cláudio e Emerson. Perguntaram mais uma vez “e aí, e a prova?”. Respondeu com fastio que fora boa, mas que poderia ser melhor; que a de Literatura foi a que se deu menos mal; que não sabia se entraria dessa vez pra universidade, apesar da concorrência baixa. Colocaram na sua frente uma carteira preta, velha, sob uma carreira de “pó de pirlimpimpim”. Júnior riu muito com esse nome pois ele conhecia um pouco da obra de Lobato, mas o suficiente para conhecer o pó mágico que levava a boneca Emília para qualquer lugar do mundo... do universo! Mas o que levou Júnior a uma viagem mesmo foi a *cannabis*. O pó lhe deixa alerta, a maconha o relaxava; um paradoxo de prazeres. Thalita sentou no seu colo e lhe fez uma massagem no peito nu, entreabrindo os botões de sua blusa quadriculada. Ele olhava para o teto, com ar de idiota. *Zarolha!* Júnior já tinha bastante pelo no peito, portanto sentia a mão da garota arrastando pela penugem morosamente. Até que ela puxou. Ele a fitou estranhamente — não sabia se gostava. Sua expressão sugeriu outro puxão. Entendeu o alvitre: arrancou uns pelos com os dentes. Júnior teve um sobressalto de dor. Quando Thalita o olhou de forma auspiciosa, ele retirou uma película de pelugem do seu lábio inferior; ela lambeu o local avermelhado no peito de Júnior.

— Ei! — exclamou Cláudio — Meu padrinho tá na cidade e disse que se eu quiser dar um volta com as *mina* no carro dele é só pedir. Cês tão afim?

— Acho que vou gripar — suspirou Emerson.

— Eu tô! — se alegrou Thalita saindo do colo de Júnior; agarrou-se imediatamente com Vanessa.

— Vamos, por quê não? — o veredicto de Júnior.

¹⁵ O e foi arrancado certamente devido aos fatores naturais ou ao vandalismo (N.A.).

E saíram. Emerson ficou assoando o nariz numa camisa branca — não gostava de lenços, *eram pequenos demais para o bolo de catarro*, mas desejou divertimento para os que iam. Cláudio achou o parceiro muito indisposto mesmo para uma pessoa gripada. Júnior percebeu a preocupação do colega, porém não queria perscrutar problema alheio. Pegaram a rua João Pessoa e desceram até um estacionamento privado. Vanessa também parecia emburrada: sorria nos momentos certos, mas não perdia a oportunidade de cortar a amiga quando esta lhe dirigia a palavra, ou mesmo falar dos “machos” que ela estava de olho. O grupo estava doente. Júnior parecia ter contaminado a todos. Cláudio chamou o tio num apartamento adjacente a uma concessionária de carros. Tio Marcos! Tio Marcos!!!! No que um homem colocou a cabeça pra fora da janela. Viu Cláudio, analisou o quarteto e pediu que esperassem. Perguntou com um jeito doce, porém firme, se não queriam entrar, beber alguma coisa... *não, obrigado! Estamos apressados, vamos pegar mais uma moça em Bodocongó*¹⁶... o tio jogou a chave do carro e pediu para que tivessem cuidado com as blitz. Tio e sobrinho riram ecoando deboche à fiscalização de trânsito campinense... por que não da brasileira?

Enfim rumaram pela Maciel Pinheiro lindamente iluminada por seus postes de luz bruxuleante, desvelando uma concentração rica de fachadas arquitetônicas em estilo Art Decó — uma das maiores do mundo, perdendo apenas para Miami, nos EUA¹⁷. Desceu pela Floriano em direção ao Teatro Municipal. Campina gelava num frio de 18 graus, mas sem sinal de chuva, só umas nuvens por cá cobrindo vez ou outra a lua. Thalita reclamou da fome e Cláudio deu a volta pela Getúlio Vargas parando nos trailers. Cláudio disse que ficaria no carro e entregou ao Júnior o dinheiro para comprar X-tudo; Thalita foi a primeira a descer do carro chamando-o para acompanhá-la; Vanessa ficou num silêncio afogado em choro.

— Vanessa tá estranha ou é impressão minha? — perguntou Júnior enquanto esperavam os hambúrgueres.

— É frescura — retrucou Thalita entortando os olhos já tortos.

— Tá de TPM?

— Sei não...

— Sabe não?

— Oxe, relaxe, homi...

— Vou falar com ela.

— Faça isso não... deixe como tá. Isso passa.

¹⁶ Bairro universitário de Campina Grande onde se localizam a UFCG e a UEPB (N.A.).

¹⁷ Segundo o professor Jameson Ramos Campos, da Universidade Estadual da Paraíba, no seu blog “Rainha da Borborema” (N.A.).

Júnior parou um pouco. Sentiu o cheiro do frango na chapa quente, a carne que nunca se trai.

— É por que eu tô achando que é comigo.

— Contigo?

— É impressão?

— É impressão, pô!

Uma viatura passou. Os cantos da noite silenciaram. O surdo fenômeno se manifestou. No carro, Cláudio e Vanessa mexiam a boca freneticamente; esta sempre com uma gesticulação incisiva. *O que será que falam?*

— Não acha que tá na hora dela ir pra casa, Júnior? — indagou Thalita com o sobrolho arqueado.

— E acha que ela concordaria?

— E por que não?

— Vocês estão juntas, né?

Thalita suspirou impaciente:

— Porra, mas ela tá insuportável. Você pede pro Cláudio deixar ela em casa. Se ele não quiser ir com a gente depois, ficamos aqui no centro mesmo e tomamos uma. Eu também preciso relaxar. Eu e você, véi...

Os pães estavam devidamente recheados e quentes. Júnior pediu uma coca de dois litros e foram com bandejas até o carro. Distribuíram os X-tudo. Vanessa recusou, o que deixou Thalita irritadiça pois o dinheiro poderia servir para outra coisa...

Finda a refeição, o que era para Vanessa foi repartido com os rapazes que ainda aguentavam comer.

— Que falta faz um som pra digestão! — batucou a barriga Cláudio.

— Rá rá, nada a ver! — Thalita gargalhou.

Cláudio bocejou dizendo que por hoje bastava. Só pegou o carro mesmo pra fazer um teste. Nos próximos dias, iriam sair de verdade! Já eram quase 22:00 horas quando o motorista perguntou a quem deixaria em casa primeiro, no que Júnior respondeu que acharia melhor deixar primeiro Vanessa. Da boleia se escutou o choque do punho dela no ombro de Thalita.

— Ai! O que foi?!

— Vai me deixar primeiro um caralho! — os olhos de Vanessa estavam rubros, fitavam Thalita de forma pavorosa e pegou as bochechas dela fazendo um bico forçado na amante.

— O que foi, Vanessa? — olhou Júnior da forma mais hipócrita para a amiga.

— Ai! Vamo sair daqui! — Cláudio arrancou.

— Você sabe, VOCÊ SABE! — falava Vanessa irascível entre os dentes.

— Sei o quê? Me solta, me solta!

O carro se movimentava lentamente. Cláudio acompanhava a discussão do retrovisor, Júnior tinha de se virar. Declinavam a ladeira da Irineu Joffely quando Thalita exclamou que ia descer, *que ia descer!*

— Você vai uma porra! — irritou-se Cláudio.

Mas a porta traseira foi aberta com o carro em movimento, devagar, mas em movimento, e ela pulou para fora. A prostituta que fazia ponto por ali gritou *pega a vadia!* Vanessa levou as mãos à cabeça e chorou baixinho; se ergueu rapidamente e pediu para que o amigo parasse o carro, pois ela ia atrás da Thalita. Ele parou sem contestar. Ela desceu em direção a 13 de Maio.

— Me deixa em casa — falou Júnior tranquilamente. — Agora.

— Não. Agora vamos atrás delas. Não podemos deixar o casal sapatão sair assim, batendo a porta do carro desse jeito. Vou levar elas em casa. Vão escutar umas coisinhas também... essas putas!

E cortaram por uma rua subjacente. Cláudio rodava em alta velocidade, como um desvairado. Júnior queria apenas chegar em casa, não dava a mínima pra situação, se não as encontrasse melhor ainda. *Que vão rodar a bolsinha!*

Vanessa vinha subindo a 13 de Maio, arrastando a saia, com um aspecto cansado e o olhar fugido, úmido.

— Sobe no carro, Vanessa — falou apressado Júnior.

— Como você tem coragem... — falava ela gesticulando muito, serrado o punho e jogando o dedo em riste — você ia me deixar em casa e ia sair com minha mulher... como você tem coragem... você, meu amigo... fui eu que te apresentei ela, e você me agradece assim, tomando ela de mim... — e saiu correndo, levantando a saia.

— Pronto, agora vamo embora. Já era!

— Júnior, porra, você não entende. Saímos com essas porra, a gente não pode largar elas assim!

Júnior cruzou os braços.

— Então vai atrás, bora!... Vai perder ela!

Cláudio arrancou. Alcançou Vanessa num instante. Ela corria em direção à Thalita, que estava de cócoras no asfalto, quase o beijando. Vanessa deu um puxão tão grande que a colou de pé.

— FALE NA FRENTE DELE! — Vanessa dava tapas sonoras na cara de Thalita. — FALA QUE TU QUERIA DAR PRA ELE!

— Sai... não quero... — a voz fraquinha de Thalita se projetava num choro.

Júnior saiu do carro e pediu para que elas entrassem. Que meio da rua não era lugar de discutir isso. Vanessa continuava a maltratar a amiga: puxava seus cabelos, dava-lhe cocres entre os nós dos dedos prontos para se formar num soco entre os dentes; e uma continuava a insistir que a outra devia “falar” que queria perder a virgindade do cu com Júnior. Sua face mudou para forma mais fria quando a estratégia de tortura fora trocada: agora queria que Thalita entrasse no carro: a empurrava dizendo: “você vai entrar, agora você entra!”, a fragilidade da menina vesga permitiu protestos teimosamente pueril “não quero, não vou”. Vanessa abriu a porta de trás e tentou enfiar a amiga/amante dentro; esta abria os braços e não se baixava de jeito nenhum. Era como o flanco duma chave querendo entrar numa fechadura. Vanessa puxou o coque de Thalita e fez o corpo dela arquear num ângulo estranho. Beijaram-se. Quando pensou que ia dar tudo certo, Júnior entrou no carro. Cláudio, não obstante o escândalo, fechava um cigarro de maconha. E Vanessa tornou a tentar colocá-la para dentro. A barriga de Thalita mostrava sinal de nascença; era tão branca como um palmito. Cláudio, antes de acender o baseado, o queimou na barriga dela. Thalita assustou-se tão estranhamente e causou uma queda involuntária na parceira.

— Eu entro, mas vão lhe deixar primeiro — disse Thalita se acomodando no banco de trás.

— Vão me deixar primeiro um carai! — entrou Vanessa furiosa no carro.

Thalita morava na Prata e era o lugar mais perto e evidente para se pegar naquele caminho, pela Floriano Peixoto, depois do Teatro. Quando percebeu que não seria atendida, ela abriu novamente a porta do carro em alta velocidade, só que dessa vez Vanessa a segurou e não deixou que ela se movesse. A porta continuava escancarada e o carro a 90 Km/h. Com o pé, Thalita não deixava que se fechasse, sempre a empurrando com força e ira. O espírito de olhos vermelhos passou de uma para a outra. Ela se contorcia enquanto a amiga fazia cafuné na sua cabeça, pedindo, entre lágrimas, que, por favor, parasse. E Thalita ficava mais irascível. Gritava, chutava a porta. E a porta seguia aberta até que Cláudio passou próximo a uma placa de “proibido estacionar” e a haste de ferro, na velocidade que o veículo estava, fez com que a porta voltasse e atingisse fortemente a sua canela. Elas gritaram, Thalita de dor.

Cláudio parou abruptamente o carro. O espírito agora estava nele. Desceu, escancarou a porta e disse:

— Sai tu, e sai tu — jogou as duas no asfalto.

Thalita se levantou e saiu mancando, ajudada por Vanessa. Foram em direção ao hospital mais próximo: a Clipsi.

— Só podia ser sapatão! — deu partida no carro.

— Eu disse, eu disse...

— Cala essa boca, Júnior!

— Oxe... — Júnior queria chegar tanto em casa que se lembrou do “oxe”, redução do “oxente”; raízes do nordeste inegáveis, esquecidas no seu carioquismo tardio.

E o carro seguia...

O baseado queimava na boca de Cláudio.

— Não quero nem ver o estrago que aquela rapariga fez na porta...

A centelha extinguiu a seda e a raiva...

O espírito repousou em Júnior.

Todos os seus monstros acolheram o novo membro, deixaram-no descansar. Pediram para que acordasse, mas em silencio, sem estardalhaço, pois um dia hão de fazer carnaval. Fizeram um tour no passado do seu hospedeiro. E o retardatário entendeu: ocultou-se.

Não havia mais chispa que lhe tocasse os dedos, Cláudio! Jogara o que sobrou do cigarro sem oferecer nada ao amigo. Parecia relaxado. Não pensava no que diria pro tio, talvez nem se importasse. Pegou a Vigário Calixto por automação. Júnior puxava o volante quando percebia que o carro ia encostar no meio-fio. O colega não estava bem... mas ele estava perto de casa. Cláudio parou um quarteirão antes de sua residência e o mandou descer. Tudo estava estranho hoje. Júnior seguiu resmungando. Sentiu o frio da cidade. E um frio de chofre na espinha... um saco de serapilheira jazia estranhamente triste e flácido ao lado do portão na sua casa, Júnior conferiu o que tinha dentro: garrafas pet, um saco de cuscuz dentro doutro saco, uma toalha, uma calça... sandálias havaianas largadas no chão também se portavam de forma tosca: além de sujas, uma estava virada para baixo.

— LADRÃO, LADRÃO! — escutara sua mãe gritar nervosamente.

Um homem de estatura mediana com um saco preto pulou do muro mediano para fora — o portão de ferro serviu de escada para o sucesso do gatuno. A rapidez foi surreal. Ao cair na calçada, Júnior o encarou estarecido — seu olhar era sofrido, lhe faltam dentes, o nariz era largo, a pele fusca num cabelo grisalho —; tão veloz saiu correndo, descalço, gritando desesperado, esqueceu até das trouxas.

— Cabra safado! Vagabundo! Seu nojento! Devolva minhas galinhas, safado!

Ele já entrava numa rua que cortava a Vigário Calixto, ladeando o motel Bel Recanto, quando Carol aparece abrindo o portão da garagem.

— Júnior! Aff, tava aí e nem segurou o ladrão?

O carro saiu com fervor. Eleonor buzinou.

— Sobe, Júnior! Vamo pegar o fresco! Ainda dá tempo. Vem, vem, vem...

E os irmãos dispararam seguindo o rastro do furtador. O veículo seguiu pelas ruas da Vila Sandra, o Bar da Curva... não foi difícil o encontrar, o sujeito corria claudicante.

— SOLTA O SACO, SAFADO! SOLTA O SACO SE NÃO TE DOU UM TIRO!

— berrou Eleonor. Júnior sentiu toda a fúria do irmão. O monstro acordou.

O individuo ofegante, largou o saco que se mexia vivamente. Eleonor desceu do carro, disse ao irmão:

— Pega o saco e bota na mala.

Júnior fez como ordenado. Eleonor estava maior que ele, era mais homem! Pegou o ladrão e deu-lhe uma rasteira, o sujeito de tão fraco caiu inerte num estrondo. E foi pisoteado majestosamente ecoando urros de cólera. Eleonor o pegou pela gola da camisa do maltrapilho e investiu socos na geometria imperfeita de sua face.

— Isso é pra você aprender a não entrar em casa de família de bem, seu boceta!

— Deixa eu bater nele também... — pediu Júnior

Eleonor fez um gesto positivo.

Júnior socou desajeitadamente a cara do sujeito. O monstro brindou em vermelho! O sangue começou a espichar, a pintar um retrato no que já foi barro. E Júnior tomou gosto pelo serviço e foi tomando jeito. Seus golpes ficavam menos atrapalhados. O maltrapilho não reagia, os olhos fitavam o rosto de fúria e diversão daquele rapaz que um dia foi Severino... algumas pessoas começam a se aglomerar ao redor. Os punhos de Júnior estavam mais rápidos, mais precisos e salpicados de sangue. Eleonor interveio.

— Tá bom, Júnior.

Ofegava triunfante. As pessoas que o cercavam riam, outros ficavam sérios, umas mulheres tremiam perguntando o porquê daquilo.

— É um ladrão safado!

— Uma pisa é pouco! Foi muito bem feito!

— Ele roubou o quê, meu filho? — perguntou um senhor a Eleonor.

— As galinhas da minha mãe.

— Pois não tenha pena não! Já chamaram a polícia. Diga tudo a eles. Diga até mais um pouco, pra lascar mais ainda esse safado.

Júnior se levantou. Os cidadãos deram espaço. Com as mãos pingadas de sangue, assumiu a postura de irmão mais velho.

— Aquelas coisas que ele deixou... a gente vai fazer uma fogueira de São João com elas. São João fora de época.

O maltrapilho chorou.

20.

Fazia um bom tempo que Júnior não via as meninas. De súbito recebe a notícia de que Emerson havia se matado ingerindo um coquetel de alucinógenos, tarjas pretas, uma miríade de drogas que a necropsia revelou. Os parentes do suicida jogaram os alfinetes de culpa no *viadinho* que colocou o filho nessa vida. Cláudio se mandou pra capital quando seu tio o disse coisas subversivas... como se sustentaria? No início não se preocupara em encher barriga: só de pensar que o corpo do amado estava sendo aberto, os órgãos sendo apalpadados grosseiramente — *talvez até fizessem piadas com seus pulmões ou seu coração no momento do rebuliço interno!* —, dava-lhe náuseas e ficava horas sem comer. Mas deixemos o cadáver aberto como uma flor se abrindo na primavera; esqueceremos também do casal de lésbicas no qual Júnior também não lembrara. A anatomia da maldade dele é deveras arquitetada pelas criaturas que o habitam numa vila chamada alma. Vamos pôr um ponto final nas galinhas de dona Eleonora — “vamos” não! A própria dona pôs um fim no galinheiro torcendo os pescoços das aves uma a uma, oferecendo-as aos banquetes familiares nos dias subsequentes. Os filhos só deram conta da erradicação das aves, quando não sobrara mais nenhuma... Eleonora ficava mais feminina na cozinha, mais mãe... mais mulher! Cozinhava, sempre que tinha tempo, cantarolando, e quando alguém dava pitaco sobre culinária, ela sempre sobrepunha artimanhas e temperos bem mais saborosos. Nunca ouviu falar em feminismo, *nem nessas baboseiras de libertação sexual*, e se ouvisse pouco lhe interessaria. Via a figura masculina com olhos neutros. Desde que se separou do Severino, não se interessou em encontrar outro. Queria servir, mas a quem? Seu tempo era dividido entre o trabalho e os ensinamentos patriarcais que transmitia à filha. A última galinha quem matou foi Carolina. O provérbio brasileiro “à mulher e à galinha: torce-lhes o pescoço se a quiseres fazer boa” é a herança dos porcos chauvinistas. A prisão do lar, não é isso que interessa ao ser humano?

Júnior não; ele achava que sua única clausura foi o ventre materno. Era livre na terra da solidão...

Conheceu Danilo...

Mas, me esqueci de falar: passou no vestibular da Estadual!

Conheceu Danilo no dia que fora fazer a matrícula da instituição. Um mulato que vivia miseravelmente de sua arte: pintava, desenhava, cantava versos em meio aos cordéis que escrevia quando tinha tempo. Morava no bairro do José Pinheiro, num casebre onde as paredes cheiravam a esperma.

— Misturo o sêmen às tintas. Está vendo esse sol? Tive que ficar um tempo sem me masturbar pra conseguir essa tonalidade. Misturei porra, gema de ovo, e um bocado de coisa para conseguir esse tom.

Júnior se impressionava todas as vezes que ia a casa dele. Danilo falava das coisas com maestria e sempre incluía filosofia nos mais banais fatos do dia a dia. Suas frases eram tão poéticas que chegava a beirar à platitude.

— Pra quê mais um amigo? A solidão te zomba mais que o olhar reprovador dos amigos que te soma? A solidão tem uma mão que te aperta nas horas alegres, “estou aqui”, nos lembra ela...

E fazia desenhos no ar como um maestro dardejando uma batuta invisível. Danilo era prolixo, coerente pouco, menos ainda facilitador, e muito áspero em momentos de dúvida alheia; por exemplo, quando Júnior arqueava a sobrancelha após ter escutado um pensamento de sua autoria.

— Que foi? Não entendeu? Mas isso é uma delinquência intelectual! Leve pro plano do abstrato, meu!

Danilo ia de encontro aos trendsetter, ao mesmo tempo em que queria ditar modas que nunca davam certo. Sua obra-prima foi a Mona Lisa na parede da sala com o rosto rachado num raio estilo Ziggy Stardust, do disco “Alladin Sane”, do David Bowie. Esporadicamente encontrava alguém que financiava seus folhetos ou o chamava pra cantá-los em sarais. Disse a Júnior que havia enviado um original de narrativa longa às grandes editoras. Em todas foi recusado. Começou a mandar para editoras menores, no qual a maioria o rejeitou, outras queriam fazer um orçamento para que Danilo pagasse antes ou depois do lançamento... este se negou. Só em uma, que custou pouco mais de um mês para avaliá-lo — o que foi pouco, levando em conta que o tempo médio de avaliação de originais é de seis meses —, aceitou publicar o seu livro “Escândalos Plúmbeos” sem que lhe custasse nada. Ele ganharia 5% nas vendas dos exemplares, que custariam 40 reais. Júnior achou o valor caro

para um livro que nem duzentas páginas tinha e disse que compraria depois. E Danilo veio dizer que não era bom julgar o livro pelo número de páginas, e que não seria de boa índole falar que “não tem nem duzentas páginas”, mas dizer que “tem mais de cem”. Melhor colocar reticências na centena anterior do que limitar a quantidade na posterior. Lógica de mercado! Discurso publicitário: uma obra com mais de cem páginas de pura prosa poética! Quão tentador! Mas o fato é que o livro, a brochura, as abas — que mal sustentavam a marcação —, o miolo — tão largo como uma fita de cabelo —, tudo era de uns quilogramas medíocres. O vento talvez o levasse numa hora de descuido tamanho sua leveza. *Não eram poucas páginas, eram mais de CEM!* Sobre o conteúdo: como em algumas prosas contemporâneas, Danilo custava dar parágrafos; às vezes até cometia a gafe de usá-los em momentos não convincentes ou inapropriados. Esse era seu estilo, não discutiremos! Enquanto alguns não usam parágrafos e outros os fazem em demasia, o autor dos “Escândalos Plúmbeos” os insere de forma... de qual forma? Deixemos para os críticos nomeá-la.

Danilo aproveitou os frutos acadêmicos para fazer o evento na própria universidade. Alguns docentes contribuíram para o coffee break com 50 reais, outros com 20 ou até 10, e Danilo falou com o Centro Acadêmico de Letras para ajudar na sua jornada literária. O CA se comprometeu em levar frutas, refrigerantes e uns salgados, o que fez do dinheiro um excesso naquela situação. Afinal, o coffee break não é pra encher barriga de ninguém! Então não tirou um centavo do bolso antes de ter a certeza de que não faltaria nada... teria pouco, mas não faltaria nada...

Falou a Júnior dos quase 300 reais que ficara para si.

— Caralho!

— É. Mas cala a boca, visse?

Foi a partir desse momento que Júnior o fez refém do seu segredo. Não dizia coisas diretas, porém soltava coisas do tipo: “Nem aos amigos tu dar um livro, né?” ou “A gente bem que podia comprar Maria Joana...”. Não que ele fizesse questão de um exemplar, aliás, seria mais um livro perdido na sua pequena estante — e era uma obra de amigo, *de terceira*, mas seria sua primeira autografada, no entanto continuaria sendo *de terceira*... nenhum clássico à deriva... Como era bom ver os olhos do altivo Danilo à mercê duma pupila semicerrada na qual Júnior sempre gostara de praticar. Onde está sua delinquência intelectual agora? Talvez nem quisesse causar tanto temor. Não queria, mas fazia. Foi tomando gosto pelo medo alheio. Danilo se viu obrigado a gastar o dinheiro quase todo com o amigo. Sempre que o professor pedia para tirar uma xérox do capítulo, Danilo tirava duas. Mesmo quando o dinheiro acabara, ele continuou tirando cópias para Júnior, que sempre acumulava dinheiro para outras coisas.

O primeiro semestre passou assim. Pagaram Teoria e Crítica Literárias, Língua Portuguesa I, Filosofia e Sociologia da Educação e Introdução à Literatura Portuguesa. Danilo foi se afastando de Júnior e os favores cessaram naturalmente. Júnior foi criando vínculos com Rodrigo, loiro de olhos quase apagados, com uma tatuagem da capa de uma edição brasileira de Cem Anos de Solidão, de Garcia Márquez. Este não tinha sonhos tão utópicos quanto Danilo, porém almejava o mestrado e doutorado e desejava passar o resto da sua vida numa casa de sítio lendo o melhor da Literatura do século XX. Ele descobriu a beleza dos Romances de Cavalaria no primeiro semestre, e, junto ao Júnior e à metade da turma, entrou para um grupo de pesquisa no qual estudaram as epopeias, desde Homero a Os Lusíadas. Poucos se encantaram com os clássicos. A maioria só entrou no grupo por causa do certificado a fim de conseguir pontos no final do curso. Angélica, a pessoa mais nova da turma, adorou conhecer o Orlando Furioso, a Eneida, o Paraíso Perdido. Ela tinha cabelos longos, clareados na ponta, unhas sempre perfeitas, pintadas detalhadamente; era de baixa estatura, não muito magra, mas nem um pouco adiposa; tinha acentuados cabelos nos braços — mais que Júnior — aos quais clareava e aparentava esmero. Ela não fazia as sobranceiras — que nunca a deixavam o grotesco lhe tocar a face, sempre serenas —, davam-lhe ar de naturalidade, diferente daqueles supercílios finos de bonecas. Quando falava um odor adocicava entrava nas vias aéreas do interlocutor. Seu corpo preenchia o que falta no humor. Chegava cedo às aulas e só do meio para o final é que sua seriedade se desmanchava um pouco. Raramente sorria. Rodrigo, como quem não quer nada, pegou uma bibliografia comentada dela a fim de aprofundar seus estudos clássicos. Júnior o observava transcrevendo para o caderno as referências, coçando a barba — que ele sempre deixava por fazer —, reclamando do calor: o que o fazia levantar as mangas. Angélica viu o desenho no seu braço e disse que gostava de homens tatuados, perguntou o que significava.

— A capa de uma edição brasileira de Cem Anos de Solidão. Conhece?

— Oh, *Cien Años de Soledad*, um dos melhores livros que já li.

E Rodrigo sorriu detidamente. Voltou à transcrição. Júnior reparou a indiferença do amigo para com Angélica, pois quando este perguntou sobre sua tatuagem, ele praticamente descreveu a árvore genealógica dos Buendía. Talvez não se interessasse por mulheres. Ou ela não fazia seu tipo. Ou era compromissado. Tantos “ou” me deixam nauseado. Todavia, o refluxo vem como na garganta de um homem e me traz de volta a impressão de que já fui algo melhor que um escarro. A última tosse dum tuberculoso. A minha inutilidade é tão grande que chego a pensar que um pedaço de papel em branco faz mais falta do que toda literatura universal. Tenho direito à náusea, leitor? E ao refluxo? Quem sabe até ao vômito! Que digo?

Abstrações podem ser eternas tanto quanto podem não existir. Algo que não existe pode vomitar? Será meu dever possuir uma folha em branco como demônios possuem corpos para prosseguir a narrativa? Que seja! Regurgitarei as palavras que farão sentido a ti, meu irmão! Tenho um sentido putrefato, um tumor que preciso expulsar das minhas entranhas. Preciso ser a cirurgia de mim mesma. É por isso que estou aqui, é por isso que conto esta história. A Literatura está suja. Júnior vai me expurgar, irmão! Este mesmo já completara sua maioridade, já tinha leituras pouco imaginadas para um aluno de graduação da Paraíba. Refutava muito o quê os mestres e doutores da instituição diziam, achava a Linguística uma perda de tempo. *Era como estudar a unha do dedo do pé!* Rodrigo, Danilo, Angélica e ele sempre formavam grupo em seminários, mesmo Danilo mal se dirigindo a Júnior.

Finalmente, ao término de quatro semestres, os professores decidem entrar em greve, mesmo sendo a UEPB uma das universidades que melhor renumerava seu corpo docente no país. Alegavam que não bastava pagar bem, tinha de respeitar a data-base, melhorar a infraestrutura dos campi, aumentar tanto o número de bolsas quanto o valor destas para estudantes que não tinham subsídio, ou são pesquisadores, ou estão em projetos de extensão. Os pontos da pauta são longos e não vou me estender. Só quero mostrar quando e o porquê Júnior começou a se envolver com a política universitária. Não dava a mínima à Política. Só não queria ficar em casa, inútil, desvalido, esperando algo que desconhecia. Talvez a morte? A caminhada era longa, e andar a passos de tartaruga era como pisar em pedras pontudas. Quanto mais rápido passasse pela vida, menos sentiria desgosto dela. Via-Crúcis sem cruz, por favor!

Então foi para o primeiro protesto a favor da “volta às aulas já!”, organizado pelo Diretório Central dos Estudantes, o DCE. A entidade se mostrou a favor da reitoria, e o Comando de Greve bateu boca no meio do principal campus da instituição. Os estudantes diziam que isso era um golpe, que essa greve não passava de oportunismo por motivos politiqueiros: o presidente do sindicato, que era oposição à atual reitoria, perdeu mais uma vez as eleições nas urnas, e o governador nomeou aquele que teve maioria nas urnas. Júnior observava indiferente. Às vezes segurando um cartaz — que era posto em suas mãos por um militante —, às vezes fingindo que dava gritos de guerra, apenas mexendo a boca.

— Esse Roberto... que filho da puta... — resmungou entre dentes um rapaz alto que estava próximo a Júnior, fazendo réstia — ele é responsável pelo caos na universidade. Toda vez ele perde a eleição, e toda vez inventa uma coisa pra denegrir a imagem da reitoria e do DCE.

— O que é DCE? — perguntou Júnior, tocando-lhe o ombro.

— Diretório Central dos Estudantes, a entidade que representa os estudantes.

— Ah... ok, então.

— Você faz que curso?

— Letras.

— Português, inglês, espanhol...

— Português.

— Que tu acha dessa safadeza toda?

Júnior olhou em volta. O sol pairava em cima da sua cabeça. Ele se constrangia com os gritos hostis como se ele próprio tivesse gritando a partir da boca dos outros. Quando os professores do comando de greve apontavam para a sua direção, dizendo que os alunos deviam estar do lado deles e não babando a reitoria, Júnior se via como uma idiota: não fazia nada, nem retrucava. Os xingamentos o davam enjoo, parecida com aquele meu, de agora pouco.

— Quero que o comando de greve, a reitoria, o DCE... ah! que vão todos tomar no cu...

E saiu calmamente, nosso herói, deixando o coordenador geral do DCE para trás, atônito, gaguejando uma resposta à altura.

— Júnior...

Alguém o cutucou. Olhou para trás: Angélica e sua beleza desvairava.

— Tá fazendo o quê aqui? — indagou este. — Veio pra esse cabaré também?

— Eu mesmo não. Vim devolver uns livros pra biblioteca. Ainda bem que os funcionários não entraram em greve. Ouvir dizer que estão planejando uma assembleia pra decidir se entram... aqui tá meio tumultuado mesmo, né...

— Meio?

A cabeça dos dois acompanhou duas viaturas da PM que subiam ao Campus. Logo atrás um carro de reportagem da Tv Paraíba. Minutos depois, a Tv Borborema também chegou. Foram à parada de ônibus. Angélica mal parou e começou a murmurar uma melodia conhecida. Depois cantou em médio som “Hit the Road Jack” e começou a estalar os dedinhos.

— WHAT YOU SAY?!

Berrou um rapaz calvo que passara voando num Toyota novinho, prata. Angélica sorriu baixinho, colocando a mão a boca. Júnior acompanhou com o olhar. Por que o cobria, se tão linda? Talvez para o gordo calvo não a ver. Mas quando ela sorria, sorria por inteira, entregando-a. Os olhos, as sobrancelhas grossas, a testa franzida, o leve tremular das franjas.

Será que outra pessoa percebeu isso nela? Júnior achou que talvez não gostasse de expor os dentes no ato alegre, e também o contrário: queria ocultar a fim de que alguém com uma percepção maior a visse entregue às graças do riso e dissesse que ela pouco ria, mas quando acontecia, podia ser rápido, mas era tão breve e bonito quanto um eclipse.

O ônibus parou. Vazio. A greve causou êxodo. Júnior hesitou em subir e deu vez à amiga. Reparou que a bunda dela era tão ordinária como qualquer outra. Sentaram nos assentos altos. Júnior gostava da janela. Esticava o pescoço para ver a paisagem ao seu lado, além do nariz de porcelana de Angélica. Ela fez menção em trocar lugar, mas ele disse que não. Como a conversa se esgueirava ao vazio, chispava em grunhidos, negações rápidas sobre a greve, temperatura, leituras, definhando em monossílabos, Júnior foi para o banco de trás. Podia apalpar a bunda de Angélica através do banco, mas não tinha a sensação da maciez das nádegas no plástico duro e frio do assento. Imaginava a carne. Angélica pareceu sentir. Olhou pelos ombros. Júnior riu. Botou a mão na cabeça da amiga e massageou-a. Esta nem se importou com o cabelo bagunçado. Pôs a cabeça no encosto do banco. Fechou os olhos. Júnior adentrou na cabeleira, sentiu o couro cabeludo, esfregou-o. Era delirante. Podia cheirar a mão, até lambe o fio de cabelo que se enroscava no dedo médio e engoli-lo como macarrão. Faria, faria. Não fez com medo. Uma fobia não sei de quê, mas muito forte. Sua mão vazia. Por que vazia, ao léu? Porque não estava naquela miríade de fios longos. Enterrou a mão novamente na cabeça de Angélica. E era como enterrar a mão no feijão que sua mãe deixava de molho. Era tão bom. Voltou a massagear. Ela a arrepiar, entortou a boca numa satisfação. Quase gemeu. Júnior tremeu de prazer. Angélica percebeu e juntou suas coisas para sentar ao lado dele. Júnior não podia mais massageá-la como antes. Angélica se encostou ao peito deste até que o quebra-molas a atirou ao alto. Júnior a segurou firme e seus rostos estavam tão próximos que um podia sentir o hálito do outro.

— Tava tão bom tu mexendo no meu cabelo.

Ela tinha olhos grandes e bochechas volumosas. Com o dorso da mão alisou as partes redondas do rosto de Angélica. Arrastou-se à nuca. E seus lábios se chocaram. Júnior parecia uma criança experimentando um doce novo. Tão saboroso que seus olhos umedeciam. E o Açude Velho passou nesse beijo como uma poça d'água. É desconcertante dizer que o beijo foi longo. Não foi. As paisagens é que estavam rápidas. Júnior apeou quase em frente da sua casa. O veículo partiu e Júnior viu as bochechas volumosas janela a fora, e os lábios dela fizeram um movimento que parecia um beijo. Foi um escarro. Cuspiu feito uma profissional. E Júnior sentiu firmeza no esputo atirado no mato. Se apaixonou pela boca que o cuspiu.

No mesmo dia, Angélica telefonou. Disse que ia ter um sarau dos amantes de Augusto dos Anjos no Parque da Criança. Júnior disse que ia antes dela o chamar. Poucas pessoas foram convidadas, entre elas, Danilo. Mas desistiria se ele fosse.

— Por que, cara?

— Ah!... já basta a faculdade... não quero ver o povo de lá por enquanto. Não tem nada a ver com o Danilo em si. Tu já chamou ele?

— Ainda não.

— Então não mencione, vamos só nós dois.

E assim foram os dois, combinando de se encontrarem no Bar do Cuscuz, às margens do Açude Velho, para depois descerem juntos. Quinta-feira à noite. Júnior já tinha ouvido falar no poeta conterrâneo, mas não se lembrara dos seus versos. Um prédio se erguia no escuro Açude Velho; será que algum monstro marinho dormia sossegado ali, submerso? Júnior olhou bem para aquele pequeno mar. Seria um esgoto mesmo? Sentia-se tão bem, plácido. As ondinhas iam e vinham. Num comichão, sentiu vontade de tomar daquela água. De pular! Mergulhar. Se encontrar com o que quer que tivesse lá embaixo. Jesus estaria lá? Jesus no açude, no meio do redemoinho. Cadê o redemoinho? Os coqueiros, as ondas, os quiosques: a poesia...

Angélica! Toda de preto.

Anjo de neve e leite travestido de negro.

Angélica era bonita deveras? Ou Júnior sentia atração nela pelo simples fato de ser pálida? Suas bochechas agora pareciam almôndegas. Viu beleza naquilo antes? Não fizera certo Rodrigo ao ignorá-la? Feia, feia, meu Deus! Júnior teve uma vertigem. Teria de segurar a mão dela ao darem a volta pelo Açude? Uma mulata passou por eles caminhando rapidamente e Júnior comparou-as no belo. Sim, a mulata ganhava de longe. Mulata quase negra. Angélica era pálida quase albina. Mas como foi enganado por tanto tempo? Ao alcançar os lábios da moça, sua beleza de fato desvelou-se? Ou os olhos de Júnior ficaram mais exigentes de repente? Sentiu ódio da amiga. Se tinha comichão de se jogar no açude, agora atentava jogá-la. Enterrar na água! Se sentia enganado, isso sim! Traído! Irou-se dos amigos que não o avisaram antes. Não custava preveni-lo, custava? Agora tem de ficar andando com esse pedaço de carne branca no cartão postal da cidade. E os carros passam sem buzinar. Por que não buzina, os malditos? Custavam buzinar, como buzinaaram ao casal de lésbicas?

— Tu tá estranho...

— Quem, eu?

— O que foi, heim? — Angélica se enroscou no seu braço.

— Rápido. Aqui é perigoso pra a gente andar de vacilo.

E avistaram logo umas velas acesas. Era ali? Batiam as cordas dum violão e eram silenciosos ao mesmo tempo. Não tinha mais de dez pessoas. Só caras jovens. O *Eu* se erguia como uma bíblia num pequeno altar improvisado na grama. A roda se abriu enquanto o rapaz do violão ainda tentava musicar um poema de Augusto.

— Viva Pai Augusto! — gritou o rapaz deixando o violão no gramado — Muito bom ver todos vocês aqui. Pensei que não daria mais que cinco pessoas. Vamos nos apresentar. Sou Antonio Guerreiro, organizador do sarau em homenagem a Augusto de Anjos.

E pediu que continuasse em sentido horário. Enquanto o pessoal se apresentava, o Guerreiro retirou duma mochila azul-escura um crânio que fez o pessoal parar. Todos observavam a brancura do osso. Será que era de verdade? O crânio passou pela mão de todos com advertência para que fosse manuseado com cuidado. Perguntaram se era humano. Que sim, respondeu o dono. Precisou ratificar mais vezes. Tão limpinho era. E os *Versos Íntimos* foram recitados como uma oração inicial. E uma garrafa de vinho foi destampada. O Guerreiro pegou alguns copos descartáveis da mochila e guardou o saca-rolha. E pensou ver um morcego. Um morcego pra Consciência Humana! Veio uma enxurrada de versos que fizeram Júnior bocejar, mas o violão o animou um pouco. Tiravam principalmente Raul Seixas. E uivavam raauuuuuuull. Júnior gostou em parte de um poema que falava “filho do carbono ou amoníaco, não lembro”...

— Psicologia de um vencido! — respondeu imediatamente Antonio Guerreiro, entregando o violão a um vizinho — Um dos mais conhecidos de Pai Augusto... como não conhece?

— É que eu não conheço bem o poeta. Vim a pedido da minha amiga aqui.

— Comé teu nome msmo? Severino?

— Pode me chamar de Júnior.

— Pois tá, Júnior. Tá gostando de conhecer mais Augusto dos Anjos?

— Tô. Gosto mesmo de Cabral.

— João Cabral de Melo Neto?

O Guerreiro estirou a mão observando um vigia se aproximar.

— Boa noite — saudou o segurança grosseiramente.

— Opa... — Guerreiro retrucou.

— Olha, aqui não pode acender fogo, não...

— Mas é só umas velhinhas, e tão dentro de vidro, tá vendo?

- Sim, mas não pode.
- Não pode aceder nada aqui?
- Só luz.
- Nenhum pouquinho de fogo, uma brasa, uma fagulha?
- Pode não.
- Eu vi o senhor fumando, como não pode?
- Venha com gracinha, viu?
- Homi, relaxe! Tome um vinhozinho com a gente aqui.
- Bom, o aviso foi dado, espero não ter que vir aqui de novo.
- Oxi! Aqui é público, quem o senhor pensa que é pra nos expulsar daqui?
- Ninguém tá expulsando não. Já ligaram pra polícia num sei quantas vezes pra reclamar de baderna aqui; o pessoal consumindo droga, essas coisas.
- Que baderna? Que droga? O senhor tá vendo isso aqui?
- Só to alertando vocês...
- Oxi, não se pode nem homenagear um poeta da nossa terra.
- Poeta? — o segurança amenizou a rigidez — Que poeta cês tão homenageando?
- Augusto dos Anjos...
- Ah! Augusto!
- Conhece?
- Claro, quem não conhece? Vim duma família de repentistas e meu avô sempre lia Augusto pra gente. Meu pai é cordelista, mora no alto sertão. Eu risco quando posso o papel, mas não saí tão bom quanto os *poema* dele. Poeta fino esse meu pai, viu?
- É mesmo? Pois sente aí, tome um vinhozinho com a gente.
- Não posso, não posso...
- Que não pode? Sente e nos diga dos seus versos.
- Ah, Augusto é melhor...
- Claro que é.
- Pois então... tem caninha pr'eu?

Ele sentou próximo a Júnior. Sua calça jeans porca roçava no joelho do Severino com força. Não parecia se importar, o vigia. Júnior se arrastava timidamente para o lado a fim de que ninguém percebesse sua repulsa. O segurança dum lado e Angélica doutro. Encurralado! Desdém, foi se esquecendo do desdém. E o vandalismo das cantorias abriam catedrais imensas no seu coração severino. E a mão vil foi afagada pela diminuta pálida. Júnior se lembrou do esgarço apaixonante. E ouviu os badalos do sino daquela igreja interna.

Seu coração explodiu em imagens aterradoras. Veio à memória um espelho e um instante de reflexo torto. Um relincho. Onde está o animal? No instante da existência... onde? Existo porque o instante existe, esse átomo delirante de eternidade. Eu precisaria de mil mãos para rascunhar uma palavra no livro que nunca escreverei. E o sol tocara minha face uma única vez — só nessa vez, para que eu saiba descrever com plenitude. Mas literaturas não têm face, não têm mão, pé, ouvido. Falarei desta nossa solidão enquanto teus animais morrem de fome, olham para ti, e você finge que não escuta os gemidos. Eles fogem para não devorá-lo. O amam, por isso fogem. Existo, já disse! Mas não tenho vida. A condição para ter vida é diferente da condição para existir. Minha evasão é perguntar como forma de espaçar da própria pergunta: e qual é essa condição para ter vida? O fato é que eu não sei o que é vida, nem procuro provar se uma bactéria tem mais vida do que uma pedra. Apenas vivo na existência. Então... espere! Então existe vida em mim? Oh! Deleite. Saborosa escrita que me faz tão viva! Sou prosa, sou verso. Esta estória podia ser contada em versos também, não acham? A igreja, a catedral? Que falam? Ah! Procuram coisas da cidade para olvidar.

— A Catedral, a Feira Central, a Praça da Bandeira, Campina em si...

— E o Açude... o Açude Velho? — sugeriu Júnior.

— Perfeito! — ergue-se Guerreiro. O quê Angélica lhe segredava ao pé do ouvido [catacrese]? — escreveremos um poema ao nosso Açude!

Livros foram desemborcados. Fernando Pessoa, Baudelaire, Neruda, Camões, Drummond, quantos poetas Júnior não conhecia. Impotente. Mal. Maldade e impotência, quão medíocre! Não falemos mais, pois a composição dos versos o fazia se esquecer dos monstros. E citava uma palavra nas quais se encaixavam em outras e formavam a primeira linha do poema. Era rabiscada, repensada e refeita. Guerreiro com um repertório lírico maior, sempre ajustava sentenças que achava inadequadas ou de péssimo gosto. O paradigma eram os cânones, portanto nunca o satisfaziam os versos do grupo. O trabalho começou a fazer a boca dos participantes bocejarem. Olhavam o relógio, tinham de ir. Meia-noite, garrafa sem vinho, o vigilante gozando da companhia dos que ficavam. Júnior deu pra ter ciúme do Guerreiro com Angélica. Ela encostava-se perto dele, ria dos versos, opinava. O vigilante chamou Júnior para fumar.

— Não fumo.

Até fumaria. O segurança insistiu com uma piscadela. *Será viado?* Insistiu uma última vez até que Júnior entendeu o que ele realmente queria: deixar Guerreiro só com Angélica.

— Sai daqui, porra, vai trabalhar que é melhor pra tu — segredou Júnior ao vigia. Este esbugalhou os olhos, se levantou derrotado:

— Vou deixar vocês à vontade. Vou voltar pro meu posto.

— Boa noite, meu amigo. E obrigado — o fez uma reverência Guerreiro.

Como fora acontecer daquele ciúme besta? Era feia? Era. Talvez até fosse. Guerreiro também era feio, largo, os dedos engoliam suas unhas sujas, cheio de espinhas e cravos, inclusive nos ombros. Um casal ridículo! Como aceitar o perder? Não pode, pode? Era feia, mas era sua! Júnior se chegou com força em Angélica de modo a assustá-la.

— Que foi?

— Nada — respondeu Júnior abraçando-a e mordendo sua orelha.

Guerreiro fez distância. Glosou com seu papel e disse que o poema estava pronto. Júnior esticou a mão para receber a folha com palavras em tinta vermelha:

Ó Açude, como és velho!/ Tua água dantes doce/ Quisera que ainda fosse/ Não há lágrima no mundo/ Nem tão sal no mar/ Que te faça salgar/ Recolhe, sol, teu escarlate/ Tua imensidão jaz/ no regaço do meu açude/ Teu rubro me traz/ A lembrança que furte/ Seu ócio para mim/ Deus pairou em tuas águas/ E criou tua campina/ O prado soprou vida/ Que se fez firmamento/ A terra o rodeou/ Campina Grande se formou!

Júnior tentou localizar alguma palavra que remetia à sua contribuição na composição. Nada.

— Tá uma droga, brother! — falou Júnior devolvendo o papel.

— Foi a contribuição de todos. Posso fazer nada. Só fiz ajeitar.

— Não seja estúpido! — Angélica encarou Júnior.

— De todos não, eu não contribuí pra esse lixo.

— Eu que não coloquei nada do que você escreveu. Não era conveniente.

— Conveniente o caralho! Pensa que eu sei não que você tá dando em cima da minha namorada com esses seus poeminhas de fresco?

— Tua namorada? — Angélica levou as mãos à cabeça — Onde, danado?

— Não era amiga? — indagou Guerreiro.

Júnior tornou a fitar Angélica. Era a pessoa mais bonita que já conhecera. Agora a beleza dela equivalia ao ódio que sentia. Mostra de luz! Oh, era um anjo! Precisava dela. Quem eles pensam que são? Paraibanos não podem lhe tratar assim! Seus sotaques eram ofensivos aos ouvidos cariocas do Severino! Se perguntou se não estaria perdendo a

pronúncia malandra que tanto lhe deu trabalho naturalizar. Impossível. Fazia gestos, ameaças de fala, cuspir na cara dos dois, dissolver a luz da garota com sua saliva. Onde está, está longe? Foi como o tiro não atirado do revólver. Seu pulso cerrou. Os males estavam todos dentro daquela caixa de Pandora. Como não aguentava mais tanto bicho dentro de si, humilhando-o, chorou.

— Ia te pedir em namoro hoje... — disse baixinho, entre soluços.

Angélica o abraçou. Guerreiro recolheu suas coisas e saiu dali sem ser percebido, com o violão nas costas. Júnior arqueou os joelhos para encostar o queixo nos ombros da menina. Madrugada quente. Pegariam um táxi ou talvez ligaria para o irmão para deixá-la em casa. O Açude era o mar e o céu, reflexo. Júnior disse que ia procurar um orelhão a fim de ver se o irmão tava acordado.

— Vamos a pé, amor. Aproveitar a noite.

Oh, a mais linda...

Como antes feia e agora bela? A vida pregou-lhe uma peça. A odiava. Os gatos passavam. Os grilos cricricri competiam com os sapos coaxantes. E o relincho do cavalo outra vez. Onde está o maldito? Parecia emergir do Açude negro. Angélica quis porque quis dar uma volta no Açude. Deram duas. Cansaram e entraram pelo Hiper Bom Preço. Pegaram a Vigário Calixto. Um ou outro carro rompia em buzinas. Um até gritou *GOSTOSA!* E era, era a sua coisinha, o seu pedaço de carne pálida. Se riu. Jurou ver um palhaço de dedos finos atravessar tristemente a avenida, próximo ao Luiza Motta. Dedinhos finos de descer os anéis que os envolvia. Tava numa festa de aniversário infantil, só pode. Triste pois foi expulso da festinha sem o pagamento, o pai da criança o viu fazendo movimentos pornográficos com os anéis nos dedos, subindo e descendo. E as crianças riam. E choraram quando o expulsaram. O palhaço sumiu?

— Você viu...?

— Se vi o quê?

Ele não reparou. Não podia. O asfalto brincava com Júnior. Fazia formas com suas linhas tracejadas e lineares, com as lombadas. Que sombra estanha que aquela árvore faz. Um fauno? Um golfinho de pé? Uma sereia enganchada nos galhos? E a sombras dos muros, do meio-fio. A Sombra das sombras. A gargalhar silencioso. A casa. O beijo. A despedida. Outro beijo. O andar solitário. Os passos apressados. O olhar estranho. O medo do aço frio. A pressa. Sua casa. Entrou. A mãe.

— Onde era que tu tava, menino?

21.

Quão bárbara é a dilatação da vagina. O bebê é expulso do ventre materno e invade o mundo. A menina de Eleonor nasceu. Esther. Escandalosa como deve ser. Três quilos e muita saúde, a Esther. Reuniu toda a família no hospital — coisa que só acontecia quando faltava energia e todos ficavam na sala, à luz das velas.

Angélica entrou pra família Severina na lasanha de domingo. Trouxe seus pais. Júnior não se sentia confortável.

Começara a pegar o carro. Eleonor o ensinara, mas na prática era pior que o irmão. Isso o irritava. Tirou a habilitação dando propina ao funcionário do Detran, na baliza.

Se Eleonor tinham cabelo grande, Júnior cortava; se gostava de feijão preto era porque o irmão gostava do carioca; pamonha? Não, Eleonor gostava, assim como de MPB. Júnior foi se encurralando na mesma ponta de faca: Eleonor. Que criança mais linda ele teve... Esther... linda! O membro mais lindo da família, ah sim, sem dúvida. Mais até que Carol quando menorzinha. A irmã estava crescida, trazia namorado para casa. Tão horrendo era! Um barbudo que ficava coçando a barba, e quando pensava que ninguém via, os testículos, a virilha. Mas Júnior o flagrava e fingia não ver. Esperava a irmã também ficar se coçando para comentar. Não se comichou, afinal. Terminou o namoro e nada da coçadeira. O rato barbudo sumiu.

Vovô Paraíba faleceu. Teve um infarto na loja em horário de pico. No funeral, tantas lágrimas. Carolzinha, Eleonora, Eleonor. Júnior quis chorar. Digo: quis mostrar que chorava. Não conseguia nem ficar triste. Indiferente.

— Seja forte, meu filho! — falou um velho amigo do seu avô, vovô Tércio. Esse nome só escutara três vezes antes do falecimento da figura.

Eleonora deixou o emprego na UEPB para, junto do filho mais novo, cuidar da loja. Júnior terminara o curso de Letras e fez concurso ao mesmo tempo em que noivara com Angélica. Não passou. Trabalhou um bom tempo na loja, administrando os negócios da família. Angélica e Carolina se tornaram amigas de longa data e alternavam na recepção, vendendo mercadorias. A casa da família foi reformada e dividida em duas: a mãe de Esther e Eleonor ocuparam a outra parte da casa. Eleonora propôs até que Júnior chamasse Angélica para com ela morar na casa Severina, e até, se fosse do feitio do casal, ela própria, Eleonora, se mudaria com Carol para um apartamento a fim deixá-los mais à vontade. *Morar com Eleonor e a putinha dele? Nem pensar!*

Júnior conseguia ficar atrás do balcão por no máximo três horas seguidas. Aquilo tudo era insuportável. Ficar dando “bom dia”, “boa tarde”, “obrigado” e sorrir para estranhos que levavam mercadorias, deixando a loja vazia e tendo-a que recompor do estoque, não era isso que ele queria. E era visível. Cuidar da administração, saber calcular o capital de giro, ter estratégias de uma boa gestão, isso era coisa de Eleonor, que vivia no Sebrae, tinha amigos lá. Herdaram uma dívida do avô na qual usou para o investimento inicial na loja de material de construção. Pouca coisa, quase quitada.

Formaram-se em Letras, Júnior e a noiva. Como podem ficar num balcão de loja, sentindo cheiro de tinta, de madeira, se espelhando nas cerâmicas, respondendo qual marca de carrinho de mão era mais resistente? Devia ser, no mínimo, professor, quando não escritor ou crítico literário, ou até tentar um curso de direito, ser chamado doutor, ao invés dos outros se referirem a ele no plural: “vocês têm isso; aceitam cartão?” Pelo menos como professor, teriam de levantar a mão para interromper sua fala, pedirem para ir ao banheiro ou beberem água, seria mestre sem mestrado. Ah, mas o cheiro das latas de tinta até que gostava. Quando abusava, ia procurar as madeiras. As ferramentas não tinham cheiro forte, e nem de chegar perto gostava. Poderia abrir uma gráfica, sentir o perfume dos livros quentinhos, impressos na hora. Teria de imprimir panfletos, adesivos e outras dessas quinquilharias do mundo; desistiu da ideia. Chegava mais um cliente. E ele estava só no balcão. Onde estão todos? Viu através da vidraça do escritório Eleonor, sua mãe, Carol, Angélica, talvez discutindo melhores estratégias de venda ou como os negócios andavam ruins. Por que o deixaram de fora? Alguém tinha de ficar na loja, mas por que ele? Angélica podia ter ficado. Ela parecia gostar do ramo não burocrático. E Júnior gostava da burocracia? Não. Maldito cliente! Está falando do Campeonato Paraibano. *Sei não, filho da puta...* ele não sai da loja? Júnior chega mais perto para tentar ler os lábios dos parentes. Quer entrar. Que discutem? Sua mãe ri, todos riem. Talvez uma piada sobre ele? Planejavam tirá-lo dos negócios?

— Treze ou Campinense?

— Hã?

— Galo ou Raposa? — indagou o cliente gordo.

— Não, não torço...

Quando olhou de volta Angélica não estava mais lá. Carol punha café num copinho e Eleonor escrevia com o afinco dum ficcionista.

— Bom dia, posso ajudar? — veio Angélica em direção ao cliente.

— Não, o rapaz já me atendeu...

O senhor!

— E o que o senhor queria?

— Era uns decks de plástico, mas tão em falta, né?

— Nós temos sim.

Nós...

— Têm? Deixa eu ver.

— Pode me acompanhar... — Angélica passou com o olhar reprovador para Júnior.

Onde está Carol, Eleonor? Só podia ver sua mãe sentada, bebericando água. Estariam no banheiro, *os dois!*? E o cheiro de tinta, e as latas; e uma borboleta pousou numa lata de tinta. As cores. O bicho procurava cores? Pousou na lata de tinta de cor ocre. Foi à preta. Sumiu.

— Tá aluado, Júnior?

— Onde Carol tá?

Angélica deu de ombros.

— Saiu com Eleonor, não?

— Não vi... vou ter que sair...

— Ah não, Júnior. Deixar a loja sozinha?

— Oxi! E tu tá aqui não?

— Tô resolvendo um negócio com tua mãe.

— Vou sair. Tô avisando. Dar uma volta.

Ela fechou a cara.

— E ainda mais sair sem motivo!

Saiu. Sentiu o sol e se sentiu bem por ter saído. Procurou o carro. Localizou-o. Não queria pegar trânsito. Subiu a João Pessoa em direção à Praça da Bandeira. Não queria continuar na loja. Teve um momento de ansiedade. Os negócios iam bem, podia descansar. Viajar. Por que nunca viajava? Ir à capital. Ver o mar. Pisar na areia de leite em pó quente. Faria? Faria! Precisava!

Fez.

Chamou Angélica. Ela achou loucura largar assim a loja em pleno calendário de vendas. Júnior disse que precisava de férias, e agora, pois nunca soube o que eram. Angélica pediu que esperasse até janeiro, tirariam longos dias pra relaxar. Júnior disse *AGORA*. E, se não quisesse ir, ele ia só. Angélica disse que era infantilidade esse quer porque quer e pronto, na hora que quer. Mas acabou cedendo. Júnior fez a revisão do carro e no final de semana partiram para João Pessoa. Qualquer hotel que fossem, tinha vaga. Ficaram em Tambaú, com diárias de cento e vinte reais. Próximo ao mar. Era mês de outubro. Júnior fez uma coisa que

queria. Ficou quieto, satisfeito. Ao passo que Angélica acabou lhe agradecendo, pois ela precisava daquilo, não obstante da loucura. Iam à sorveteria, depois tomaram cerveja. Voltaram a sorveteria pra tirar o gosto da cerveja.

— Gosto da tua infantilidade, bebê.

— Sou?

— É sim, uma criancinha, sem maldade. Que só quer ser ríspido.

E Júnior se riu.

— Não quero continuar na loja — disse sisudo.

— Eu sei. Tava falando isso com tua mãe.

— Hum!

Percebeu o incômodo.

— Não posso falar com ela sobre você agora?

— Não gosto que fiquem falando de mim.

— Mas é sua mãe, tava preocupada... pro seu bem...

— Mesmo assim.

Os coqueiros empinavam para o céu. Mergulhou na brisa do mar. O sol de primavera, não havia melhor para ele. O casal escutava miados. Na calçada, do outro lado da avenida, dois meninos arrastam sandálias velhas, maltrapilhos. Mulatinhos. Um com manchas no rosto. Outro com marcas no braço e boné dum candidato a vereador ou deputado. Segurava um saco de serapilheira, o de boné. E o de face maculada, um pedaço de pau ou ferro, parecia um pé de mesa pequena. Metia o pau no saco e miaaaauuuuuu. E batia com mais força e o miaaaauuu era mais forte e longo. Esganiçado. Um miado quase morto, tristes, desesperados. MEEAAAUUUU.

— Demônios! — Angélica disse, mas achou foi graça. — Pestes!

Júnior olhou na direção do rosnar. Gotas de sangue escuro se projetavam no caminho da calçada. E eles pararam para trocar de posição. Uns gemidos fracos ainda se escutavam. As pessoas passavam, mal reparavam, e quando reparavam fingiam que não viam, botavam a mão na boca para sua indignação, mas nem viravam o rosto. Náusea egoísta. Dois transeuntes, corredores, com short de náilon, brancos de tanto protetor solar, pararam e disseram para aqueles meninos tomarem vergonha na cara e não maltratar os bichinhos.

— Fica na tua aí! Quer levar uma furada, coroa?

Os corredores fizeram menção de ofensiva, punhos fechados. Mas mediram que não valia a pena se sacrificar por bichos, continuaram a caminhada, olhavam para trás com caretas de sofrimento.

— Metidos!

Angélica se levantou. Um gatinho, filhote, pequenino, se arrastou para fora do saco. Suas patinhas pareceram quebradas, assim como seu focinho distorcido. Tentava abrir o olho, mas um hematoma não permitia. A cabeça quase rachada se tingia por um traço de sangue que escorria em cachoeiras por suas pálpebras peludas, vermelhas; lágrimas. Tentava miar, mas sua garganta parecia estourada. Repelia sangue, veneno da vida, pelos dentes escorridos da boca. Parecia engasgado. Angélica falou alguma coisa para os garotos. Pararam sisudos. O gatinho se arrastou para o seu pé. O bichinho parecia em paz agora, pensava ter encontrado um socorro que o levaria para um lugar melhor; os guris abriram a boca do saco e Angélica chutou-o adentro. Tinha mais de um gato, era certo! O de boné ergueu o saco e Angélica pegou o bastão do chão e deu pauladas. E o rosar dos animais se intensificou, cada vez mais desesperados. Júnior via um quebra-panelas. Já teve aniversários bons. Vendou os olhos de Carolzinha, a rodou e ela quase rachou sua cabeça com o bastão, seu pai o salvou. E riam. Seu pai... há tempo que não o vê... quem acertava a panela de primeira era Eleonor. E os bombons se espalhavam pelo chão. E as crianças iam desesperadas pagá-los. Júnior gostava dos de uva. Uva sempre foi sua fruta favorita. Tomava agora sorvete de uva com morango. E Angélica não cansava de dar pauladas, meu Deus, já suave! E os meninos riam. Ao invés de cair os bombons da infância de Júnior, caía sangue pingando o seu presente em sofrimento. Por que sofria? Queria ligar para o pai. Ligar agora. Os gatinhos pararam de miar. Morreram? Angélica.

— Nossa, como foi bom! — sentou ela. — Desce o pau também, visse? Bom demais... relaxante... paguei um sorvete pros trombadinhas.

— Quero ligar pro meu pai, vamos voltar pro hotel.

Esticou os joelhos. Angélica o enroscou no seu braço. Um siri passou por eles. Um poodle preto lambeu pé de Angélica.

— Oi fofinho. Gosta de sangue de gato novo, é?

Era fêmea.

— Desculpe.

O dono a puxou pela coleira.

— Quero um cachorrinho também...

Júnior não a deu importância.

— Vá lavar esse seu pé logo. Tá me dando agonia.

No quarto, tomados banho, feito a transa de vinte minutos, eles olharam para o teto. Tinha marcas de umidade nos vértices.

— Não quero ter bebê...

Pestes.

Monstros.

— Nem eu quero que você tenha, por enquanto.

As partes escuras começavam a danificar a pintura. *O negro sempre destruindo tudo...*

— Acho que nunca quero ter bebê...

— Unrun...

— Que tu acha?

Diabinhos?

— Sei lá, não penso muito nisso. A gente evita.

— Evita, mas pode acontecer uma merda, né?

— Merda? Eu gozo fora toda vez...

— Sim. Mas pode acontecer...

— Tá suspeitando que tá buchuda?

— Eu não. Já é hora de tomar pílula.

— Já.

Jurou ver a borboleta. Procurava o negro? Uma mão úmida saiu da mancha na parede, tateou em volta de si, apontou para Júnior. Só ele a via? A mão o chamou à escuridão. A umidez. *Os trombadinhas...* Angélica seria ideal para compreender e aprofundar os rumos da depressão. Poderia curá-lo. Sangue úmido, seco na parede. Ela não se importava com sua truculência, seu niilismo diário. Muriçocas aqui? Que procuravam além de sangue? Deixou que uma chupasse seu braço até que angélica a expulsasse com um tapa. Sangue. *Satanás, onde...?* Vivia morrendo todo dia. O fundo, o gigante orifício sem lados... oh, sim! Queria todos os lados do círculo. Vasculhou. Uma rã pulando. Não faria alarde. Como chegou ali? Os gatinhos... Seu pai! Ligou. Tudo estava bem por lá e também por aqui. Findo a ligação, ele se sentiu mal. Sentou na cama. Angélica dormia, serena. *Os gatinhos...* esfregou as têmporas, olhou para as ancas da adormecida. *Tristes ancas!* Bonitas, feias? Não. Tristes. Não sei descrever essas ancas tristes de Júnior. Portanto, veja, olhe-as de perto, desenhem na mente ancas brancas, magras, ossudas, metrificadas ao prazer do beijo. Foram estas. Essas tristes. Será que dormia? Não roncava. Dormia? A sacolejou. Ela gemeu.

— Meu útero tá doendo... você enfiou com muita força.

Os testículos dele também doíam. Mas fez e foi bom. *Sangue...*

— Por que não reclamou na hora?

— Pedi pra você parar, você não parou.

— Pediu?

— Tem nada não. Foi bom...

Não tem nada. Ela dedilhava a região pélvica. Júnior se deitou. Cerrou os olhos. Ainda nem anoitecera. *Muriçocas malditas!* As asinhas faziam zumzumzum no seu ouvido. E a mão úmida secou. Úmida de quê estava? Pensou na Lagoa de João Pessoa e no Açude de Campina. Como se chamava a Lagoa? Sólon alguma coisa. Lembrou-se do filme de Pasolini: *Sálo*. Desde que entrou na Faculdade de Letras nunca mais assistira a um filme, nem jogara mais videogame. Laranja Mecânica, Metroid... que saudade! Que falta fazia bater nos irmãos também. Há tempos não tinha sentido o gosto do sopapo. Devia ter dado pauladas nos gatinhos!

— Precisamos duma casa própria.

Júnior disse desdizendo. Angélica repetiu.

— Precisamos duma casa própria.

— Preciso de um emprego menos desgostoso. Esse tá foda...

— E tu quer fazer o quê?

— Sei lá; lecionar...

— Mesmo?

— Sim. Afinal, fiz licenciatura, qual o espanto?

— Não, nenhum. Não sabia dessa sua vocação pra sala de aula.

— Nem eu. O estágio foi curto, mas me satisfez um pouco... muito mais que esse trabalho lá na loja.

— E por que você não me disse antes? Me ofereceram uma vaga como professora do ensino médio numa escola particular que abriu há pouco tempo. Eu disse que ia pensar e acabei não dando resposta. Não ia aceitar.

— E era pra lecionar o quê?

— Gramática.

— Quando foi isso?

— Faz umas duas semanas, menos.

Júnior criou expectativas. Que fazia ali? Queria voltar. Casa sua, sabe? Mas não tinha *mi casa*. Vivia numa residência alienada, da mãe, de Eleonor, da irmã. Agonizava na mente seca, rachada, seca, sequinha, como no sertão esquecido, no qual Júnior nunca fora. João Pessoa ficou pra trás.

Voltaram a Campina e Angélica entrou em contato com a escola. Uma discente acabou aceitando a vaga, porém teve que largar logo depois por escassez de tempo. Júnior ficou com a vaga. Absorção alegre foi. Comprou uma mala preta, socou livros dentro e despachou-se para o colégio. Grandezinho. Era um casarão, alugado agora. Na mala a Moderna Gramática Portuguesa, de Bechara; teria de comprar a do Celso Cunha também, achou. Sabia as regras da gramática da língua *mater* de Camões, mas longe de dar aula com eficiência. Sorte na entrevista lhe perguntaram qual a perspectiva que ele trabalhava. As aulas de Linguística o salvaram.

— Sociointeracionista, a abordagem.

— Fale mais.

— Temos de trazer a língua numa perspectiva que faça parte do mundo do aluno, isso faria toda diferença no resultado final...

— Que resultado seria esse?

— O falar e escrever bem.

Pediram para que o Severino desse uma aula sobre orações subordinadas. Ora! Quase deu vexame.

— Certo, né?

— Certo. Pode começar na próxima semana?

Pode, podia. Começou. Acordou nos ares da sapiência. Seria um bom mestre não fosse... o quê?! Seria bom! Ponto! Respirou fundo com um copo d'água na mão, destremendo. Se apresentou. Era carioca.

— Eu também — falou um educando. — O senhor perdeu o sotaque?

Júnior respirou e tomou fundo o líquido. Perdera? Voltou às origens severinas, afinal?

— Perdi?

Não, não. Parou de se policiar. Era involuntário o linguajar paraibano. Um pedaço de madeira cobria um buraco dum futuro ar condicionado. Será que não tinha uma chapa de metal dentro de si tampando a luz? Seria um Cristo Redentor do Alto da Boa Vista cobrindo sua terra árida? O ventilador de teto rodava balançava, balançava rodava, barulho suave.

Toc toc toc.

— Professor, temos que liberar mais cedo hoje — funcionário.

Vivas estudantis. Braços erguidos. Peitinhos empinados de 15, 16, 18 anos; pelos do sovaco deles. Quanta libido ainda resta a eles? Se mede com o tempo ou como um volume de massa, a libido?

Chegou em casa — como era bom chegar! — Almoçou. Pegou o carro em busca do tempo perdido. Chamou Angélica. Por sorte, encontrariam uma casa no catolé mesmo.

— Perdi meu sotaque? — Júnior alinhou o volante no sinal vermelho.

— Que sotaque?

— Eu morei no Rio um tempo, se lembra?

— Ah... não te conheci com sotaque carioca.

Júnior horrorizou-se. Como não? Estaria se enganando esse tempo todo?

— Sêrio?

— Sêrio. E é até bom. Nordestino quando vai pro sul volta com o sotaque de lá e não quer largar. Quando eles vêm pra cá, cadê que perdem o sotaque de lá? Esses nordestinos têm a cabeçona, mas parece que não pensam, não se valorizam.

Júnior se encolheu.

— Por acaso eu tenho a cabeçona, heim? — acelerou.

— É modo de dizer.

Por trás do colégio Motiva, numa rua larga, de terra, rasgaram a faixa de “vende-se” e ficaram com a casa marrom, paredes descascando. Devido à supervalorização do bairro nos últimos anos, o imóvel custou mais do que o esperado. Puderam pagar com ajuda dos familiares. Independência clandestina. Não era residência grande. Terreno modesto. Jardim murcho. Um quartinho no quintal que mais parecia uma casinha de cachorro. Ficaram com o cão. Mel. Não era fêmea. O Mel. Angélica quis ficar com o animal e os donos não fizeram questão, disseram até que iria dá-lo. Mel cheirou-lhes os pés que o focinho frenético. Júnior queria renomeá-lo Vell, mas Angélica não achou sentido em fazer isso e perguntou onde tinha visto esse nome, ele disse que não se lembrava, talvez um nome dum pichador qualquer visto de relance; e seria uma boa ideia dar um novo nome ao animal, posto que é macho.

— E *Vell* é nome macho, eu acho... e a sonoridade... Ele vai se acostumar fácil.

Vell, chegue!

O cão olhava como se saísse *mel* da boca dos novos donos. Talvez estranhasse um pouco no começo, mas com o tempo dos dias, que são poucos, e dos anos, que são muitos, nem mascote nem donos não mais se lembrassem da diferença dos fonemas. E o nome do cão acabou voltando naturalmente ao anterior.

E o tempo corria com o vento no rosto do atleta que arrombava uma tela de papel para ir por outro lado. Depois uma de plástico duro. E quando investiu para atravessar a de pedra, esbarrou na concretude. E também esbarrei, e vou narrar assim que levantar.

Tentei olhar para o outro lado e conclui duas coisas: primeiro, me achei humana; segundo, o obstáculo é grande e tenho de escavar com parcimônia, narrando os grãos que caem nessa estrada, limpando os farelos que ficam na boca. Só tenho um olho: o meu. E é através dele que podemos ver o que se passa além do buraco da fechadura, da toca do coelho. Esqueço até as tristezas que tenho de falar; e todas elas formam a núcleo da minha tristeza maior, que se mede com gritos de silêncio. Onde está o verde platônico? Nas árvores, e as flores são sua luz.

E o minuto da velocidade é eterno. O ronco do motor corta todos os ventos. Ah! Os ventos! Que levam os odores do mundo aos homens. Que sabor deve ter a luz das estrelas na escuridão da serra?

— Onde tamo? — Angélica sabia, era nas redondezas do estádio Amigão. Na noite, no breu... que susto!

— Lugar calmo, né?

Riram.

— Ermo...

— Olha as estrelas.

Júnior envolve-a nos braços, apalpou-lhe o seio. A mão dela procura seu pênis. Antes, tinha de encaminhar aquela mãozinha ao seu sexo. Agora ela sabia o caminho, desejava — sempre soube, aliás!

— Vamo pra trás...

— Tem perigo não aqui?...

Seus lábios roxeados se arrastaram na orelha dele. Pularam para o banco traseiro. Não havia espaço suficiente para tanto prazer, e seus corpos dilatavam, não achavam posições confortáveis, iam e vinham. Ela montou em cima, enquanto ele apoiava a cabeça no encosto da porta. Tantas bocas entreabertas exalando desejos. *Coloca, enfia!* Zip! Jeans voando em bolos desajeitados. Os sexos estavam a ponto de se chocarem.

— Escutou?

Angélica levantou o pescoço nu, suado. Uma luz, um farol.

— Tem carro parado aí?

O fulgor veio ao levantar o pescoço. Demorou segundos para distinguir: arma, rispidez, uniforme. Sentiu-se suspenso.

— Eita porra! A polícia! Se veste, vai vai vai!

Júnior nu, desceu o vidro. A arma estava apontada para seu semblante assustado.

— Mãos na cabeça, porra! — ordenou o PM quase sem movimentar a boca.

— Deixa eu vestir...

— SAI, SAI, AGORA! BORA, BORA!

Júnior tombou para fora do carro. Os óculos caíram na lama. Sentiu a terra molhada. Seu sexo ainda estava grande, semiereto, balançava feito o rabo do Mel. Angélica saiu de calcinha, seios nus, pálidos.

— Encostem na parede! Tão armados?

— Não...

— Tem droga aí?

— Não!

A voz de Júnior tremia, severina...

— Que tão fazendo aqui, vagabundo?

— A gente só parou...

— Parou pra quê, heim?

Júnior olhou para trás e o jovem policial apontava a pistola para as suas costas. Só um tiro e pronto, bastava. Visão periférica: Angélica calma, mãos na parede, ancas apontadas pros canos de ferro.

— Paramo... só... paramos pra aproveitar o tempo.

Suas pernas temiam. Angélica se mexia vagorosamente.

— Bora, mostra o documento do carro.

Júnior saiu da parede, pisando em ovos. O jovem PM o acompanhou até a boleia do veículo. Júnior abriu o porta-luvas, estava sem habilitação, iria levar a mulher a um passeio inusitado, esquecera até o documento do carro. Dois policiais mais velhos, segurando armas de maior porte, conversavam com Angélica, ainda com os seios nus.

— Cara, tô sem os documentos do carro aqui, quer que eu vá buscar em casa? A identidade serve?

— Serve... Olhe — o PM guardava a pistola no coldre, Angélica já vestia a blusa — se acalme. Esse é o procedimento da Polícia Militar.

— Mas nunca me apontaram uma arma!

— Esse é o procedimento da Polícia Militar — enquanto repetia, passava a lanterna sobre o CPF e RG, foto e assinatura de Júnior. — Acionaram a polícia porque viram o seu carro com movimento suspeito. Sabe o que houve agora pouco? Mataram o filho do delegado da policia agorinha, próximo ao estádio Meninão. Qualquer denúncia que chega a nós, a gente tá checando logo, sem espera. Issé urgência.

— E foi...?

— Foi. Por isso, se acalme. Aqui é PM. Venha cá: você faz o quê?

— Sou professor.

— De quê?

— Português.

— Abra a mala aí, por favor — pediu o policial mais velho com a mão no ombro da mulher.

Checavam a mala, faziam perguntas repetidas ao casal a fim de perceber alguma contradição. A ela: o que ele faz? A ele: ela trabalha onde? Aos dois: vocês moram juntos, onde? Aqui pertinho, no Catolé mesmo. Na mala, apenas um exemplar do Menino Maluquinho — enfim, tinha achado, perdeu há tempos o livrinho!

— Mas, rapaz, a gente sabe que não tem nenhuma criança aqui, muito pelo contrário. Vocês já tem cara de quem têm filho; têm filho?

— Ainda não — se aprumou Angélica.

— Tanto canto... tanta pousada barata, e vocês param aqui? — ralhava o mais velho.
— Eu sei como é, é tipo aventura, né? Já fiz muito isso. Mas nos tempo de hoje não vale a pena se arriscar. Ainda bem que foi a gente que parou vocês. Imagina se fosse bandido? Vocês na mão de bandido, imagina?

Escutavam calados. Júnior já conseguia respirar fundo, ter noção da sua exposição. Ele conseguiu se vestir enquanto o jovem PM o falava na boleia; Angélica ainda estava de calcinha, descalça; Os policiais ainda ficaram repetindo “tanto canto, tanto canto...”, mas o jovem da Força, sorria, dava tapinhas nas costas de Júnior, alisava o ombro de Angélica, pediu para que esta fosse calçar alguma coisa.

— Com tanto canto pra olhar, você reparou que eu tava descalça?

E caíam na gargalhada. Júnior sorria nervoso.

— Mas, rapaz, que fique de lição...

— Tanto canto....

Entraram na viatura, os PM.

— Vão pruma pousada, é baratim. Três hora é vinte conto, no máximo.

— Agora...? — Júnior apontou para sexo, completamente mole. E a viatura arrancou. Os fardados riram.

O casal entrou no carro. Júnior pôs as mãos no volante: “que coisa”. Angélica riu. Ele respirou fundo. A viatura fazia a poeira subir na grande área de terra seca ao redor do estágio. Passou por cima dos próprios óculos e os esqueceu de vez.

— Que coisa, que coisa!

— Calma, Júnior, deu tudo certo. Agora vê se paga o IPVA em dia, eles caíram mesmo que o documento tava em casa?

— E não tá?

Abriu o porta-luvas. Estava ali, todos os documentos.

— A gente deu sorte... — suspirou Júnior.

— É. Podia ser bandido, como ele mesmo falou.

Angélica ergueu a pelve e subiu a calça. Júnior saiu em meia embreagem.

— Num tô nem falando disso. Podia ser polícia safada, essa...

— Safada...

— É, safada. Podiam ter dado tiro na gente e ter dito que a gente tinha reagido. Ou, sei lá, te estuprarem, os três, me estuprarem também, ninguém sabe, já ouvi umas histórias. Mas o que eu achei mais incrível foi tua calma. Como foi isso, heim? A qualquer hora poderiam ter disparado... ter te comido, sei lá, os três... colocado o ferro no nosso cu e pedido pra gente não gritar, e depois atirar na gente e pronto, e a gente ia virar cadáver e nossa família reconhecendo os corpos... os policiais diziam que a gente tentou reagir e pronto. E tchau. Tchau pra gente. Sorte que eram honestos...

— Tá bom, Júnior!

Angélica se virou à janela, paisagem escura, com olhos marejados.

— Que foi, hã? — tentou acariciá-la, e ela afastou seus carinhos bruscamente.

Os pneus já tocavam o asfalto da Vigário Calixto. Júnior ainda tremia um pouco. Pensou em visitar a mãe, deitar no seu colo enquanto ela aflagava sua barba, diria até que teria brigado com Angélica só pra ter o carinho materno; pediria o conselho da irmã, depois pediria para também afagar-lhe a cabeça. As unhas dela formaram-se violentas garras. Para quê as tinham? Nunca mais terá o carinho da irmã, não aproveitou quando tinha persuasão para com ela.

Tinha uma mulher agora. Estava ensimesmada. Não queria conversa. Emburrada. Sisuda.

— Não pensei nisso... no pior... agora que você disse. Por isso agi com naturalidade.

— Mas já passou.

— Seu medo passou pra mim, o medo de ter acontecido.

Contagiada!

— Não tenha medo do que não aconteceu. Fique feliz porque não aconteceu.

— Me deixa...

E fechou-se, enroscada. Júnior viu que sua antiga casa estava animada por uma luz acesa. Eleonor jogando videogame? Sim, ainda jogava quando tinha tempo. Ou Carol assistindo filme com sua Sobrinha; um filmezinho, O Rei Leão, Harry Potter?

— Tá olhando pra essa casa por quê? — me chamou atenção a sua mulher. — Não vá parar, isso não é hora. Quero chegar em casa logo.

Júnior não acelerou — estava lentíssimo sem perceber.

Existe amarelo mais triste que o das luzes dos postes? Não deve existir. Sombrio, bruxuleante, em ataque à escuridão. Mais nada. O ronco do motor de novo, meu Deus!, que torturante choro é esse ruído.

Angélica foi pro chuveiro e Júnior, direto deitar.

— Virou porco agora, foi?

Júnior cerrou os dedos dos pés.

— Cala boca...

Ela deitou de costa para ele. Tocou-lhe o ombro e ela estremeceu, não estava pronta para o carinho ainda. Quantos anos se passaram. Os 30 já vieram sem piedade, e com fios brancos na cabeça dele. Ficava calvo. Não vimos Júnior envelhecer; ele, tampouco. Esther já estava com seus 10 anos, no máximo!? Linda! A mais linda da família. Recebia elogios de inteligência também, por que repetia o que os professores falavam na escola. Será que já tinha namoradinhos? Já beijara? Não, isso era inconcebível para Júnior, mais até que para o próprio pai da criança. E Júnior? Não teria filhos? Não transmitirá a nenhuma criatura o legado da sua miséria? Angélica ainda insistiria nos anticoncepcionais?

— Quando vai parar com a pílula?

A voz de Júnior a assustou. Demorou responder.

— Heim?

— Quer ter filho, é? — perguntou ainda com as costas voltadas a ele.

— Você quer?

— Não sei se aguento...

— Se aguenta o quê?

— As dores do parto.

— Faz cesariana, num é não?

— Não quero parir... o corpo é meu, a boceta é minha... não quero isso!

A voz chorosa fez o homem afagar-lhe a o couro cabeludo.

— O que quer? Adotar, talvez... seria uma opção.

— Não...

— O quê, então? Não quer ter filho? Não gosta de criança, não?

— Não quero ser responsável por vida nenhuma. Olha pra tu também, não tem nenhuma perspectiva de vida. Não pense que não sei que você tem uma grande ferida. Tenho medo de tocar nela. Nunca sara. Que houve? Você é uma pessoa triste, que repulsa tudo; eu também sou assim, e no começo eu sabia disso e gostava, não vou ser hipócrita. Nosso cachorro só não nos odeia porque damos comida pra ele, resto do almoço, do jantar. Aí tu quer ter filho assim? Quer vandalizar a mente de criança. Eu ainda tenho bom senso de não querer criar assim... criar animal até que vai, mas outro ser humano... Entende?

Júnior olhou o teto, seu templo; toque reflexivo. O teto era o limite de seu caráter, as estrelas, o romantismo da moral. Ficou de pé na cama, tentando tocar nesse teto.

— Que tá fazendo, qué isso, Biu?

— Não alcanço... ei, vou sair...

— Vai pra onde?

— Não sei... vou sair... volto já, viu?

— Quer ir só?

— Sim.

Na ignição, o ronco do monstro; o acelerar. Ligou o rádio, baixinho, o ar condicionado, as lágrimas... “sou ruim?”... “sou ruim!... sou?” Era? A rua larga de terra escondeu um cachorro sujo, que só era visto a noite, e gostava de dormir na areia fria da rua, camuflado. Quase atropelou o cão. Se não atropelou foi porque pensou em salvar uma vida, nem que seja dum animal. Salvar das rodas malvadas daquela máquina de homens de classe média. Queria também evitar barulho. Sendo atropelado, o cachorro emitiria algum ganido? Daria tempo? Ficou curioso. Pegou a avenida e em pouco tempo já circulava a gigante boca do Açude. Deu seis voltas. Praguejou seis vezes. Pensou seis vezes em ir ao coração da cidade. Foi. Os carros de hambúrguer estavam ali. As prostitutas na rua João Pessoa. O amarelo triste dos postes da Maciel Pinheiro. A biblioteca municipal. Subindo a Floriano Peixoto: a Catedral. Três criaturas encolhidas nas escadarias. Uma ou outra alma penada que passava ali nem os repara. Estavam camuflados, como o cachorro na terra da rua larga. “Sou mau?”. Parou o carro, puxou a chave da ignição, olhou-os bem: uma velha cobrindo duas crianças com um tipo de cobertor sujo, rasgado, felpudo, fedorento. Júnior botou a mão no bolso, sentiu moedas tilintarem. O som tênue metálico fez a maltrapilha se assustar. As crianças saíram aos sobressaltos, com medo. Animalzinhos? Se coçavam constantemente, como para terem ciência dos seus corpos magérrimos. Júnior soltou as moedas nos degraus da igreja. A velha e a menina cataram feito galinha bica milho.

— Sou bom, tão vendo?

— Dá moedinha também, moço — o menininho estendeu a mão.

— Por que você não pegou quando eu joguei? Joguei pra vocês...

O menino baixou a mão e se sentou longe, abraçando as pernas.

— Deus pague o senhor! — disse a velha e voltou a se envolver no cobertor, a menina se aconchegou ao seu lado. O menino quis se aproximar, mas ainda estava receoso.

Júnior entrou no carro, ligou-o, acionou os faróis. *E esses molambentos?* Abriu o porta luvas. Sua carteira, quanto tinha? Cem... cento e cinquenta reais! Pra quê aquele dinheiro? Para levar uma vida sem muito apertado. Para, quando quisesse, tomar um sorvete na esquina ou ir pra um quarto de motel com uma puta. Devia tê-lo gastado hoje. O dinheiro perdeu a validade de serventia. Puxou as duas notas da carteira e sentiu alívio. Pronto, aquele dinheiro se foi... mas ainda estava em suas mãos! Amassou-as. O menino começou a tomar coragem e se aproximou da velha, que o repelia. Bateu no vidro do carona.

— Arrume moedinha também, vai...

Júnior apeou. Aquele menino não pertencia ao mundo humano. Era um animalzinho exalando bodum. Júnior tentou desamassar as notas passando-as nos dedos como rolo compressor. Estirou as notas para velha.

— Vende?

A maltrapilha carcomida nunca vira as cores, os animais daquelas notas de real. O peixe e a onça a olharam, a cobiçaram. Animais sabem se atrair.

— Vende?

— Hem? Se eu vendo o quê?

Não tirava os olhos das cédulas. Que aquele homem queria?

— Que quer...?

— São seus filhos?

— É.

— Quero eles.

A velha encarou Júnior — a primeira vez que levantou os olhos. A menininha chupava o dedo, cabisbaixa. O cabelo grisalho da pequena lhe caía como cipós num semblante selvagem. Teria a mesma idade de Esther?

— Cê, senhor, é rico?

— Vende? — a cada palavra trocada com a velha, mais irritação ficava.

O menino lhe tocava a glúteo, procurava algo. O fitar velho, sofrido, os olhos miúdos lhe tragava toda vontade de estar ali. A velha tomava conta dele, hipnotizava. De repente, o

hipnotizado verteu-se em hipnotizador. Havia algo podre ali. Havia algo de podre da Rainha da Borborema! A flatulência congelada. Júnior pisava na chinela do menino; a mão empurrava o glúteo, para empurrar o homem. Júnior levantou o pé e foi como borbulhas raivosas que o levantava fumaças de gêiseres. Não viu: num átomo de distração a velha lhe puxou as notas da mão e disse:

— Vendo.

As crianças pareciam não entender a situação. Sabiam que era coisas da mãe e que tinham de ficar quietas se não apanhavam, levavam puxões de orelha ou eram arrastadas pelo braço porque um adulto não estava feliz com o que elas fizeram, sempre besteira! Tinham conhecimento do proibido por meio de represálias.

— Levanta, vai!

A voz da velha fez a menina dar um pulo e ajeitar a saia.

— Ocês agora vão com o moço... lá ele tem a vida mior procês... vai, vão, ah condenado, vai...

A menina pareceu compreender e sorriu a Júnior.

O menino sorriu porque não entendia nada mesmo.

E foi ali, ali em frente, bem na porta da Catedral, nas barbas de Deus, ou como um mendigo que passou na hora disse “nas *venta* de Cristo! Eu vi, bem aqui ó...” que Júnior comprou essas vidas minguadas e colocou no carro com todo cuidado. Mercadorias frágeis? Dois anjinhos pretos, agora eram seus por direito. Maldita velha que os vendeu! Não merecia viver. Também não merecia morrer, a maldita. Nunca devia ter existido tal criatura! Precisava ser erradicada, a velha. Mas, ah! As crianças que ela gerou... tão lindas, tão pretinhas, tão frágeis... o bodum infestava o carro... que faria com elas? Olhava pelo retrovisor o susto das carinhas, ligou o ar condicionado e elas tiveram um sobressalto, agarradas, metidas uma na outra. Lindos, os monstrinhos!

INTERLÚDIO

Suplico a devida licença ao leitor apressado: corre, irmão! Arrebenta a cláusula que o prende a mim, a não ser que queira lavar suas mãos com o sabonete feito do sangue de anjinhos. Caso sujá-las neste inverno as lavará na catártica primavera.

Segue-se daqui uma história porca. Não que seja banhada em lama, mas que talvez cause repúdio como a carne desse animal causa nalguns. Digo isso com a honestidade de algo que quer o bem a alguém. Talvez seja de moderada ação, você, que arrasta os olhos sobre as páginas pudicas, largar este livro que poderá lhe fazer mal — ou pior: lhe dar prazer!; pois o mal vai florescer da forma mais imunda: a partir da inocência.

Marcarei agora os capítulos em algarismo romano, como uma maldição lançada por Roma aos eternos bárbaros do Novo Mundo.

XXII.

A tragédia dos livros tombando da estante como dominós.

O sorriso da negra na cabana. O respeito do branco, baixando a cabeça, os olhos, pegando o chapéu-coco, sorrindo também, mas sem se atrever a encará-la. Suor desce. O moço aperta a mão da mulher — senão velha. Sentiu os ossos dela com tristeza. Pálpebras fundas, suplicantes, úmidas. O rapaz puxa da carroceria de madeira cestas básicas. Básicas mesmo. Fracos eram os braços da mulher de cabelos grisalha cedendo ao peso dos produtos. Uns olhinhos se arregalaram por trás da magérrima figura feminina. Se esta era raquítica, aqueles beiram à inanição. Rasgaram o invólucro e ergueram os condimentos como troféus. Os raios sol, no seu zênite, batiam no fundo das latas de leite em pó e resplandeciam como nova luz e esperança praquela família. Os sujeitos da diocese riram definitivamente. Água mineral, boa, consumida aos golões. O sertão ainda não seria sua cova.

Mas isso é estória alheia a nós, irmão mano de leitura. Peguei-a nas minhas divagações grafológicas. Não digo que não quero apertar tua mão e fugir deste romance. A verdade é que...

A verdade é que verdades são ambições.

E se uma gota d'água cai na tua ferida... se cair aí... aí você vai sentir a água com a toda sua violência. Que a suavidade da água é mentirosa; que a pele mente para a alma; as feridas não: essas são reveladoras.

A verdade foi estuprada pela Literatura, a grande ferida na arte.

Quem sou? Literatura que vaga pelo nordeste brasileiro procurando canonizar-se? Serei marginal devido ao meu *corpus*? Desenho o invisível, numero o infinito, bato três vezes no um... um muro sem forma. Tento calar o silêncio. Abro o aberto.

Sou o *to be or not to be* de Shakespeare; a loucura de Erasmo¹⁸, nonada do Grande Sertão... veredas de Moby Dick das terras secas! A furiosa mão que me escreve me esconde, mas você me decodifica, me entende, interpreta. Os traços dançam, enroscam-se, dão forma ao signo.

Descoberto isso, infiro que até para me esconder preciso me achar de todas as formas.

O eco distante... quase não dá para ouvir... fatos severinos estão por vim e tenho medo...

¹⁸ Erasmo de Rotterdam (1469[?]-1536), teólogo/filósofo humanista (N.A.).

Não enrolemos mais.

Quer ler tudo, até a última gota de tinta?

Vamos ao próximo capítulo.

Vamos, hum...?

XXIII.

Abriu os olhinhos. Sentiu o chão áspero. Seu braço estava um pouco ralado, uns arranhõezinhos cor de giz. No teto, um bocal vazio, se balançando ao tênue vento. O portão pequeno no cadeado. Era azul, recém-pintado. Um cocô de cachorro ali, outro acolá... não sabia se era de cachorro mesmo. Tinha cheiro não muito ruim para seu olfato acostumado às coisas sujas da rua. Era até bonito, o excremento. A irmã estava ao lado, ainda roncando, com os lábios quase encostados na merda.

Um cão chegou ao portão. Meteu a pata o cadeado. Queria entrar. Percebeu que não podia mais, ficou a latir para o menino. A mocinha acordou assustada com os latidos. Estão presos, mas seguros. Vinte metros quadrados tinha o cubículo? Talvez menos. As grades de uma janela semiaberta como claraboia. A garota chega por trás e o abraça. O cachorro ganiu até cansar, estirou a língua, procurou água. Se esgueirou pelo matagal. Uma casa depois dos matos. Estavam num quintal. Não sabiam o que era quintal ou se tinham entrado alguma vez na parte de trás duma residência. Recuaram alguns passos, juntos, e a menina de cabelo crespo imprecou um xingamento com a bosta que acabara de pisar. O menino ouviu, há tempos, a mãe falar, e no palácio de sua memória, de forma mimética, acabou dizendo:

— Num mexe, não; merda quando mais mexe mais fede.

— Foi mainha...

— Não então, não então...

O farfalhar de pés amassando verde anunciava a chegada de alguém. Alguns arbustos foram afastados como cortinas e Júnior e Angélica entraram na visão das crianças. Não falaram nada por muito tempo. Os olhares dos casais se trocavam num ritmo alucinado esperando a primeira reação. A mulher fazia menção de dizer algo, mas desistia colocando a mão na cabeça, arrastando o dedo por entre seus lisos cabelos. A menina tentava imitá-la, mas era duro para ela, devido aos seus fios crespos.

— Meu deus, e agora? — foi o que Angélica conseguiu proferir.

Formigas passeavam pelos pés do casal — Angélica, sandália; Júnior, sapato de couro — que as repeliam com chutes ao vento: era esse movimento que dava leveza à situação.

— Agora que são nossas... — adiantou Júnior — Nem precisa criar. Achei na rua, como animal. Comprei. E a gente pode criar... de outro jeito... barato: como o preço que paguei por eles, né?

— Pode? Podemos?

O adulto que assumisse a fala era seguido pelos olhar infantil, assustado. *Como falavam bonito aqueles adultos!* Estavam felizes. Estavam debaixo de um teto!

— Podemos não? Por que não? Escondido, sabe... se quiserem voltar pra rua, que voltem. Vocês querem, hem? — Júnior fitou-os, sobressaltados, aflitos. — Querem não, tá vendo? Querem nada. Trocar querem não. Um favor tamo fazendo a eles. Quem não vale nada é aquela velha que os vendeu pra mim. Vamo adotar eles, domesticá-los, entendeu? Vai ser bom pra gente, acho.

— Mas escondido, Biu? Eles vão crescer... e aí? Vão crescer e apontar o dedo pra gente e dizer das nossas falhas...

— Falhas nada, falhas o quê? Tiramo eles das ruas. Iam virar trombadinha. Marginais. Ou pior: mendigo!

As crianças se apertavam, comprimiam-se num pedacinho de chão, não se moviam; era atrevimento demais se mexer enquanto os adultos brancos falavam sobre eles. Engoliam saliva, respiravam tenuemente para não chamar atenção. Igual nas ruas. Quanto menos eram reparados, maior a chance de evitar problemas com o sistema. Não sabiam que sistema era, só sabiam que tinha um; um sistema que organizava tudo e que fazia movimentar as pessoas, os automóveis, os animais, a chuva, o sol, a TV. Foi essa harmonia que decidiu que eles nascessem fora do sistema. Disso sabiam. Tinham de respeitar. Os croques que a mãe lhes davam fazia parte dessa harmonia, como uma nuvem preta cobrindo a luz. Era só a mãe dar nó nos dedos que já sabiam que um deles iria receber a pancada capciosa, ou os dois. Geralmente quando batiam em um, aproveitava a quentura dos dedos para bater noutro. O “não mainha, não mainha...” era respondido com tabefes e retrucado com um ““não mainha’ nada! Venha cá, ôi qué pior!”. Era embaraçoso entender o sistema pois apanhavam por andar depressa ou devagar, sendo que às vezes a noção de velocidade da mãe era confusa e andavam rente a ela: e apanhavam mesmo assim, pois esbarravam nas pessoas grandes que passavam apressadas.

— Tão olhando muito pra gente. Oi... — Angélica se aproximou do portão. Eles gemeram com receio. — Vão chorar, vão gritar!

— Vão não. São bonzinhos.

Ao sentirem palavras de afeto, aproximaram-se do portão, sempre juntinhos. Angélica passou os dedos nos rostos assustado deles e suas expressões relaxaram. Parecia que nunca os tinha tocado tão brandamente.

— Eita, tão fedendo.

— Traz balde — disse a mulher. — Vamo dar banho neles.

Júnior abriu o cadeado do portão e deixou que saíssem. Reconheceram o local timidamente. Reparam na estrutura verde; será que dá fruta? Era tão bom fruta fresca. Roubavam manga sempre que podiam e apanhavam quando demoravam na façanha. Tentaram debater com as formas de vidas pequeninas. O cão chegou sorrateiramente e os assustou de volta à casinha. Escoraram o portão enquanto ele rosnava.

— É manso — tranquilizou-os Angélica pegando Mel pela coleira. — Ele tá agoniado por que quer fazer cocô aí dentro. Ele só faz cocô aí. É o banheiro dele, o bichinho...

A menina abriu vagorosamente o pequeno portão e, antes de ter espaço suficiente para passar com seu corpo peludo e esguio, o animal forçara uma entrada rápida. Foi ao canto, longe daqueles novos seres humanos, contraiu-se, tremeu um pouco na base e as fezes desceram. Arrastou as presas das patas traseiras menosprezando o dejetos e saiu da casinha satisfeito em direção à casa-grande; entrou pelo moital. Júnior reapareceu com balde e mangueira. As crianças se esgueiraram, acanhadas, colocando a mão nas feridas que estariam por vir. Um chicote a mangueira será? Já tocaria seus couros? Antigas chagas residiam na plenitude de suas peles manchadas; eram feridas mesmo ou grude? Ou os dois? O adulto desenrolava a grande cobra de plástico. Perscrutou uma torneira — não visitava muito seu quintal, mas sabia que tinha uma torneira em algum canto entre os matos.

— Num bate em nós não, moço...

A rouquidão daquela voz foi escutada pela primeira e respeitada como um canto de sereia.

— E quem vai apanhar aqui? — encaixou a boca da mangueira na torneirinha que rangeu antes de sair um jato forte de água. — Vocês vão tomar banho, tá? Só banho.

— Como é o nome de vocês? — perguntou Angélica.

— Pedrim e Aninha — respondeu a vozinha rouca da menina.

— Não quero bãin — falou baixinho a irmã.

— Ah, mas vai! — Júnior ergueu a mangueira quase molhando a mulher. — foi mal... bora, bora, tira a roupa, bora...

Aninha foi a primeira a passar a blusa velha, verde tônica com a figura da Mônica dentuça, por cima da cabeça, apareceram os biquinhos do peito enegrecidos. Baixou a calcinha desvelando uma vagina imatura, com sinais dos primeiros pelinhos querendo crescer. Pedrim não tirou o invólucro que escondia suas vergonhas.

— Vem tu primeiro, menina — chamou Angélica.

A mulher derrubou um jato em cascata num cabelo que tinha certa brancura que foi adquirindo cor mais escura, natural, abrindo-se ao castanho. A menina sentiu a água na cabeça abarcando sensações estranhas. Os fios crespos foram se pregando nas espáduas, permitindo que o líquido descesse pelos ombros, invadindo as costas, até o glúteo, a panturrilha, o pé. A água alisava a barriga, entrara no umbigo, no sexo, as virilhas coçavam. Veio o sabão esfregado violentamente, como se um cão fosse a vítima do banho — era o mesmo sabão com que lavavam o Mel.

— Abra boca!

Sabão na boca de Aninha. Medida preventiva, enquanto não tinham escova, se é que vão ter. Júnior adorou a ideia e repetiu o ritual com o menino. O trabalho mesmo foi arrancar as vestes dele. Pedrim nem gritou; resistiu com o corpinho magro numas mexidas repelentes, rapidamente dominadas pelos adultos. A menina ficou se secando no sol. Júnior aproveitou os buracos da camisa de Pedrim para rasgá-la, já que ele não queria se despir.

— Agora vai.

O menino, resignado, deixou a água e o sabão fazerem a limpeza do seu corpinho maculado. Lágrimas ou água escorriam dos olhinhos? Simbiose! Aninha pegou-lhe o braço e o levou ao sol. Botaram os cotovelos na parede e deixaram-se secar. Os adultos conversavam coisas estranhas, burocráticas, incompreensíveis para a mente infantil e vagabunda deles.

— Venham cá — chamou Júnior.

O adulto desgostou do modismo no qual Pedrim andava. Modismo marginal, apesar de tímido. Pensou na idiossincrasia da raça de quem nasce sem nascer... nas ruas. Devem chegar numa maca de hospital público, no máximo, esses pobres diabos, se tiverem sorte. Visualizou isso. E as macas dobráveis das salas de massagem que ele frequentava para relaxar, as camas dos motéis nas quais já se deitou, símbolos de desejo; não merecem!; só os escolhidos, apontados pelo Arquiteto Maior. Existe? Deve existir invisível, assim como os dias e as noites (sol, e ausência deste).

— Anda direito, menino Pedrim! — ralhou Júnior. As crianças peladas, queimando o corpo e no frio do vento, mãos dadas, suspensão... — Parece o cão; chega chegando. Anda direito, vamo! Anda, Pedrim!

E Pedrim desfilou pelo mato. Lembrou do andar dos homens do sistema — os pés bem alinhados, subindo um degrau por vez da Catedral, tronco reto, com as mãos nas ilhargas; se inclinavam detidamente para despejar as moedas na vasilha de goiabada da mãe. Caminhar difícil esse de imitar! Para que tanta regalia para ficar de pé ou sentar ou comer ou falar? Pedrim andou horivelmente um andar extraterreno, burlesco, que o cansava muito, e se derreou no assoalho moital.

— Pedrim, você é burro, menino! Vou te chamar Maku, porque tu é mau e menor que tua irmã. Aninha a gente chama de Naíma, aproveitando o grande do nome e porque ela é obediente — instaurou o grande ditador severino; sua mulher concordou com silêncio. — Maku, não te quero ver andando mais, dá agonia... Pedrim Maku, Maku Pedrim, entendeu? E eu sou o Pai papai e essa aqui é mamãe, tá?

— Pain, como é meu nome... — soletrou a menina — esqueci d'eu...

— Naíma, que é a grande: é o significado do nome de vocês.

— De Pedrim é “mau”?

— É.

— E Pedrim é mau?

— É mau sim, tá vendo não? Não anda nem direito, a peste...

— Tô. É painha.

— Maku, Naíma...!

As crianças se empertigaram na frente dos adultos. As borboletas amarelas entravam e saíam pelos matagais magistralmente. Até Mel veio, espantando-as. Rodopiou pelos casais, farejou freneticamente a bocetinha da menina; tentou morder o penduricalho que balançava entre as pernas de Maku. Júnior deu-lhe um pontapé que o fez ganir e sair dali correndo.

— Como Naíma é grandona e roca, e Maku é mau, vou nomear Naíma rainha de Maku. Mas rainha não só faz mandar não, viu, Naíma?

— Rainha é bonita — disse Angélica com superioridade espontânea.

— Taí! Já que Naíma não tem a beleza dos palácios, então vai ter que ajudar seu servo a ter bons modos. Se não nasce bela, sofre feia mesmo, rainha Naíma, entendeu? Seu posto de rainha só lhe dá direito sobre o Maku, entendeu, né? Teu reino é esse quintal, o castelo é a casinha.

— E vão ter que ficar pelados por enquanto — disse Angélica com um riso diabólico. — Só depois vão ganhar roupa, se merecerem...

A mecânica da vida: raízes do sistema. A monarquia foi, enfim, instalada. A gravidade fônica da rainha Naíma já ia proferir algo quando a Deusa das roupas — pareceu-lhes rastros de divindade para as criaturinhas —, levantou o dedo.

— Não fale!

— É, não fale — Júnior apontou para menina — Espere a gente terminar as instruções...

Angélica o encarou, cúmplice. Não haviam combinado nada antes, nenhuma palavrinha sobre como iam lidar com as crianças achadas/compradas. Mas quando os males se uniram naquele dia, seus monstros dançaram ciranda cirandinha, de mãos dadas, e fizeram uma fogueira em volta, oblação ao Monstrão. E era uma festa dionisiaca. E pela primeira vez estavam casados — laços de aço. De braços dados, festejaram em sigilo suas regras; o que um propusesse o outro acataria. Um contrato social para sua pequena tribo. E as pálpebras cobriam as íris de tanta alegria. Desvendaram o mistério da liberdade: aprisionar alguém!

— Vem com a gente, Naíma, conhecer a casa.

— Pain...?

— Primeiro prenda o teu servo.

Não sabia o que era servo, mas tinha certeza de que o Pai referia-se ao Maku. Ela pegou seu irmão pelo braço, o escoltou até o pequeno cômodo. Achou que devia pedir para que ele não falasse ou gritasse, então pôs o indicador nos lábios em bico. SHHIII. Os Pais ficaram contentes com sua cria. Angélica a pegou pelos braços, mas ela disse que não precisava, que andava, era rainha, queria andar pelo reino. Será que as paredes da casa viradas ao quintal faziam parte das suas terras? Embrenharam-se pelo mato alto. Rodearam a casa. Mel ergueu as orelhas quando o trio passou. Não latiu. Naíma pegou ele para si ensimesmada: *meu leão!* Entraram pela porta da frente já aberta. A primeira coisa que viu foi uns feixes de luz se arrastando até uma mesa bistrô de mogno — nunca vira movelzinho tão brilhante, tão encantador, com uma garrafa de whisky imperiosa, parecia até um animal estranho, dos quais quem vive nas ruas nunca vê. A mesa elíptica da sala era pequena, oval, com pouco mais de 90 cm de largura, quatro lugares. A menina imaginou que um dia sentaria ali, com seus novos pais e seu “servo”, que achava ser nome dado aos irmãos pequenos. Reparou nos sofás-camas vermelhos, emparelhados, com uma mesinha de vidro defronte sob um Buda que estendia a mão para as moedas que lhe escorregavam aos pés de um metal que a menina estranhou muito. Encarou a estátua gorda. Se achou muito nele: pedintes. Buda também é mendigo? Deu

uma comichão de enfiar aquelas moedas no bolso. Suas preferidas estavam ali: as de cinquenta centavos e as de um real.

— Pega uma? — observou Júnior vendo a menina de olho nas pratas. — Mas veja lá: se tira um do Buda, ele te arranca dois.

— É Jesus, pain?

— Jesus? — os adultos trocaram piscadelas — Jesus gordinho.

— Jesus dá pra eu moedinha, dá? Dá sim...

Naíma escorregou os dedos hábeis do prato e pegou a moeda de um real. O indicador deu voltas no anel dourado nas mesmas proporções em que dedilhava o núcleo prateado da moeda. Linda moeda! O Pai enclavinhou-se, sustentando o queixo peludo sobre as mãos, sorrindo, bico proeminente, feito uma escultura pronta a jorrar água da boca.

— Pain...?

— Hum?

— Pode trocar por duas de cinquenta?

— Pra quê?

— Pra eu dar uma pá Pedrim... s'ele merecer...

XXIV.

As coisas andavam bem — Caos na mais completa ordem. Júnior ministrava aulas com a gramática na ponta dos dedos — já não mais refletia sobre a Língua Portuguesa. Quando um ou outro aluno perguntava algo fora dos padrões normativos, ele se lembrava da Linguística, onde tudo era relativo, os “erros” eram variações. Questionado sobre assuntos referentes ao idioma materno, Júnior ponderava o que talvez fez Noam Chomsky¹⁹ negar seus estudos linguísticos: que isso ajudará no meu cotidiano? Onde estavam os tetos brancos nessas horas de contemplação? Não eram os mesmos alvos retângulos com besouros saltando contra a gravidade; não tinha mais cabeças esfoladas vomitando sangue ou mãos com unhas sujas e cabeludas rasgando o ar em tapas. O corvo agourento não pousara mais em destino severino, deixou que seguisse — assombrações não devoram a si próprias como o fazem os humanos.

Na rua larga onde morava a prefeitura ainda não mandara calçar e talvez nunca mande. Quando chovia era bonito ver os carros passando vagorosamente, caindo em buracos

¹⁹ Filósofo, cientista político. Como linguista desenvolveu a gramática transformacional em 1957 (N.A.).

craterosos, atolando. Certa vez um vizinho teve seu carro roubado, um Voyage novinho, tão lento ia o carro em discrepância com o veloz assalto. As lamas da sina, a sina lamacenta que toda espécie está à mercê — a família foi coagida a deitar com o rosto voltado para lama. Júnior via na lama uma ponta de graça, para não dizer que a venerava: seu cheiro, o reflexo do mundo no chão, e quando a luz triste dum poste resplandecia na poça de água? A pequena concentração de água era seu mar de rosas. A terra irregular formava um minúsculo barreiro no qual ele cuspiu e via seu esputo dissolver, misturar-se ao líquido arenoso.

Ultimamente escarrava muito. Fazia-o, de preferência, no átrio da casa: Mel lambia o catarro com sede voraz. E ele cuspiu até não aguentar mais a fim de ver o cão se deliciar com sua saliva. Cuspia escondido de Angélica, pois achava que ela se enojaria com o espetáculo. Nojento nada! Ela não só o flagrou, como também o ajudou às cusparadas.

Angélica cumpria papel quase partidário junto ao marido. Se este xingava um aluno na mesa de jantar, a mulher retrucava que eram filhos da puta, que a educação estava perdida para a pós-modernidade de valores líquidos, como dizia Bauman²⁰ — mas Júnior, dizia para que parasse de citá-lo, pois ele nunca leu a obra do sociólogo; leu Paulo Feire na graduação, forçadamente. E que a culpa era dos pais mesmo. E que ele não precisava “inventar” um modo de educar, uma vez que todos os modos são paliativos, que não precisou de professor para se tornar o que é hoje, que nunca o incentivaram a ler, e se o tivessem feito provavelmente não teria as leituras que tem.

A hora mais divertida desses trabalhos todos era a correção de provas. Como eram engraçados os discípulos das “inadequações gramaticais”. Júnior considerava a maioria dos equívocos, dando-os notas além das quais mereciam em regime escolar. Era bom de notas. Os educandos adoravam suas práticas em sala de aula: as meninas principalmente: elas estavam gostando agora dos barbudos, e como sempre Júnior deixava a barba por fazer, chegavam a ficar molhadinhas em sua aula.

— Professor vai fazer o quê hoje?

— Professor, me dá carona até em casa, vai?

— Deixa eu tocar na tua barba.

E Júnior se ria, exclamava que era compromissado e também fazia galhofas de “não me provoca, heim?”. E uma passou da conta: perguntava se o professor não queria ir ao banheiro para que ela balançasse seu pau. “Qué isso, moça!?”, surpreendia-se rindo. Sim, queria. Que mal tem? Devia ter uns 15, 16 anos a putinha? Ainda bem que os valores são

²⁰ Zygmunt Bauman Frederic (1925), sociólogo polonês (N.A.).

líquidos mesmo, querido Bauman! Aproxime-se, mano leitor, e veja professor Júnior contemplando o miço duma aluna.

— Deixei um pouquinho pro senhor tomar — disse a adolescente, mostrando a vagina — quer?

Ela esperava o pai: só estava na escola a guria, Júnior e o porteiro. Júnior na porta do banheiro, receoso, o porteiro podia aparecer a qualquer hora.

— Quer? Hum? — no chão limpinho do banheiro a menina se baixou e mijou, estaria talvez gozando? — Hum! Saiu tudo. Deixa pra próxima, né? — enxugou o restinho de urina esfregando os lábios vaginais com papel higiênico. — Não quis, né? Quer agora? Quer agora?

Era muito arriscado. A braguilha da calça quase explodia num pênis ereto. A menina pegou na proeminência, se ajoelhou — não importando que os joelhos se molhassem na própria urina — e baixou o zíper da calça do professor. O sexo dele estava tão duro... antes de pôr na boca, ela sentiu a glândula nas suas bochechas, nos lábios, no nariz, na testa, no seu rosto todo de porcelana fina. E Júnior ganhou o boquete mais proibido de sua vida. Sim, também uso palavras de baixo calão: não sou literatura machadiana do século XIX.

Voltou para casa e viu o vizinho — nunca o vira a fim de dar bom dia — conversando com uns pedreiros. Apontava para o alto da casa. Júnior se aproximou curioso.

— Vai reformar? — procurou saber.

— Fazer um primeiro andarzinho qué bom.

Júnior fustigou qualquer sentimento desesperado. Será que daria para ver as suas criaturinhas do primeiro andar? E se instalassem uma janela do lado de cá da sua casa? Teria de planejar algo novo. Não queria levar aqueles restos de rua para dentro da sua residência. Tudo estava tão bem! Não faziam ruídos, acostumados à quietude. Poucos dias se passaram desde que as trouxe para sua propriedade. Cinco, sete, talvez dez dias, não mais. Era perfeita a sociedade oculta dos dois pirralhos! Tão pouco tempo e já conspiravam para o fim... uma alma turva passou por ali... alma monstro! Algo endógeno, falaz, fez soar a pergunta:

— Olha... não é querendo ser chato, mas eu não queria que fizesse janela virada pra minha casa... eu e minha esposa gostamos de privacidade...

O decano trabalhador fitou o rapaz abobalhadamente.

— Não se preocupe — tranquilizou-o o vizinho, seco —, a janela vai ser virada pra rua.

— Desculpe o incômodo e boa tarde.

Júnior se esgueirou para sua casa — “vão estragar, vão estragar tudo! Não confio, não confio! ah!” — e correu para a cozinha; Angélica defumava alguma carne, ainda com a roupa da loja.

— Vão fazer primeiro andar, esses aí — Júnior apontava o dedo para o lado do vizinho, ofegante.

— Que susto!

— Que vamo fazer?

— Será que dá pra ver?

— Num sei!

Pensaram e ponderaram alguma estratégia. Júnior lembrou das lonas pretas que tinha na casa da mãe, mas achou que ia levantar suspeita e acabou comprando. Cobriu a as entradas da casinha. Ficou muito escuro e quente lá dentro.

— Se acostumem... — deflagrou o Pai.

Respirar não era difícil, mas o ar que vinha não parecia natural. E sempre abriam o portão para Mel fazer suas necessidades lá dentro — já se acostumaram ao odor da bosta. Maku fez buraquinhos na lona para entrada de oxigênio. Naíma lhe deu crédito de dez centavos pela iniciativa — mas só podia entregar uma moeda quando o irmão completasse cinquenta, posto que a moeda só tinha esse valor. Quando o Pai viu os buraquinhos perguntou quem foi o autor. Maku, todo orgulhoso, disse da sua façanha. Júnior lhe deu uns tabefes e o chamou de viado, fela da puta, *por que fez isso?* E o menino abafava o choro pois sabia que não podia fazer zoada. A rainha zerou os seus créditos apavorada quando soube que o que o servo fez era mal aos olhos do Pai. Maku mau!

E Júnior instalou uma lâmpada no bocal dantes vazio da casinha enquanto as crianças passeavam silenciosas pelo quintal. Sentiam o ar nos pulmões e, se ficasse muito tempo, estranhariam e voltaria para o ar abafado da casinha. O orvalho escorregava pelas folhas, e os irmãos chupam aquela aguinha. Eles tinham de racionar a sede: era um copo por dia de água mineral, do filtro! — tomam agora da boa. Perguntaram ao Pai se a água da torneira era também boa.

— Boa nada! Tem veneno. Se beber, morre!

E por mais que a sede apertasse, quando seus olhinhos e seus corações secavam, não tomam água da torneira na qual tomaram banho. Os pais diziam para que evitassem falar, se mexer, pois quando suavam, toda água que tomavam escorria para fora do corpo. Perder água nem pensar! O suor lhes era sagrado quanto era para os gregos nos Jogos Olímpicos. Evitando movimentos bruscos, o sedentarismo era certo. A temperatura abafada, tornava-os sudorentas

máquinas de desperdício. Sofriam com isso; e pensavam mais na sede, e não tinha coragem de pedir mais um pouco de água aos Pais — *tão bons já eram!*

A ração era despejada em vasilha de goiabada para Maku, em cuia rasa para Naíma, e deixadas no portãozinho azul da casinha. Mas eles só podiam se levantar quando o papai abrisse o portão do quintal para que Mel entrasse — era regra; e o cachorro avançava para abocanhar o manjar, eles teriam de ser mais rápidos que o cão: muitas vezes puxavam o vasilhame da boca do animal que rosnava, mas parecia entender que eles precisavam do alimento. E tomavam 1/3 da água durante o almoço: era a hora mais feliz do dia. O Pai cogitou em separar dois pratos de alumínio para os anjinhos.

— Não, Biu! — ralhou Angélica — E vai deixar quessa vaidade chegue a eles? Melhor não...

Os instintos aborígenes das crianças morreram engasgados nas gargantas estreitas, como o grito dos selvagens do Quinhentismo nunca proferidos. A nudez não era mais vergonha. Era tão natural quanto os baldes nos quais eles faziam suas necessidades — tinham de se mostrarem civilizados, não cagando no chão como fazia Mel. E cada dia a merda ia lhes tomando o espaço, o fedor nauseabundo as corrompendo o ar. Papai arrumou uma solução. Primeiro mostrou como se fazia: pegou uma pá, jogou terra no excremento e só depois raspava o assoalho apanhando a bosta e recolhendo-a num saco plástico azul. Recuperado o espaço e o oxigênio limpo, a rainha determinou que a cada limpeza que o vassalo fazia, ganharia um centavo. Maku disse que era pouco, e a irmã respondeu que não era, e que tinha de ser assim porque as coisas precisam ser difíceis. E não bastava o vento bater na lona, e Maku disse não ter entendido e se Maku não entendia é porque era servo, e que não perguntasse o que significa servo, só precisava saber que era. Pai era mandão bom, Mãe era só mandona, Mel era tigre dela e ela dizia que era por isso que quando o mascote pegava seu almoço sempre comia menos do que quando pega almoço de Maku. E Maku, submisso, cantarolou lá lá lá lá lá lá. E Naíma achou isso um desaforo, e castigou o irmão servo: enfiou um dedo no seu ânus. Maku disse que nem doía. Bateu nas costas dele e ele ficou quieto e resignado quando a irmã pôs o indicador e o maior-de-todos. E agora, era rainha? Era rainha. E ficou devendo dez centavos a rainha. E Mel batia com a pata no portão e o servo abria para que o tigre fizesse cocô. E os dias se encheram de merda. Mais merda que pensamentos. Papai se livrou do balde de excrementos deles. Voltou com ele limpinho e cheio de água junto a recipientes com líquido azulado. Disse que lavassem tudo, deixassem a casinha cheirosa, em meia hora papai voltaria e se não estivesse tudo limpo, seriam castigados severamente. A rainha ajudou o servo pois queria se mover um pouco. Começaram a despejar a água,

esfregaram o chão com uma vassoura, depois espalharam o líquido azul generosamente. Esfregaram até a espuma aparecer e o perfume de detergente barato se espalhar pelo ambiente. Não precisavam sair do pequeno castelo. Aproveitaram o restinho de água que sobrou do fundo de balde e tomaram. Não era dá torneira, afinal, o pai já trouxe no balde, então deve ser boa. E sentiram o gosto da saudade da água da rua. Tinham esquecido desse sabor. Rainha e servo deram lugar à consanguinidade. O Pai apareceu de chofre e Naíma tinha reparado no último instante que haviam deixado um restinho de cocô diluído no canto. Olhou para o irmão desesperadamente e este percebeu a falha na limpeza; se jogou no chão e solveu o excremento aquoso como sopa. Júnior deu uma olhada rápida e trouxe escovas de dente para as criaturas que alegou estarem com bafo horrível. Ao atravessar o matagal, o Pai levou consigo os objetos de higiene falando alto que amanhã era dia de banho. Rainha Naíma respirou fundo, satisfeita por ter agradado ao Pai. Perdoou metade da dívida do servo pelo seu bom trabalho.

XXV.

Viver nas ruas desde o começo da sua breve vida não foi suficiente escarmento para o menino Pedrim Maku aprender as malícias que serviriam para burlar o sistema. As engrenagens dessa grande máquina rodavam rápido demais para seu lerdo entendimento das coisas. Maku sempre foi de apreender as coisas muito lentamente — em contrapartida, ficavam gravadas na sua cachola como pedra. A antiga mãe costuma bater-lhe pelo menos três vezes pela mesma coisa: “Pedrim, tá rindo por quê? Que alegria é essa, heim?”; “Tá chorando? Tu apanhou pra tá chorando?”. E era sova por cima de sova. Não se recorda de passar um dia sem levar pisa. Chorava por fome — pisa. Chorava com dor nas pernas — pisa. Pisa se ria satisfeito, se roubava alguma fruta da feira e era visto, se aparecesse com algum bombom era porque pegou moedas escondido das esmolas, e a saraivada de tapas já era um ritual sardônico da mãe. Criança é pra apanhar mesmo! E Maku sabia que era o correto, e todos os tabefes, os puxões de orelha, os croques; quando a lágrima grossa escorria para o seu queixo, aí sim, se sentia mais aliviado e cumpridor das obrigações. Era um descarrego, como se fosse sarar sua alma, entregue a Deus ou ao Diabo. Que fosse entregue a alguém!

Descobriu recentemente um sinal na bochecha esquerda — sempre pensou ser grude; toda mancha que aparecia nele ou na irmã a mãe acusava grude. Até os panos brancos dos

braços eram grudes. Dizia isso ou por falta de informação ou por preguiça de explicar; criança não entende mesmo, tem que ser tudo na marra!

Um dos únicos prazeres de Pedrim era tentar dar pontapés nos pombos da Praça da Bandeira. Via uma revoada catando migalhas ao chão e corria preparando o chute; o problema é que quando corria assustava alguns transeuntes. A mãe ficava irascível, a ponto de explodir. Pedrim apanhava, pensava, por correr: ainda não tinha noção da sua aparência maltrapilha, ou se tinha acreditava que as pessoas bem vestidas o ignoravam. Mas amedrontar? Nunquinha fez algo assustador! Tinha medo do medo. Dormia espremido no colo da mãe por medo do Papa Figo — sempre um velho barbudo, com um saco de serapilheira às costas, bem preto, “mais preto que nós três junto!”, detalhava a mãe. Mas esse sujeito nunca vinha. Preto PRETO roxo azul de tão preto. Vixi, Maria! E mais leproso. *Que é lepra?* Aí a mãe explicava que era uma coisa bem feia nos couros, que espalha pelo corpo e pega em que tá perto. Pedrim teimou querer saber a serventia do figo. *Pra mode tu andar e viver, tem que tá tudim aí!* E no quebra cabeças anatômico onde ficava esse figo? E a mãe apontou para mais ou menos achava que ficava: abaixo do umbigo. E que fosse dormir já e sem mais perguntas que já já ia dar horas do preto passar com o saco, fumando o pé-de-burro. Pedrim deu para estranhar os pretos mais pretos que ele. Sua fobia foi aumentando até ter medo de qualquer pessoa com a tez escura. Para os brancos ele estendia a mão, pros de cor ele encolhia-se, medroso. E certo dia um padre negro atravessou a Catedral falando sobre uma viagem na qual fez pela Europa. *Deve ser um lugar bonito essa tal de Europa!* Uma palavra que ele guardou bem — achou bonita — no diálogo foi *domo*. Era domo pra cá, domo pra lá; e seu cachorrinho se chamaria domo. Sabia que domo tinha a ver com igreja, Deus e Jesus e a Virgem, assim era nome muito abençoado, traria sorte. Domo. E quando sua irmã falava com Mel pelo portão, chamava-o Domo na voz da cabeça. Queria perguntar se podia botar o nome do tigrinho Domo — avaliou que não seria boa ideia e que a rainha podia tirar créditos dele. Ao Pai muito menos, podia apanhar — um dia inteiro sem levar uma só pancada era um luxo. E se fosse uma palavra feia? E o padre diria um palavrão? Era padre, era negro. Podia?

E Júnior botou na cabeça que as crianças precisavam aprender alguma coisa. Angélica até apoiou, mas perguntou como faria. Ele levou um quadro negro que tinha ganhado há dois anos para a casinha, soprou a poeira e o encostou no canto da parede oposto ao portão a fim de aproveitar a luz. Desenhou um A. Perguntou o que era.

— Uma pirâmide!

Não sabia das letras mas sabia da geometria egípcia, a Naíma? Júnior teria de começar do zero. Arregaçou as mangas no alfabeto sem incluir os k, y, w. Os pequenos

ficaram olhando maravilhados com os desenhos que o Pai fazia — ao listar as letrinhas, maiúsculas e minúsculas, de A à Z, Júnior precisou ir ao portão uma vez devido ao ar pouco aproveitado ali. Tirou a lona por enquanto. Começou atribuindo sons às letrinhas. Pediu que as crianças repetissem aAbBcCdDeEfFgGhHiIjJlLmMnNoOpPqQrRsStTuUvVxXzZ. E de novo. E depois se centrou apenas no abc. A abelha; B bola; C casa. Entregou o giz a Maku e o mandou escrever a A. Maku desenhou dois traços ligados a um ponto na vertical /\.

— Falta nada não? — o olhar inquisidor do mestre Pai exigiu que ele lembrasse; com muito esforço, fez uma careta até, pingou um pontinho acima dos traços.

— Muito bem, Maku, seu burro! — a irmã o deu um tapa e acrescentou o traço horizontal no meio. Papai pediu para que fizesse o b e o c também. Ela titubeou perguntando se não podia fazer o c primeiro. Pode. Agora o b. não lembrava. O Pai puxou-a pelos cabelos:

— Só chame Maku de burro quando você for inteligente!

Deixou a menina o chão, descabelada, e apanhou o giz. Reforçou a ideia do A com a palavra anjo. Pedrim se lembrou do domo. E pediu pra que o Pai escrevesse. Ele estranhou, apagou os rabiscos do quadro e desenhoun DOMO. E Maku se emocionou ao vê-la escrita. Que belas letras! Esqueceu até da irmã que chorava baixinho no canto. Domo sozinho na lousa, grande como devia ser! Um verdadeiro DOMO. Foi tão triste quando o apagador o levou embora. Pain escreveu seu nome Macu — com c mesmo, para que não estranhasse — e fora outro estopim, era o dia mais feliz da sua vida.

— Escreve agora Pedrim.

Coitado do menino. Seu Pai deixou que seu nome fosse jogado em vala esquecida, mas ele ainda avistava o P-E-D-R-O com nitidez de águia. Júnior enterrou um murro na cara de Maku tão forte que ele deu um giro. Naíma se levantou sorrindo quando viu seu nome escrito no quadro, bem grandão. O sangue espichava da boca do menino que se esforçava para abafar o pranto. Pingo de sangue; pingou, pingou...

— Não mele o chão com seu sangue, Maku! — ralhou Júnior indiferente — Vai ter que limpar agora!

— Pa-PAPAAAIIIIII...

— Fala baixo, porra! Quer me fuder? Tu que me fuder? Responda!

As palmas das mãos do Pai estavam nas bochechas caricatas de Maku; segurava aquela careta lacrimosa com fragilidade de montador. E a cada lágrima que descia do rosto da criança, Severino menos se importava. O choro foi se calando até se tornar uns gemidos toscos, quase inaudíveis. O olhar passivo do Pai lhe meteu medo. Não pode chorar sem autorização! Não devia lamuriar depois de tudo que papai fez a eles. Papai era bom, tirou-lhes

da rua, das garras da mãe má; dava educação, ensinava o ABC. Até os gemidos da alma achava proibidos, pecado. Se apanhou foi porque fez algo. Aprender o certo e o errado como? Na peia.

— Fuder pain? Quero não, pain. Deus me livre — fungou Maku.

— Então para de chorar. Limpe o sangue que derramou no chão.

Maku passou a mão no chão áspero. Só espalhou, o danado. Reparou sobre os ombros que o Pai continuava imparcial, imponente, com os braços cruzados. Esperava algo da cria, ou talvez o “não há nada a fazer”. Mas não podia decepcioná-lo — e se o fizesse, certamente pediria para que fosse castigado. Estirou a língua e arrastou-a pelo chão. A rugosidade do cimento veio ao paladar. E esfregava com a mão. E tornaria a lamber o assoalho e repetiria todo o processo até que a manchinha de sangue sumisse, mas não sumia. Estava lá, escura. Seu sangue seria preto? O Pai saiu sem dizer nada deixando o quadro grande no canto da parede, levando somente os gizos. Mel apareceu e empurrou o portão escorado. Lambeu o sangue com mais rigor e conseguiu, depois de lambidas intermináveis, dissipar as manchas.

— Muito bem, tigre, tigre, tigre...

Naíma beijou-o no focinho. Maku, de cócoras, sentia a irmã se aproximar, estava pronto para o baque; mas a rainha não o bateu, não o xingou: colocou a mão no ombro do servo e disse que ele fez o possível, se esforçou para garantir a satisfação do Pai. Receberia um cascudo devido apenas ao não cumprimento da tarefa. E Maku ficou feliz por isso, sua culpa amenizou, a inadimplência sumiu junto com o golpe no cocuruto. A mão da irmã estava mais magra, o que fez sentir o osso com mais intensidade. Agora sim, poderia chorar. Chorando pela dor a faz sarar. Porém não vinha mais lágrima. Sentiu uma cede incomum. Acreditara perder mil litros de água. Teria almoço hoje? Seu copo ainda transbordava de água. Desejou tomá-la toda de uma vez, sem querer saber da tarde ou da noite. Faria a água descer todinha, fria, gostosa, por sua garganta, umedecendo-a. E a eternidade cabia nos segundos da manhã. Sua saliva era quase sólida e quando a engolia, com muita dificuldade, seu gogó subia e descia a ponto de formar um cancro no seu pescoço. E lá vinha papai...

— Toma...

Maku pegou o copo e sorveu o líquido com velocidade de uma queda. Era guaraná geladinho, ele sabia. Já havia tomado em certas ocasiões: quando deixavam uma lata na mesa alheia, ele já corria a fim de ver se sobrara alguma coisa. Sempre sobrava, nem se fosse um golinho. E um copo cheio de guaraná era um néctar dos deuses, uma benção vinda direta das mãos de um verdadeiro Deus.

— Quer mais?

Naíma esticou o pescoço para ver seu irmão pegar mais um copo daquela bebida amarelada. Podia até sentir o gás de longe. Ela se aproximou, pedinte ao Pai paizinho bondoso...

— É só pra ele, não tá vendo? — Júnior falou agressivamente — Vá pro canto, se não apanha. Peste!

Naíma baixou a cabeça e procurou o canto mais escuro a se enfiar. Fitou o irmão tomando seu terceiro copo de guaraná. Quis chorar, mas rainha não chora. Princesa talvez. Mordeu o polegar envergado até ficar a marquinha. Papai gosta mais de Maku? Pegou o copo da mão do pirralho delicadamente, procurou o bolso de trás da calça, e enterrou um lenço na cara de Maku. Quase instantaneamente o menino caiu todo mole no chão. Naíma sabia que era sua vez, e se levantou e, como no dia em que foram trazidos para casa do papai, inalou o clorofórmio molhado no pano. Apagaria e acordaria num lugar melhor, talvez até no seu verdadeiro castelo no qual seu Pai a presentearia. E chamaria papai ao trono, dormiria na mesma cama real que ela.

Júnior afagou suas cabeças e colocou um pano de chão grande sobre o cimento rústico. Carregou-as e colocou-as sobre o tecido. Ficaram perfeitas, peladinhos ali. Mortas ao dia. Rasgou a flanela e a empapou da substância os pedaços. Cobriu a cara dos dois com os panos ensopados. Bateu os sapatos e saiu, estava atrasado para aula. Sete e meia! Há trinta minutos devia estar ministrando sua aula sobre o Barroco brasileiro mas não saía do sofá, não parava de olhar para o Buda. Abriu os botões da camisa e alisou os pelos do peito, puxando-os levemente. Tirou o telefone do gancho.

— É que é que não poder dar aula esses dias. Meu pai morreu...

E a diretora pediu que ficasse o resto da semana em casa. Que essas coisas a gente nunca espera, e nos pega de supetão. Desejou que o professor ficasse bem e que não tivesse pressa, podia ficar com o substituto por até duas semanas ou até mais se precisasse. Num curto minuto e meio ele desligara o telefone e suspirou, avente ar de graça. Fechou o caixão do pai antes do tempo... podia ficar mais com suas crias. A morte da figura paterna ausente seria superada. Suspiro, riso encardido, etc. Retornou à casinha e estavam lá da mesma forma que os deixou. A boquinha de Maku inchava um pouco. Sentiu um carrapicho na meia, próximo ao tornozelo. Não havia dor. Mas o carrapicho era insistente e não queria sair da meia. O dedo já sangrava. Que é isso, está por dentro da meia. Chegou a sentir na cueca também, dentro do olho, entre os cabelos. Teria na bocetinha de Naima ou no cu de Maku? Na urina que saía do buraquinho do seu pênis, obstruindo a uretra, rasgando-a? Inventou uma

historinha num sopapo de inspiração: era uma vez uma menina que comia carrapicho. Comeu tanto e acabou virando a Menina Carrapicho. Como se fosse a Medusa, cabelos de cobra, acabou por nascer carrapichos ao invés de fios de cabelo. No começo, os espinhos incomodavam seu couro cabeludo, a nuca, os ombros. Os dias passaram e seus cabelos cresciam. Quando andava perto das pessoas, os pequenos espinhos grudavam nas roupas alheias, feriam. Mandaram-na ir para o mato. Ela foi. Os animais a acolheram e ela virou fera. Seria a protetora dos animais. Quando caçadores os atacavam, ela balançava os cabelos e os feriam. O mesmo se acontecia com lenhadores. Certa vez um turista apareceu no mato se apresentando como cabeleireiro. Ele ficou muito espantado com os seus fios crespos e a chamou de pixaim. A menina, envergonhada, se escondeu atrás duma moita. O cabeleireiro pediu desculpas e disse que a ajudaria a ficar bonita. Como lhe faltava a tesoura — o que de fato seria inútil devido à dureza das linhas de carrapichos —, ele chamou um lenhador para ajudá-lo no corte. Pediu que a menina ficasse parada que ele ia dar-lhe um visual novo. No que ela abaixou a cabeça, o lenhador cortou-lhe o pescoço. O cabeleireiro, revoltado com o homem do machado, pegou a cabeça da menina carrapicho e, como o pescoço da menina era fino — portanto o coto coube perfeitamente na mão —, chicoteou o lenhador e o expulsou daquelas plagas.

Quanta criatividade oriunda de um carrapicho! Newton e a maçã...

Pensou no que podia fazer no tempo livre. Veio a ideia de contar historinhas às crianças depois que o efeito do clorofórmio passasse. Acometeu a pedir auxílio aos filmes — ah! Sétima Arte de Deus. Como enfiaria uma televisão ali dentro? Nostalgias amarram o estômago, um cancro à deriva duma geleira. O zero absoluto da bile fervendo em saudade. Metroid novamente! Cadê o Super Nintendo? Será que ainda se vende o console? Tirou o carro da garagem e foi ao Centro, ao Shopping Popular Edson Diniz — os camelódromos, porra! Um pombo branco o encarou na calçada. Teve que desviar da ave.

Games e games.

O aparelho da sua infância estava ali, com o cartucho do Super Mario World enfiado na tampa. Ele assoprava quando a fita não queria pegar — e dava certo. Queria sentir o cheiro do plástico duro, quente. Nas prateleiras de cima os Playstations 2 eram os produtos mais vendidos, e o PS3, recém-chegado. Não teria cobiça maior se não tivesse visto os jogos, os gráficos os videogames de última geração. A Sony e a Microsoft eram os titãs que brigavam para chegarem ao Olímpio do mais vendido da geração. O Wii da Nintendo se tornou um complemento das casas de videogames e assimilou sua antiga rival, a Sega, com a velocidade do seu mascote, o Sonic. Percebeu agora, depois dos seus estudos literários por anos, que

mesmo que essa cultura eletrônica não tocasse a margem das praias brasileiras, como a nau que carregava Caminha, seu tempo de meninice, purulento de nostalgia, não seria o mesmo sem os videogames estrangeiros. *Estarei negando também minha pátria?... Melhor negar a pátria que a infância!...* O brasileiro sempre teve fetiche por coisas estrangeiras mesmo...

— Quanté o Nintendo?

Dois negrinhos olhavam o catálogo de jogos do PS2 e pediam a opinião do vendedor. “É bonzinho, pra quem gosta...” E os discos eram jogados no plástico com uma capa do jogo impressa e tintas borradas de péssima qualidade, comercializadas a quatro reais.

— Quanté o Nintendo.

E uma fileira de cartuchos eram distribuídos aleatoriamente em balcões de vidro. Júnior pensou que, se fossem originais, seriam os olhos da cara. Mas tinha de ser: apenas os cartuchos originais salvam.

— O Nintendo, quanto?

— 130. Vem com dois joystick e três fitas.

— Aceita cartão?

— Visa, Master, Hiper...

Passou o cartão e digitou a senha xxxx. O vendedor pegou a caixa do console e foi enfiando e explicando que não podia enrolar o fio do joystick envolta dele e não assoprar as fitas — como não! — e uma série de coisa que costumava fazer quando era novo e nunca teve problemas. E a boca do vendedor falava ao mesmo tempo em que os olhos miúdos, fugidios, fitavam Severino.

— Já foi ao Rio?

E Júnior olhou para o comerciante. Cabelos castanhos, ombros caídos sobre corpo. Era um rosto familiar. Mas quem...

— Severino...?

Júnior teve um solavanco, quase caiu esbarrando nas pessoas que passavam pelos corredores estreitos às suas costas. Ele avançou uns passos, colocou os cotovelos no balcão, esticou o pescoço. O ar carioca, o sotaque malandro e os chiados... Entortou os lábios, quase salivando. Falou devagar:

— Não me és estranho...

— Thiago, do colégio, lembrou?

Sim. Era como afastar a nata do leite e clarear uma lembrança ruim, preta mergulhada na alvura. A calvície o acometera num curto tempo como uma desertificação surpresa numa floresta. Porém, aqueles olhos dotados de ódio alheio... esses sim, não

mudaram. Ficou baixinho: Júnior dava quase dois dele. Sempre teve esta preguinha no canto dos olhos? Marcas do tempo. Mas ele sorriu, e as dobras por todos os olhos se projetaram num olhar amigável. Ele saiu de trás do balcão.

— Meu amigo! — abraçou Júnior. Severino não teve reação. Só depois de alguns segundos desnortado é que deu tapinhas nas costas do comerciante. — Que saudade, que saudade, ai ai ai! Quanto tempo, heim? Como vai? Tá casado? Já tem filho? Como tá a vida, meu amigo? O videogame é pro teu filho, né? Leva o PS2 que eu faço um preço bacana pra ti. Fechou?

— Tudo bom... não é pra mim... — Júnior pensou antes de falar as coisas posteriores: não queria dizer que era pra si: Thiago podia pensar que ele não tinha evoluído nesse período. — É pra um amigo... o cara é colecionador.

— Huuummm... Leve mais fita, leve mais três. Pegue seis. Você escolhe. Pode escolher, ou quer dica?

— ... gostaria, não conheço dessas coisas...

Thiago retirou o cartucho do Super Mario World do console de testes e colocou sobre o balcão, colocou também o 2: *Yoshi's Island*; *Bomberman*; *Dracula X*; mais outros do qual ele nunca ouvira falar para completar a cota.

— Acho que teu amigo vai gostar desses...

— Não sei... acho que ele me pediu um jogo em especial... até me esqueci do nome... Medroi...

— Metroid!

— Isso!

— Quer tirar qual pra botar esse?

— Tira qualquer um, brother.

— Prontinho.

Júnior quase teve um ataque quando viu o cartucho reluzente com o título *Super Metroid* e a imagem de uma mulher travestida numa armadura atirando um tipo de projétil futurístico a laser num obsoleto pterodátilo intergaláctico.

Já ia apertar a mão do camelô quando teve lembranças mais nítidas: *Paraíba*, *paraibinha*, *cabeçudo*.

— Me diz uma coisa...

— Hum...

— Como viesse parar aqui?

Thiago desviou o olhar por uns instantes, procurando subterfúgios.

— Ai, Severino! A vida nos traz cada uma, né? Depois que meu pai morreu, veio parentes meus que eu nem sabia que tinha: era tio-irmão, parentes de num sei lá quantos graus. Mas uma tia minha daqui, mora aqui pertinho, em Lagoa Seca, foi pro Rio e me disse que se me faltasse qualquer coisa, podia vir morar com ela aqui. Eu nem dei cartaz. Mas as coisas foram apertando lá em casa, só minha mãe trabalhava. Ela me colocou num colégio público onde só tinha gente barra pesada. Me envolvi com a turminha e minha mãe percebeu o quanto tinham me influenciado; meu comportamento mudou geral: comecei a sair de madrugada no meio da semana, a beber, a fumar... mas nunca peguei droga, graças a Deus! A gota d'água pra mãe foi eu mandar ela tomar no cu. Ela disse que não me reconhecia mais, procurou no meu corpo uma tatuagem e mandei ela de novo tomar no cu e dei um tabefe nela. Ai, como me arrependo dessas coisas, meu Deus! Foi quando eu vi ela chorar que eu tomei jeito e disse que queria trabalhar pra ajudar ela. Tava difícil emprego lá no Rio — no Brasil todo, né, Severino? Com toda essa dificuldade, minha mãe me mandou pra cá, a contragosto meu, mas eu não queria contrariar. Fiquei impressionado quando cheguei aqui em Campina: eu realmente achava que era uma região totalmente seca, massacrada. Mas vi até um pedacinho do Rio aqui, acredita? Foi, me apaixonei por Campina Grande, sendo que eu morava em Lagoa Seca. Tia tinha um camelô na Maciel Pinheiro e dava dinheiro pra chuchu. Fiquei ajudando ela até abrir meu próprio cantinho. Nesse tempo a prefeitura tirou a gente da calçada e colocou nós tudo aqui e tô aqui até hoje. Já tenho casa própria e tudo.

— Logo tu! — berrou Júnior teatralmente — Logo tu que tirava sarro comigo por que eu era paraibano. Logo você!

— Pra você ver...

— Sabe duma coisa, amigo? — disse com escárnio. — Você teve o fim que mereceu, né?

— Sim, mais eu tô feliz aqui.

— Claro que tá — gargalhou Júnior e esticou a mão. — Foi um prazer te ver por aqui, amigo.

Thiago entortou a boca.

— Volte quando quiser, Severino...

O sol amarelou os dentes do sorriso idiota de Júnior até o estacionamento. *Pra você ver...!* Lembrou que o pai havia “morrído” e que não devia passear por aí rindo. Pensou em visitar a família na loja, mas viu que já era horário de almoço. Pegou o carro e foi à sua antiga casa. Carolzinha o atendeu — como estava bela! Como os cílios negros batiam nas escleras frenéticas, surpresos: o irmão aparecera! Nem queria colocar o carro dentro, deixaria no meio

da avenida mesmo! Viu Eleonor e, como nunca, o abraçou. Abraçou também a esposa dele; veio Esther correndo, parou tímida, olhando o tio altão, com sua barba rala. Pegou-a nos braços. Parecia muito com Carol quando pequena — olhar gélido, boca entreaberta. E se abria a boca era pra respirar, suas fossas nasais obstruíram-se. A mãe, cadê mamãe? Finalizando o almoço. Chegara bem na hora. Angélica, não veio? Não. Era visita de última hora. Um torvelinho de perguntas o fez responder com alegria matuta. Filhos! Não daria netos à Eleonora? Agora não. O momento já intempestivo... E Esther levantava as pálpebras, balançava as pernas, no que a mãe reclamava para que sentasse direito, como uma mocinha, pois sua calcinha amarela tava aparecendo. E quanto mais se falava, mais ela fazia. E roía as unhas, fungava, botava a mão na barriga tampando a fardinha da escola. E Júnior dava estalos com os dedos para chamar sua atenção. O almoço estava pronto. Tivemos que colocar uma cadeira da mesa da sala para o visitante familiar sentar-se à mesa — eu coloquei a assento na narrativa, então, praticamente eu ajudei a empurrar a cadeira com minhas próprias mãos, compreende? Sentiu o fulcro da cadeira no seu corpo como tábuas alisando suas costas. A ergonomia dos seus calculavam a exatidão do garfo para comida, depois erguiam rusticamente para boca, por mais afrancesados que fosse aquela etiqueta. Esther era a única que parecia mostrar selvageria no ato de comer. Por mais que estivessem famintos, os grãos eram engolidos com cautela. Não vai tocar no almoço, Júnior? Sorria. Quão delicado era o mastigar da burguesa classe média! As mandíbulas nobres estendiam dentes porcos! Severino enojou-se. Mas não recolheu seu sorriso torto. Levou à boca uns grãos de arroz molhados com molho que mãe fez. Esther misturava tudo no prato e enfiava na boca aquela lavagem burguesa. Carol separava o feijão do arroz e também do macarrão, as verduras eram no canto do prato; comia uma porção de cada. Será que um dia Esther vai separar as coisas como a tia? Discriminar? E a menina só fazia mexer a comida toda, quando via que alguém a observava ela tomava coragem e enfiava a colherona na boca. O fígado já estava fatiado e ela abocanhava antes da comida de panela.

— Come direito, menina! — ralhou a mãe.

Tentou pegar a colher com pose e acabou derrubando-a. Eleonor, irritado, apanhou o talher do chão. “Bora, bora, bora...” enfiava montanhas de feijão, macarrão na goela da filha que a fazia lacrimejar, dizendo que não queria mais. E a mãe dizia que era fastio. E nenhum outro membro da família interferia ou levantava o olhar — muito pelo contrário: enfiavam a cara cada qual nos seus pratos! — exceto Júnior. A sobrinha toda lambuzada, extrato de tomate rodeando os lábios, quase cuspiendo a ração que era empurrada garganta adentro.

— Deixa a menina, Eleonor! — disse repousando os talheres na mesa.

— Júnior, deixe que eu cuido da educação dela; já tem gente demais fazendo isso... abra a boca, bora... aaaaaa

Esther escapuliu a íris úmida, suplicante, para o tio, esperando socorro. Júnior se levantou, puxou a colher da mão do irmão.

— Quer sorvete de quê, hem, Esther?

— Chocolate!

— Lá vai! — e despejava a comida na boquinha da menina.

E ela pediu um de creme com aquelas coisinhas pretas; o tio encheu o talher de arroz e cortou o fígado amiúde e disse que eram passas. Ela fazia aaaaaaaa esperando a refeição enganar seu paladar. Não iludia, mas vindo das mãos do tio a comida ficara menos asquerosa. Eleonor observou por pouco, e logo se pôs a sentar-se e voltar a ingerir seus legumes.

Findo o almoço, Júnior se deitou no sofá e ligou a televisão no telejornal local como se a casa ainda fosse sua. Eleonor sentou no outro sofá. Júnior fez menção de se sentar para dar lugar a quem quisesse, mas o irmão disse que podia ficar do jeito que estava. Que ele era bom com criança e perguntou se não gostava.

— De criança?

— Sim.

— Gosto, da dos outros.

O irmão perguntou se não teria filhos mesmo, ele disse que não sabia, que não era decisão fácil. Questionou também sua felicidade na sala de aula. Júnior retrucou dizendo que não há felicidade, professor não tem esse luxo. Não queria voltar para loja? Não suportava aqueles materiais de construção amontoados. E lembrou-se da lousa solta no casebre das criaturinhas. Disse que ia precisar de uma furadeira. Eleonor perguntou se podia acompanhá-lo até a loja. Lhe daria uma novinha.

— Eu tô de carro.

— Eu também, né, Júnior. Cada um vai no seu. Assim não fica dependendo um do outro.

Esperaram o primeiro intervalo do Jornal Hoje e rumaram ao centro. Carol foi no carro do irmão mais novo, deixou Esther no colégio, e Eleonor foi junto a Júnior.

— Mas não acredito: um Super Nintendo!

Júnior pelo rabo do olho percebeu a surpresa do irmão.

— Tu não cresce mesmo, né?

Júnior mostrou um riso amarelo. Será que o irmão também não sente falta daquela época? Onde tudo era novidade, a informação um pouco mais lenta, os dias mais longos, a

negação dos quereres infantis. O semblante do irmão mais novo parecia mais velho, amadureceu rápido demais. Acendeu um cigarro e perguntou a Júnior se podia fumar dentro do carro. Júnior respondeu escancarando os vidros das janelas. Eleonor baforava fora e dava dicas de direção que irritavam o irmão. O vento veloz dissolvia a fumaça em direção à luz. O Açude Velho foi esquecido pelos seus filhos; a quentura não era motivo para espiarem suas águas. Deus! Os porcos andam feitos deuses! Poluíram tudo. Vivem na imundice. As ruas são sangradouros de sujidade, o sol tem de furar a nuvem ácida da boca do céu; e os filhos metem a mão imunda no céu da boca. E a língua sujou-se, a Língua Portuguesa, a linguagem dos falsos burgueses dos séculos varridos. E Dom Pedrinho encarnou nos corpos das crianças podres, pobres, podre de pobres, abortos unidos no cordão umbilical da miséria. E os malditos se elegem grandes nos seus golpes da maioridade. E usam faca como espada nobre. A pedra filosofal do craque os tornaram indigentes, desertores do paraíso fabricado pelo sistema. Pedrim desnaturou-se gente — assinaram seu contrato social. Não há ascensão. Era bicho, virou coisa pior. Teria de voltar a ser bicho. Na terra dos sonhos, onde o sono levanta pernas do cadáver dorminhoco, ele viu muitas coisas das quais sempre gostaria de ter provado: como o videogame das locadoras nas quais passava; entrar nos shoppings uma vez na vida sem ser barrado — junto à irmã e à mãe; ir à rodoviária e entrar num ônibus rumo à capital e não apenas pedir dinheiro para comprar bolo mole e suco de goiaba. Metade dos seus sonhos já foram realizados, como, andar de carro com vidro escuros, dormir sem as cutucadas da mãe, ter refeições nas horas certas todo dia. Que é mais que queria? Tinha de agradecer aos céus, ao Deus que sua mãe adorava e que morava nas igrejas. Era do Cão, Diabo, Satã, Capeta que tinha de se livrar, não sabia por quê. Imaginava-o como o Papa-Figo. Sua irmã, não muito mais dotada de intelecto, dizia que era vermelho, tinha rabo, chifre e cantava mamãe eu quero mamar e seguia o boi fei. E era preto, preto e tão fei. Preto ou vermei? Os dois duma vez, como uma luz que se apaga e se acende. E no sonho, Maku voltava a ser Pedrim. E morava dentro da casa de Pai. E o suor escorregou por sua testa fazendo-o acordar, com um pano branco cobrindo-lhe o rosto. A luz tênue do crepúsculo lhe causou enjoo, pensou. Essas horas tão tristes de dar náuseas, deve ser isso. Virou o pescoço e sua irmã desacordada mostrava os desvios de conduta aos quais lembrara. Nada de nada multiplicado por nada deve resultar em alguma coisa. Uma tela em branco pode ser o início de uma obra-prima, assim como pode ser apenas uma tela em branco que pode ser furada e se transformar uma tela furada — continua em branco, mas agora fendida. O vazio furado: o nada escorre? Que fazer agora, Pedrim? Envergar-se, talvez arqueando o corpo, dobrando-se, se dividindo em dois, talvez assim passasse o mal estar. Arrotou. Podia contar as vezes em que fez isso. Era sinal de fartura. Não

parecia ter nada na barriga, porém não estava com fome. Tirou o lenço — pedaço de pano, flanela — da cara da irmã e agiu de forma equivocada. Sentou, deixou que o nariz dela atravessasse um pouco seu ânus. Apoiou as ancas nas bochechas da irmã. Gostou, sentiu encaixe firme. Peidou. Rainha Naíma sacolejou-se brevemente, não acordara. Foi quando o sexo do servo Maku reagiu e sentiu vontade de encaixar no fazedor de xixi da irmã. Deitou-se sobre ela e lhe meteu estocadas. Os movimentos eram delicados, pensou que poderia acordá-la. Sentiu o odor da própria flatulência e respirou fundo. Pegou o lenço que retirou da face da menina e recolocou junto ao seu. O efeito seria dobrado, segundo sua convicção. Recomeçou a penetrar a vagina da irmã, só que agora com o dedo. Curioso, arqueólogo da caverna macia e aquosa localizada entre as penas da rainha, Maku sentiu medo de se enfiar ali novamente. E se a coisa o puxa e arranca seu pinto? Por mais que seu pênis exibisse vontade, seu coração escondia medo. E o negócio da irmã ficava cada vez mais molhado e ele desejou que aquilo parasse. Retirou o dedo, estranhou o aroma fétido — já imaginou se aquilo inundasse todo casebre? Um som metálico no portão: era Mel querendo defecar. Afastou a lona preta e abriu para o cão que fez suas necessidades e se retirou exibindo o rabo como se nada tivesse acontecido. O prurido transgressor o impulsionou casebre a fora. A planta do pé era tão espessa que mal sentira os espinhos.

— Vai pra onde?

A irmã acordara. Se apoiava na parede da casinha. Maku lançou uma expressão surpresa e disse agitado:

— Andar...

— Andar pra onde? Quem disse? Quem deixou?

Será que a rainha sentia ou reparou marcas do sexo dantes consumado sem permissão, à luz dos segredos?

— Tô enjoado, Naninha...

— Ai! Eu também, Pedrim... quero mainha... mainhaaaaaaa!

— Psiuuuu! Calaboca!

Maku abraçou a irmã e sentiu novamente seu corpo nu. O cabelo pixaim no seu ombro trazia lembranças de quando dormiam com a mãe, encostados um no outro. Gostavam da dureza na qual o joelho materno se erguia para alcançar suas cabeças, os proteger dos males que vagam na escuridão daquela cidade grande. Pedrim tamborilou um dia um daqueles joelhos a fim de ver o som que reproduzia — porém quase ficou surdo com a porretada que a velha lhe dera no pé do ouvido.

— Vamo andar... vamo?

Naíma levantou o olhar prostrado e fez que sim. De mãos dadas, atravessaram o flanco da residência onde Mel andava com suas patas nervosas, alegre por ver seus amiguinhos fora da casinha. Latiu. Maku tentou subir nele e o cão rosnou. O menino ainda puxou o rabo do animal arrancando um sorriso besta da irmã. Mesmo hostilizado, Mel o seguia freneticamente, farejando tudo como se fosse um ambiente desconhecido. Abriam mais um portão e entraram pelo alpendre. Vista para o jardim. Orquídeas, girassóis, aceroleira — acerolas vermelhas espalhadas pelo chão de terra. Cataram as frutinhas e engoliram tão depressa que nem sentiram a areia que as impregnavam — a garganta já tinha músculos fortes até para o aço. Sequiosa, Naíma cutucou o irmão e relançou o escopo para uma torneira cravada entre as plantas.

— Eu deixo tu beber também, *Maiku*.

O intento da irmã fora desviado para o portão gigante de alumínio que se erguia majestoso defronte. E pediu que Pedrim a levantasse para ver através das grades. Ele perguntou como faria isso. Como? Dando o lombo para irmã montar. A carcunda! A cardunda! E ele baixou o tronco com as pernas alinhadas. A rainha subiu desequilibrando-se, quase levou um tombo, e lançou vista à rua larga. A cosmovisão da menina imaginou um deserto sem fim, meio molhado. A alma da rainha pairou, faltou inércia nas suas íris cá e lá. Rio de areia úmida, por inteira, viajou, íntima, no rio de areia úmida... ou era escura e a escuridão é íntima da umidez? O terreno esburacado, irregular, uma via de trânsito lento até para as hábeis pernas. Um cão pulguento descansava numa daquelas trincheiras. Naíma estalou os dedos e o irmão questionou o porquê. Não respondeu. Fleuma. Maku reclamava das costas. Disse que não era burro de carga da irmã. A rainha pisoteou sua cervical e ordenou que se calasse. Que ele era um guri ruim, um safado: tinha de ser assim. Há quem se curve para outro subir nas costas dele um dia — encontrará um miserável pior que ele —, mas por enquanto, quem achou o lombo curvado foi ela. E Naíma sentiu o vento frio perpassar-lhe e abrigou seu corpo nu como pôde, agarrando o busto, a virilha — não fazia sentido — como uma Vênus neoplatônica pintada pelo mestre Botticelli. Porém, dificilmente a arte florentina do século XV retrataria uma deusa negra negrinha cabelo pixaim, no qual só servia para agasalhar os ombros, num país tropical como o Brasil, para esquentar ainda mais as nuca pretas. Mas um dia, um dia, com fé Naquele que não se vê, uma ninfa, assim como no quadro renascentista, irá cobrir sua nudez com um manto cravejado de lírios, protegendo-a do irascível Zéfiro, que insiste em machucá-la com o frio. O começo da noite estava cálido apenas para quem estava vestido, e olhe que não eram tantos assim. Apesar do chove não molha os dias ficavam ariscos, instáveis quente/frio. O vento morno se enroscava nos dedos

das unhas grandes. Quanto mais a boca da noite engolia um restinho de claridade, mais gélido a brisa veloz ficava. O motorista parecia cansado e o canal de Campina Grande nada parecia com o de Veneza, pensou. Poderia se fazer uma via aquática cortando a cidade, diminuindo a superlotação nos transportes públicos e gerando empregos para futuros gondoleiros. E o canal de Campina Grande poderia ter braços no qual o epicentro seria o Açude Velho. E no Açude, um comércio pluvial, com um restaurante/bar submersos na água translúcida. Sim, seria limpo o Açude. Com um orçamento bem elaborado e sem desvio de verbas, daria para drenar toda imundice do cartão-postal de Campina. E o esgoto seria desviado. Iria para onde? Para o chiqueiro dos indigentes: o sertão, talvez; deixaria de ser seco! E o sertão viraria esgoto e o esgoto viraria diversão de burguês. Sonhara até que um dia o Açude Velho estaria tão limpo que, para provar sua pureza, o prefeito da cidade tomaria um copo d'água e diria “estão vendo? Limpíssimo!” — ou “limpérrimo” para rimar com paupérrimo. E pensou no esposo com um cargo desses. Ele segurava tão bem o volante... seria tão difícil como dirigir a máquina pública? Não! Seria até mais fácil, até porque seu marido sentaria no carona, lugar em que ela está agora, e veria os outros administrarem para ele. Mas ele, assim como ela neste exato momento, poderia puxar o freio de mão e parar com tudo, queimar o pneu no asfalto ou deixar que a poeira subisse e embaçasse a vista dos leigos. Ela até observou, tocou na alavanca.

— Qué isso?

A visão periférica de Júnior distinguiu o braço humano do mecânico.

—Hum?

Angélica abriu o porta-luvas, baixou o quebra-sol e se viu refletida com o lápis levemente borrado. Sabia que a oleosidade do seu rosto sempre borraria o lápis, e que Júnior adorava essa imperfeição da sua maquiagem sempre ao final do dia. Pedia até para que não ajeitasse pois ela adquiria uma tonalidade melancólica, mas bonita. E ela retrucava dizendo que parecia que havia chorado. E sempre limpava, deixando seus olhos bem acentuados, sem imperfeições. E Júnior fazia questão de borrá-los novamente, até mesmo com a língua.

— Que foi?

— Nada.

Enfim, atravessaram a via crucis do Centro para entrar nos Campos Elíseos do seu bairro, que mais parecia um purgatório; sua casa, o Hades; seus meninos, os pecadores do mundo que precisavam estar ali, não para serem castigados, mas porque era assim que devia ser no equilíbrio universal — assim como uns animais servem de comida para outros.

— Fico pensando: e se teu pai morrer de verdade — um dia vai morrer, né? —, tu não vai ter como pedir licença noutro caso de luto paterno. Já pensou!? Você podia inventar qualquer coisa. Foi logo matando teu pai? Tanta coisa pra ser dita, viagem de última hora, cirurgia — nesse caso eu lhe arrumaria um atestado fácil, fácil...

— Acho que não duro mais que meu pai. Painho é forte. Eu sou um merda. Um bosta!

— Você com suas conversas.

Vigário Calixto em frente. Sacou dinheiro do Caixa 24 horas no Shopping Luiza Motta, comprou pão na padaria mais próxima — lembrou-se do cheiro das costas do avô, que pareciam ser feitas da maciez dos pães. Queijo, quatrocentas gramas. Como era bom comprar pão, sentir sua quentura, pareciam vivos, quentes de vivos. Beliscou metade de um sem se importar se suas mãos estavam contaminadas. Colocou a chave na ignição, espichou as pernas, sentiu a massa cáustica descer pela garganta. Deu partida.

Há anos Angélica e ele subiam aquela ladeira a pé, de madrugada, as estrelas lácteas chispavam no preto bem-vindo da noite caída. Como não dizer que desciam apaixonadamente como um ritual pagão, cegos do perigo que a boca da noite reservava? O palhaço que eles viram, agora explode caixas eletrônicos. Ele entrou na história sem querer e saiu por expulsão. Adeus, palhaço da noite! Suas graças um dia lhe foram válidas.

E a rua de terra larga continuava de terra, e em outros casos, lama. Mas não tinha chuva hoje. E a lama que sujou os olhos do casal foi as duas criancinhas, peladas, brincando com um cão de rua. Angélica quase entre em colapso: fitou o companheiro que parecia calmo. Não entende porque tanta tranquilidade. Não tinha o direito de ficar sereno enquanto ela quase tem um ataque!

— Calma — disse Júnior apagando os faróis do veículo.

Ele continua na segunda marcha e ainda mais lento, o carro já pedia primeira, já morria. Ponto morto. Parou. As crianças ergueram o pescoço e perceberam quem eram. Maku pensou que estariam encercadas, Naíma, fodidas! Júnior viu o portão escancarado e dirigiu o olhar do portão para eles, deles para o portão. Entenderam. Mas seus pés não conseguiam dar um passo. Pareciam presos ao chão de terra. Só foram capazes de andar quando Angélica falou entre dentes, com a voz mais controlada que conseguira reproduzir: “passa pra dentro!”. Andaram vagorosamente em fila indiana. O automóvel os seguia enquanto o pedal da embreagem era solto lentamente. A uns cinco metro do portão, Júnior acelerou e os pequenos correram em direção ao quintal.

— Mata eles! Mata essas pestes! — praguejou Angélica no ouvido do marido.

— Fecha o portão e leva as coisas pra dentro. Vou cuidar deles... vão ver só...

Mel levantou as patas para os donos. Júnior atravessou o flanco da casa com um andar apressado. Desvelou a lona e entrou na casinha em total escuridão. Procurou o interruptor nervoso. A luz veio. Estavam agarradas no canto, encolhidas, exatamente como estavam no dia que as comprou.

— Cês acham pouco? Acham pouco? Respondam! Acham pouco o que fazemos por vocês? Tiramo vocês da rua, demos comida, água, teto... querem mais o quê? Perderam o juízo? Têm juízo, pelo menos? Sabem do risco que passaram e que nos fizeram passar...?

— Pain, nois...

— Você abra a boca quando eu falar com você! — deu a tabefe na boca de Naíma — Moleca safada! Com esse priquito de fora na rua... pensa aí se aparece um cabra safado e te leva pra casa pra fazer malvadeza contigo. Tu nunca mais ia querer ser mulher depois, visse, bichinha! Ia ser a rapariguinha dele e ia ter que dar o cu direto. Logo tu, moleca... logo tu; e a gente te levou pra dentro da nossa casa, te demos responsabilidade, te deixamo aqui pra cuidar do irmão mais novo. Que mal a gente fez pra merecer tanta mal criação, hã? Trouxe um quadro pra vocês aprender as letras, os números... já ia pregar o quadro quando vejo os dois lá fora, tomando banho de lua... que bonito. Ah! Mas vocês me pagam...

— Castiga, pain... — erguesse Naíma, fragilizada, pernas tremendo, baba de sangue escorrendo pro assoalho rugoso — castiga eu.

Júnior correu chorando para dentro da sua residência. Alisou a caixa do Super Nintendo no sofá, cheirou os cartuchos. Nostalgia. Ao lado, a furadeira junto a uma extensão. Pegou a ferramenta, tentou enfiar a broca mais grossa — Eleonor o concedeu três. Não obtendo êxito, inseriu a broca média, se lembrou de folgar o mandril. Mirou para parede, deu um disparo imaginário. Meteu a broca mais fina — mais ou menos com um diâmetro de 1 centímetro — e apertou bem o mandril. Conectou a extensão a uma tomada no alpendre e teve certeza de que chegaria ao casebre. Antes de se meter em direção às criaturinhas, Júnior testou. A rotatória fez vibrações na mão que sustentava a ferramenta. Funcionava e não fazia tanto barulho quanto pensava. Foi à casinha.

— Naíma — discursou com voz benévola. — você fez mal aos meus olhos e terá sua punição ao nível do seu pecado. Dê cá a mão.

A menina hesitou uns instantes. Relutou com si própria mas acabou estendendo a palma da mão esquerda. Júnior apalpou sua mão e elevou o objeto que segurava. Naíma olhou assustada.

— Maku, pegue aqueles *pano* de chão ali.

As flanelas que antes cobriram suas faces, serviram agora para preencher a boquinha de Naíma, que quase se engasgara pois não sabia se era para engolir.

— Lembre de um das principais regras: não faça zoadas ou faça o menos possível — falou o pai pisando na ponta dos seus dedos sobre o chão duro.

Naíma respirava ansiosamente. Os irmãos já presenciavam a mágica das máquinas de furar parede na reforma da Catedral. A mente inocente tinha a certeza que as brocas só serviam para fura coisas duras. Nunca imaginariam que furariam partes do corpo tão bem. E que não faziam tanto barulho. Quando Naíma sentiu o aço perfurando sua mão ela tentou gritar pois percebeu o quanto uma broca girando dentro da mão era agonizante. Parecia uma cobra metálica dando voltas numa pétala de flor. A mão estava em terremoto de escala infernal. O sangue salpica na roupa do Pai, nos narizes, testas, nela. E os panos molhados com sua saliva impediam que seu grito se exteriorizasse. Sentia os ossinhos da mão sendo perfurados e triturados. A dor era tão fugidia que ramificava ao braço, o ombro, entrava na sua cabeça; depois centrifugava em aço surreal, atingindo até as formas extracorpóreas. Quando sua visão foi escurecendo, a broca foi parando de girar. Júnior tentou retirar a haste metálica da mão da criança, porém o metal acabou enganchando. Puxou com força e a broca saiu escarlate, esfolando um pedaço de pele disforme. O membro expelia muito sangue e Júnior temeu a hemorragia. Arrancou os panos da boca de Naíma — que emitia um gemido tênue — e cobriu a mão dela pressionando com força a palma e o dorso.

— Maku, segura aqui enquanto vou lá dentro pegar curativo.

Pedrim estava em choque, com os olhos esbugalhados.

— Vem, menino!

A menina apagara.

XXVI.

Júnior, em percurso de novembro, recebe o seguinte e-mail do seu pai:

Olá meu filho. Está tudo bem por aí? Você nunca mais me ligou. Me mande notícias. Como anda seus irmãos e sua mãe? Liguei pra lá um dia desses e soube que você decidiu morar só com sua mulher. Gostaria de conhecer tua mulher, só conheço ela por foto. Você tá sem telefone residencial? Me dê um número que eu posso falar contigo, te encontrar. Estou indo aí passar o natal e o ano novo com vocês. Vou ficar na casa da sua mãe. Ela não pareceu se importar, muito pelo contrário. A casa aumentou de tamanho e se dividiu em duas

eu soube. Vou ficar lá mas eu queria mesmo é ficar na tua casa se não for incômodo. Ainda tenho receio da sua mãe, não sei qual será a reação dela depois de todo esse tempo. Seu avô lhe manda lembranças e vai visitar a família dele em Pernambuco. Acho que a gente viaja no mesmo avião. Sabrina não vem como era de se esperar, vai passar esse tempo com a família dela, mas ela disse que está morrendo de saudades. Espero que eu não seja um estorvo pra você. Seu pai.

Demorou-se no PC. Releu. Destacou *queria mesmo é ficar na tua casa se não for incômodo* e a palavra “estorvo”. Respondeu assim que organizou a desculpa:

Olá pai. Não te liguei porque a vida tá corrida e os compromissos me perseguem até nas horas de descanso. O senhor sabe que não seria um estorvo aqui na minha humilde residência. Mas, papai, Angélica e eu estamos passando por uma fase de reaproveitamento do casamento, um tipo de reciclagem. Estamos revendo alguns ajustes que terão que ser feitos na casa e nos organizar melhor para receber visitas, pois tudo aqui em casa é racionado. Não nos falta nada, mas nem quarto sobrando nós temos. E não quero que o senhor se sinta desconfortável aqui. Portanto, eu preferiria que você ficasse na casa de mãe que além de espaçosa, tem tudo o que o senhor precisa lá. Aqui não têm condições, por enquanto, de receber hóspedes, principalmente uma pessoa como o senhor, que é importantíssimo para mim. Acredite que tem vezes que a gente almoça lá em mãe porque não tem comida pronta aqui. Mamãe se tornou uma exímia dona de casa e vai tratá-lo como rei, enquanto aqui o senhor seria um escravo de quem ganhou alforria há pouco tempo (risos). Por isso, me faria um bem danado se o senhor ficasse bem por lá, melhor que mal por aqui, entende? Mande um abraço apertado para todos aí, diga que também tenho saudades.

Enviou.

O pai custou responder. Uns quinze dias depois já pisava em solo paraibano, para a surpresa de Júnior. Foi vê-lo na casa da mãe. Ajudou a despachar suas malas. O pai adquirira rugas, mas continuava vivaz. Comeu um pratão de feijão com arroz e charque. Espreguiçou-se na cadeira e seus músculos rijos apareciam como colinas discretas ao longo dos braços.

— Eita, filhão! — falou tampando a boca de um arroteo mudo, depois passou a mão nos cabelos do filho mais velho — Eita, filhão, filhão, filhão, filhão! Pensei que ia ser o primeiro a me dar um neto, mas olha como são as coisas.

Esther sentou no colo do tio para se mostrar ao velho. Ele foi fazer-lhe um cafuné no que ela desviou e alisou seu rosto. Era um velhinho bonito. Todos na mesa riram. Eleonora lançava furtadelas ao ex-marido: como ele dominara os anos de forma espetacular. Ainda continuava com o sotaque carioca junto do riso rasgado no semblante sereno, poucas vezes alterado, mas quando acontecia... não queria nem lembrar de quando ele arrancara-lhe o filho mais velho. Parecia amputada naquela época. E agora, com membros novos à mesa, parecia uma anomalia. A família crescera e os novos membros se encaixaram no corpo perfeito onde Severino pai já foi o tronco, ela, a cabeça; os filhos, os pés que davam impulso para sua caminhada. E esses extracorpóreos? Que seria Esther? E aquelas duas estranhas que adotou como filhas? Pressentiu comichão... Que faria com a expansão desenfreada da família? Lembrou-se do aborto que fez ao quarto filho sem que ninguém soubesse. Severino, Severino, Severino, mil vezes Severino. Eterno Severino. Severina!

— Mãe, tá se sentido bem? — Carol pegou sua mão.

— Uma dorzinha de cabeça, não dormi direito ontem...

— Foi de tanto esperar o papai? Hahaha! — riu Eleonor. — Vá se deitar, vá, bichinha. Deve tá cansada mesmo.

Que transtorno causou Severino nela! Ansiosa ao pensar na volta do que já foi a família. Éramos cinco! Cinco! Nem mais nem menos. Um pentagrama perfeito! Por que estragara tudo? Podiam ser outra coisa hoje. Mais sucedidos do que eram! Menos depressivos. Sem mais frequentar clínicas de psiquiatria. E seu Júnior!? Seu Júnior! Voltou tão mudado do Rio. Voltou triste. Sentia a tristeza no outrem pois esse era seu mal da alma. *Coitadinho: por isso não quer ter filho?* Será que sua depressão pós-parto ainda a persegue? Deitou na sua cama de casal que preenchia o quarto — ela que não preenchia a cama —, ligou a TV num volume quase mudo. Fechou as cortinas. Rezou por seus filhos. Rezou por sua netinha que quase se afogara num balde cheio de água por displicência sua — mas o balde caiu com o peso da menina salvando-a! Se pudesse a criaria em cativeiro. Doente! Doente de saudade; mas os objetos da sua falta estavam ali, sob o mesmo teto que ela! Conjecturas oriundas da dor de agarrar a felicidade plena. A felicidade dói. Ai como dói! É um rasgar constante de pele, uma quentura nas cicatrizes da ausência! Ai como dói, meu Deus! Escutava aquelas vozes adultas como roncoss de monstros numa caverna. O barulho ressoava escada acima todavia ela não conseguia discernir palavra alguma. A voz de fadinha era a de Esther, sempre acompanhada duma trupe de gargalhadas. Será que a criança tem noção do ridículo que passa? “E o São João tem ido muito?...”; “Lá no Rio a gente...” “Futebol ruim...”; “Saudade de vocês...”; “Lá no Rio...”; “Tua mãe...”

— Eu vi teu e-mail, mas não respondi porque não vi necessidade.

— Me deixou preocupado...

— Quando vai me levar pra conhecer tua casa, heim?

Júnior apertou Angélica no seu peito.

— O senhor vai ficar aqui até quando?

— Acho que até a primeira semana de janeiro.

— Então pronto, daqui pra lá a gente combina. É o tempo que a gente tem de arrumar tudo lá.

— Mas meu filho... não me importo com bagunça, não... mas já que você quer assim... quando puder, quiser me receber, eu vou.

— Painho, não é questão de querer. Querer eu quero! Mas é porque quero que o senhor tenha uma boa impressão, a primeira é a que fica, né? Mas, se o senhor tiver disposto, amanhã... amanhã mesmo pode ir lá fazer uma visita.

Angélica o beliscou a barriga. Como amanhã? Está doido?

Esther procurava sempre um colo. Sentiu-se acolhida no regaço do avô. Brincou com seu pomo-de-adão dando-lhe petelecos violentos.

— No gogó não... — ralhava Severino pai com ar de galhofa dando-lhe cheiros na barriga, fazendo simulação de peidos. A gargalhada da menina era estridente e Eleonor vinha olhar o motivo de tanta graça. Pediu que a filha se controlasse, pois a avó estava descansando. Mas o patriarca levantava sua blusa e fazia com mais força. Ela ria mais alto. O avô cúmplice pedia silêncio tampando calorosamente sua boca. Esther se esqueceu da saliência no pescoço do avô e achou uma nova forma de entretenimento: os pelos do nariz. E tentava puxá-los, porém as fossas nasais dele eram muito estreitas e esguias. — Você, heim, menina?

Júnior repetiu a sentença ao sair: “Amanhã...”. Angélica não gostou da história. Onde ia esconder os meninos?

— E painho vai pro quintal fazer o quê?

Baixou/subiu os vidros do carro, ligou o ar condicionado. Campina Grande tórrida!

— A gente pode colocar umas cadeiras lá e dizer que é depósito. Combinar com os guri de não fazer barulho... nenhum! Porque vem um velho querendo tirar os órgão deles pra vender.

— Tem que botar eles pra dormir.

— Botamos então!

Nunca passara na Floriano Peixoto e perceberam a tenebroso antigo prédio do Telegrapho Nacional. Sua fachada amarela enclausurou um Frei que afirmava que quem

bebesse da sua Caneca, teria sede de libertação. De prisão, o prédio passou a ser Telégrafo, para só depois se transformar em Museu; ou seja, a princípio, se tirava a liberdade, posteriormente serviu de comunicação e por fim repousou nas memórias das pegadas da história. Podemos aplicar os atributos históricos do prédio às vidas que o casal retia:

1. o corte do livre arbítrio;
2. a possibilidade de articulação das criaturinhas com outras pessoas;
3. a morte delas.

Então no final teriam de matá-las? Sim, pois no primeiro ato desespero, gritariam até serem ouvidas, se já não estariam fazendo isso! Apesar dos analgésicos, Naíma ainda sentia dores de parto na mãozinha. Angélica começou a olhá-lo com indagação. Que faria com aquelas correntes e coleiras que comprara pela manhã? Deixou-a na loja e voltou desesperadamente para casa. Um ônibus estava parado quase no seu portão, enfileirado a uma viatura. Policiais fizeram sinal para que parasse.

— O senhor mora aqui?

Júnior gelou. Diria que não? O vizinho já abria o portão desnorteado. O motorista estava sentado no meio-fio de braços cruzados, o veículo grande desligado.

— O senhor mora aqui, senhor?

— Moro.

Júnior puxou o freio de mão e descansou os pés tremulantes. Olhou ao redor para entender o que estava acontecendo, se estava mesmo encurralado. Mas um ônibus de linha urbana!? Que faria ali? Reparou que tinha um vidro quebrado. Aguçou os ouvidos e escutou um policial perguntado se o passageiro tinha se machucado.

— Que tá acontecendo? — questionou Júnior, que tremia com o rosto paralisado diante da postura sisuda do policial que o abordara. Se saísse do carro agora suas pernas o trairiam.

— O senhor tem filhos?

— Não!

— Não se altere senhor — abrandou o PM. — Essa é a segunda vez que recebemos o chamado essa semana. O motorista do veículo disse que toda vez que passa neste local, o ônibus é alvejado por algum objeto. A gente encontrou uma bola de gude. Então concluímos que é provável que se trate de uma criança com uma balinheira.

Júnior tornou a negar que tinha criança, que só morava ali ele e sua mulher. Os policiais foram até o portão do vizinho, falavam da situação para só depois perguntarem da cria. O homem de cabelos brancos, mas aparência jovem, sacudiu o dedo.

— Meu filho não foi, nãaaaao!

— Senhor, esse seu primeiro andar se torna um atrativo...

— Foi não — continuou balançando o indicador em sinal negativo —, meu filho não pode ser. Meu filho é autista, camarada.

— Entendemos, senhor...

— E acharam bila²¹? Cadê a bila? — o policial ergueu o corpo de delito — Essa? Foi uma dessas que apareceu por aqui um dia desses mesmo. Já mataram o meu cachorro com bola, pensei que queriam matar meu novim de novo. Quando vi que era bila, eu guardei. Olha, olha, olha! — o homem saiu cutucando o chão e erguendo as bolinhas de vidro. Tão vendo? Sabe quem pode ser. Esse vizinho... ele tem um moleque velhinho. Pode ter sido ele.

Os PM foram na casa que se seguia mas ninguém atendeu. Júnior se aproximou do vizinho e perguntou — suas pernas já o permitiam ficar de pé sem titubear.

— Olha, não é querendo ser intrometido, mas, não por culpa dele ou sua, claro, mas num é bem capaz de ser o teu filho que tenha feito isso?... não é desconfiando, veja bem...

— Foi não, foi nada, quer ver ele? Vou chamar...

— Não, não precisa...

— Carlinhos! Carlinhos... um momento, não sai daí!

Júnior coçou a cabeça, intrigado. Saiu um labrador de dentro da casa latindo e balando o pesado rabo. Veio o vizinho com um menino gordo.

— Fale com o moço, Carlinhos.

— Carlinhos, tudo bem.

O menino catou as bolinhas e jogou-as para o alto, sorrindo tristemente.

— Tá vendo? Ele não teria capacidade de fazer isso.

— Oi, Carlinhos... tudo bem? — repetiu Júnior.

— Carlinhos, fale com o homem, diga “tudo bom, moço”.

Mas o menino ignorava, e se focava no rabo do cachorro, rabão, que batia na sua cara quando ele se aproximava, e quanto mais recebia tabefes do rabo canino, mais o alvejava. O cão era mais agiu e sempre conseguia esgueirar o rabo das mãos do menino para depois balançá-lo novamente. Carlinhos ia pegar num excreto animal quando o homem o agarrou.

²¹ Bolinha de gude (N.A.).

— Não sabe nem o que tá acontecendo, o coitado.

Os policiais já entravam na viatura para ir embora. O motorista também assumia sua posição para partir.

— Desculpe por aquele dia... cabeça quente...

— Não! tem nada não...

Júnior se despediu do homem com um aperto de mão tímido. Colocou o carro na garagem rapidamente. Seu cachorro o recebeu alegremente.

— Sai! — chutou-o Júnior.

Foi direto ao quintal. Maku estava encolhido no canto e Naima ainda dormia de barriga pra cima, com a mão enfaixada repousada sobre o peito. Estariam fingindo?

— Pain... — levantou-se o menino nu ao perceber a presença de Júnior. Naíma continuava roncando baixinho, um ronco muito verdadeiro.

— Sente.

Maku obedeceu. O adulto observou os panos-brancos que cobriam os braços da sua menina. Sua mão devia estar em fogo, pensou na dor da menina, imaginou se fosse a sua mão. A dilaceração o acordaria para carne em brasas. O mais próximo que a menina chegará dos estigmas de Cristo! Júnior se ajoelhou tocando os joelhos nas ilhargas dela, inclinou a pescoço, sentiu sua respiração, seu mau hálito, podia imaginar suas quimeras. Devia odiá-lo agora! *É certo que um dia há de se vingar!* Faria algo para a menina, algo que a deixaria eternamente grata. Inclinou-se inda mais, rosto a rosto. Encostou a boca nos pequenos lábios fétidos de Naíma. Quase sentiu amor pela pequena. Abriu caminho com a língua até a garganta dela. Acordou sobressaltada, ofegante. Oh! Seu coração lhe escapava o peito. Pain a beijara. Até eu visei suas fantasias. Sim, pois comprei todas as paixões da alma na farmácia das químicas universais. E lá estava! Pequena, mas sagrada. Como o buraquinho na sua mão se fechando na epiderme. Ela passou a língua nos beijos para sentir o esputo grandioso do Pai. Júnior empertigou-se e cuspiu no chão.

— Lambe!

De quatro — quase ignorando o ferimento recente —, Naíma se dirigiu pelo chão rugoso até o fluído aquoso e arrastou a língua por ele. A garotinha suspirou — e este suspiro valeu mais que todo ar que respirou na vida, era o gozo do triunfo, como Maria tocando na garganta de Deus, ou Judas, na do Diabo. E como Cronos, que engolira uma Pedra ao invés de

Zeus²², Júnior deveria ter sede de antropofagia antes de ser comido por suas criaturinhas, negaria o ofício de uma mãe aracnídea que se dá para os seus bebês. Se Deus vaga pelo seu reino universal e cospe mimeticamente como o protagonista da nossa estória, os lagos são suas escarradas perdidas nos bares do cosmo, e o mar é o vômito dele no bojo das bactérias humanas. Mas se anteriormente eu falei das pequenas aranhas e do último ato da mãe cabeluda, é porque quero falar do que fica: e o que fica é a prole; a posteridade é um incesto de prazer para morte. As aranhinhas se voltam umas para as outras e se devoram mutuamente.

Júnior suspendeu Naíma pelas axilas. Levantou o grande quadro com ajuda de Maku e começou a rabiscá-lo. O alfabeto se espremia no lado superior direito da lousa. Após apagar umas frases de poetas pré-modernos, escreveu “consultório”. Deixaria uma semente de sapiência antes do abate? Pediu para que eles lessem, primeiro Maku: cu co cos com consui... os olhos confundiam o l com o I. Em termos de grafia de fato o l minúsculo é semelhante ao i maiúsculo [veja: l/I]. E Júnior tentou explicar que não, que observasse melhor as letras no alfabeto maiúsculo e minúsculo.

— Por que é igual l e i, Pain? — perguntou Maku.

Júnior observava os olhos do menino se apertando na indagação das palavras; escreveu outra palavra: língua.

— A gotinha do i... — descobriu Pedrim.

— É porque é minúsculo — falou entre dentes.

— Maku burro... — balbuciou Naíma.

— Dois jumentinhos que estou desemburificando...

Júnior saiu da casinha direto para o carro. Abriu a mala. O barulho metálico das correntes que retirou fez com que Mel se atirasse sobre ele com euforia. O dono o deu uma correntada que o fez ganir e se recolher com os rabos entre as pernas. Numa caixa, retirou a furadeira e imediatamente a ligou na tomada, caso precisasse. Antes de chegar ao casebre o cão já o rodeava, auspicioso.

— Xô!

E Júnior conseguiu entrar na casinha assustando o cão o barulho da furadeira. Deixou o equipamento num dos cantos da parede. Naíma já se deitara de novo, tremendo ao ver e

²² Na mitologia grega, Cronos, o titã mais novo, governava os céus após ter castrado o pai com uma foice. Tinha medo de perder o trono e, em consequência disso, devorava os seus filhos, mas sua mulher e irmã, Reia, compadecendo para com o filho, Zeus, dera uma pedra enrolada em panos ao marido; Cronos engoliu sem notar a trapaça. Ao crescer Zeus, com a o auxílio de Métis, filha do titã do oceano, fizeram com que Cronos tomasse uma poção mágica que o fez vomitar todos os filhos que teria devorado. Zeus assumiu o lugar do pai, tornando-se deus supremo e banindo o titã para o Tártaro (N.A.).

ouvir o girar da broca. Júnior enroscou uma coleira no pescoço dela que, apesar de acordada, não se mexeu. Ligou uma corrente às grades da janela. Fechou um cadeado. Em Maku repetiu o procedimento. Arrastou outra corrente mais pesada e uniu os dois com um cadeado maior. Atou suas mãos e pés. Certificou que estavam bem amarradas.

— Tentem escapar agora!

As correntes de Maku faziam estranho ruído. Ele cutucava a casca de uma ferida.

— Qué isso, Maku? Onde arrumou isso, heim? Tira a mão, moleque!

— A casquinha, papai, é pra tirar?

— Melhor não...

— Painha, toda criança é anjo? — questionou Naíma deitada com sua vizinha roca.

Onde ouvira “anjo”?

— Toda, toda não. Só as brancas.

— Pain...

— Hum?

— Por que não somos branco, eu e Pedrim... Maku?

— Tua mãe num é preta?

— Né não! Mainha é branca.

— É preta! Eu vi!

— Peta, petra, nega?

Júnior fitou a menina com desconfiança. Será que a noite o traíra naquele dia?

— Quer me endoidecer, é? — abriu a palma da mão, ergueu, berrou: — Cadê as bila? Cadê?

Os meninos se encolheram. Se preparavam para tapas, socos, as miríades de coisas que perseguia suas carnes. O Pai subira a mão para queda da tapa ser mais pesada, mas o golpe não veio: faltou ânimo.

— Cadê as bila? — mais uma vez as crianças ficaram atônitas.

— Quis bila, Pain? — perguntou Maku, que ainda tinha ousadia da dúvida mesmo com os membros atados em aço.

— Tão se fazendo de doido?

— Tamo não, Pain pai papai pa...

— Cala boca! — Júnior deu uma rasteira que fez o menino cair de boca no chão — Já calou?!

Um dente de Maku lascara. Ele desabara com impacto de um cometa e chorou como os gemidos mais torturantes das tragédias da Grécia de Platão e Aristóteles. O sangue já se

tornara rotina, e não mais surpreendeu os olhos dos sorteados. Doía, mas a sensação de limpeza era sentida pelos meninos. Oh Hipócrates!, pai da Medicina, que ensinamento foi esse que nos trouxe como forma de expurgação!? Se acreditavas no poder de cura por meio das forças da natureza, por que propusera a sangria? O fato é que a prática milenar dantes pelas sanguessugas — agora pela violência — tranquilizava o humor das criaturinhas vitimadas, como lágrimas ao sofrimento. Maku levantou-se e começou a cuspir sangue. Parecia possuído. Exigira do Pai também um beijo. O líquido escarlate descia pegajoso dos lábios escuros, tristes; o menino arregalava os olhos como um bicho sem razão.

— Dá, Paiiinnn!!!

E se aproximava de Júnior lentamente com os braços erguidos, berrando sangue e implorando quase de joelho o beijo; a língua pastosa, a saliva daquele homem medroso, que tremia diante do vômito sangrento, que não conseguia falar porque mordida os lábios, e as pernas tremiam mais do que quando os policiais o pararam. Era como os monstros da sua mocidade, compactados na aura de Maku mau, visíveis no seu corpo nu, acorrentado... por que não corria? Por que não desaparecera dali ou simplesmente dava uma ordem ao menino para que parasse? Poderia também golpeá-lo novamente ou fazê-lo dormir. Mas Diabo não descansa, não dorme. O inferno é pouco para Ele. Tem de atormentar os homens, os meninos são. O primeiro passo para trás que dera foi quando o garoto conseguiu tocá-lo. Não podia avançar mais, a corrente já o lembrava do limite dimensional. Júnior recuara: sentiu mato, terra, escorregara num pedra, pedra? Não! Era bolita! Esférica, verde, parecia o olho dum gato. Ele apanhou a gude e quando se ergueu deu de cara com Maku sangrento. Resmungava tanto o beijo que acabou salpicando sangue na gola da camisa do Pai.

— Tá aqui! — alçou a bolinha frente ao rosto do menino — A prova! Esconderam de mim, não tinha visto na entrada, mas agora que encontrei... olhe!...

Pedrim não cessava de avançar em direção a ele.

— Pa pa pa pa pare, para aí. Para, Maku, meu filho!

A criança estacou, retesou a mão e tocou os lábios grandes do Pai. Júnior sentira a tropa de bactérias invadindo sua boca, mas deixou que o menino cutucasse mais um pouco. O Pai carinhosamente pegou-lhe a mão e o conduziu de volta para o casebre. Os grilhões ficaram deveras longos, teria de dar alguns outros nós para conservar as crias no cativeiro.

Júnior pediu para que Maku ficasse de quatro — Naíma estava emborcada sobre o chão, parecia desacordada. Tocou as nádegas do garoto e afastou uma da outra. Pedrim notou uma circunferência entrando no seu ânus e não reclamou, apenas gemeu tênue. Seria para o seu bem, como o sangue que agora lhe escorre da gengiva. Sentiu uma vontade desenfreada

de defecar. No canto, perto de onde não havia mais bosta — pois não fazia uma semana que limpavam — ficou de cócoras e espremeu a barriga. Não saía nada. Tornou a se contrair, mas sem obter resultado. Começou a chorar pedindo ajuda ao Pai. Júnior desvirou a menina percebendo que estava empapada de suor. Quente. Delirava de febre.

— Te vira aí, Maku, vou cuidar da tua irmã! Faz força, FORÇA!

E Maku também começara a suar. Este de esforço, Naíma de fadiga e Júnior de nervosismo. Sentiu-se mais aliviado quando escutou o barulho do portão da frente se fechando. Angélica o ajudaria. Mas os passos eram estranhos, de hesitação, não eram os passos firmes da sua mulher que o sempre aborrecia nessa sua licença da escola quando jogava Super Metroid, escutava a nona do Ludwig van Beethoven de Alex ou reclamava quando deixava os livros abertos em cima da mesa, no sofá, com xícaras e restos de café de dois dias. Maku, pelo olfato, também percebeu que havia algo estranho. Mel latira, mas não atacara.

— Pain...

Júnior fez um gesto para que se calasse. Os passos ficaram rápidos até que uma sombra se projetou por baixo da lona. Um farfalhar de roupas, um perfume conhecido... o afastar da lona plástica — ... a luz! —, o barulho do portão abrindo...

— Júnior...

Era seu pai!

Severino pai!

PAI DO PAI DE MAKU E NAÍMA!

XXVII.

A fresta da luz do sol permitiu que o quase sexagenário visse uma lousa e logo abaixo um garotinho preto de cócoras. Pensou: devo estar vendo coisas. Ele estava nu com um tipo de coleira no pescoço. Quebrava a luz nos braços dobrados sobre o rosto. Odor nauseabundo. Severino, atônito, chegou mais perto, pegou no metal do grilhão, tentou compreender o que estaria havendo. Tudo estava muito estranho ao chegar na casa do filho de surpresa: uma viatura de polícia parada, o portão da frente apenas escorado, a mala do carro aberta, e agora essa cena esdrúxula! O menino fez uma careta após colocar o dedo no ânus e uma bolinha de gude rolou para a sandália do estranho. O rosto se mostrava rubro de sangue.

— Menino?...

Maku se afastou com medo, escondeu-se por trás do quadro, as correntes fizeram o grande retângulo cair. Mal o estrondo se fez ouvir, a criança já reerguera a lousa do saber como escudo. O homem procurou alguma palavra confiante no seu léxico. Consequia ler *consultório* e *língua*. Perto da mãozinha suada do menino oculto, se podia ver uma escrita rústica: *domo*.

Escutou uma tosse infantil que não a do menino. Perscrutou ao redor. Sua visão ainda não se acostumara àquele breu. Seu filho aluminou-se no feixe de luz com uma menininha molhada nos seus braços.

— Ajuda, pai!

Severino empertigou-se.

— Qué isso, Júnior? Que porra...

— Essas crianças... — falou chorando — achei na rua... coitadinhas... feridas...

Júnior desenrolava a faixa da mão de Naíma que respirava com dificuldade. Duas moedas caíram. Maku correu para apanhá-las. *Escondeu na faixa!* Colocou-as na boca, mas viu que não seria boa ideia; enfiou-as no ânus.

— Júnior... não posso... entrei porque tava aberta... só tava passando... sua esposa disse onde moravam...

Urgiu a andar pelo espaço como um desvairado com a gravidade chamando a menina a baixo. Aconteceu que Júnior não quis largar Naíma ali. Tinha medo que o pai a tomasse para si. Seu pai hiena podia querer avançar e abocanhar a presa moribunda. Tropeçou nos grilhões, porém sustentou a menina nos seus braços mesmo depois da queda. Retirava a coleira dela quando seu pai o tocou.

— Deixe eu lhe ajudar, meu filho.

Júnior se sobressaltou. Aquele toque familiar o fez despertar sentimentos medonhos. Quantos monstros o atacaram com polidez maior que a do pai? A liberdade do pecado era sua única forma de expiar; seus infinitos pecados, o inferno não os comporta! Podia respirar o olhar plúmbeo do pai. Esbugalhou os globos e percebeu o quanto miserável era. Com o fim das crianças, também morreriam as vicissitudes. O vaivém era seu coração bombeando o sangue ao espírito. Deus lançará o olhar reprovador às caldeiras quentes da última refeição proibida que as boquinhas conseguirem alcançar!

— Deixe eu lhe ajudar, meu filho.

Júnior ouviu, mas sua razão ficara surda. O pai sendo hiena, os filhos, cobras: que seria ele? Um ser mitológico, conclui. Os Severinos trocaram piscadelas rápidas. Não sabiam mais abrir pálpebras. Quiseram a obliquidade.

— Que fizeram com você, filho? — falou Severino pai choroso.

O filho saiu da inércia se debulhando em lágrimas. Severino não acreditaria em nenhuma palavra posterior do filho, mas estava decidido a ajudá-lo. Tentou erguer Júnior pela cintura, mas este estava pétreo, colado ao chão, segurando aquela menininha sudorenta, ainda com os globos oculares fixados nele.

— Vamos, deixe eu ajudar.

É bem verdade que não teve uma infância metida nos pudores da meninice, mas quem é que o tem? Sempre tem de vir o choque, cedo ou tarde. O grande mal é que o choque veio cedo e não parou mais. Estava anestesiado. Queria sentir amor pelo pai, entregar Naíma a ele e deixar as coisas fluírem. Pagar pelo crime. [Pensamento antagônico do qual afogara o primeiro: os tirou da rua, não há ilicitude, muito pelo contrário!] O monstro emitia um ruído áspero. Se movem os soldados da vanguarda em sua cabeça. Todos mutilados, chupando as coronhas das armas, rasgando as próprias feridas. O general ordena o cessar fogo.

Como de chofre surgiu, de repente também sumiu; o infortúnio o abandonava. A triste indiferença transformava-se em animo. Levantara-se com a garotinha nos braços. Sorriu para o pai com olhos marejados.

— Me ajuda, pai — disse Júnior.

Seus braços tremiam com o peso da menina. Os ruídos dos monstros foram ficando surdos até sumirem da sua cabeça. A exclusividade e rapidez do som foi o barulho de uma máquina e o ganido rápido do pai. Uma broca atravessara o pescoço de Severino. Este caiu imediatamente com a boca semiaberta. A furadeira caiu junto num baque.

Júnior não teve reação. Continuou segurando Naíma e observando Maku desacoplar a broca do pescoço mórbido do pai. A menina começou a tossir em demasia.

— Paaiiiinnnnnnnn...

O menino que antes tinha sede de um beijo paterno, agora acionara a máquina com fito em Júnior. Severino filho estarecido não consegue fazer outra coisa senão comiserar por seu pai: o líquido escarlata tingia o assoalho rugoso formando poça de sangue. Maku a pisava sem restrição. As vermelhidões se misturavam ao semblante transtornado da criança. A furadeira era pesada para as mãos infantis de Maku, tanto que titubeava ao içá-la. Quando percebeu que o garoto não hesitaria em furá-lo, Júnior usou a irmã dele como escudo. Veio o furo na barriga dela, posteriormente um grito fraco. E a broca continuava a rodar freneticamente no seu ventre. A menina perdera os sentidos. Ou a vida?

— Que tá fazendo, condenado?

E Maku largou o corpo de Naíma.

— Agora eu sou o rei, né, pain?

E voltou a ativar a máquina. Desajeitadamente usou a broca para se livrar dos grilhões. Júnior correria pelo quintal. Chamou o cão. O animal apareceu rapidamente com o rabo balançando. Júnior tentou incitá-lo, mas Mel parecia levar tudo em galhofa. Correu ao alpendre, tentara achar um cadeado para meter no portão. Lembrou-se que tinha deixado tudo na casinha. Maku chegou-se desesperadamente ao portão, mas não alcançava o ferrolho, colocou a mãozinha para fora das grades: “Papaaaaaiiiii ppaaaaaiinnnnn!” Chorava com a furadeira abafando-lhe o pranto. Júnior também começou a chorar descontroladamente.

— Sai! Volta pra lá. VOLTA PRA RUA! — berrou — NÃO QUERO MAIS TU! Tá escutando? NÃO TE QUERO MAIS COMIGO!

XXVIII.

Maku lavou o sangue da sua face com as lágrimas de sua perdição. Júnior sabia que se saísse, teria de dar explicações à sociedade.

O portão da frente se mexeu, se abriu. Um braço hirsuto procurou algo no vazio. Um policial entrou perguntando da barulheira. Era um dos praças do caso das bolinhas de gude. O PM pareceu desnortado ao ver o garoto pelado, ensanguentado, segurando uma furadeira acionada, apontada para o homem da casa.

— Esse moleque matou meu pai...

Júnior disse no desespero. Maku ainda repetia baixinho “pain, pain, papai” e o ruído da ferramenta automática ainda abafava.

— ... entrou aqui em casa ele e a irmã dele... sei lá se são irmão! Tava ajeitando a casinha do cachorro, eu e meu pai e elas surpreenderam a gente... meu pai...

Tampou os olhos com as mãos e gritou seu sofrimento ao mundo. O Jovem PM conseguiu distinguir as palavras do menino agarrado ao portão “painha, papai, pa...”. O juvenzinho arrostava o homem que se amedrontava. Seria mesmo o pai daquela criança? O moleque era negro, o sujeito era branco: impossível! Puxou a arma do coldre e meteu uma bala no peito do menino, que caiu em convulsão. O sangue do guri se espalhou pela terra dura. Desfalecera.

— Senhor, está tudo bem?

Júnior fez que sim.

— Não se preocupe, ajudaremos a esclarecer os fatos aqui. Preciso da ajuda do senhor e o senhor da minha. O pretinho ia lhe furar com a ferramenta, como furou o seu pai,

num é isso? Eu cheguei a tempo, impedindo... Tá mais calmo? A gente deve se unir mesmo, nós, pessoas de bem, pais de família — o senhor tem filho? Aí chega um mala pequeno desses, comete uma atrocidade aí vem o Estatuto da Criança e do Adolescente e protege esses trombadinhas com medida sócio-educativa... Deus me perdoe, só ele tem direito de tirar a vida de um ser vivo, mas esses safados por mim iam tudo é pra bala!

Júnior deu um sorriso amarelo.

Nestas últimas linhas, cheguei a uma noção de mim mesma: não sou Literatura, afinal! Sou um uma confusão de palavras tentando me encontrar num texto coerente. O que foi narrado aqui chegou a mim como uma epifania, acontecimentos que me apropriei e usei a Literatura para contá-los. Eu podia ser uma pintura ou uma dança; mas me fiz em letras.

Em algumas estórias o fio do novelo se estica. Nesta não! Esticando-o a narrativa se arrebenta. Portanto, este livro chegou ao fim!

Fecho aspas.

**MEMORIAL ACERCA DO ROMANCE “ENQUANTO
DEUS BEBE VINHO”**

1. INTRODUÇÃO

Este memorial tem como objetivo justificar e descrever o motivo pelo qual tomei a decisão de escolher um romance (narrativa longa) como Trabalho de Conclusão de Curso. Nele leva-se em conta minha trajetória ao longo dos anos antes e durante a academia a partir do viés da composição da obra. A formação do processo criativo deve-se principalmente às experiências *a posteriori*, não deixando de lado o conhecimento adquirido no curso de graduação em Letras. Portanto, mostro que a capacidade de criação não é apenas inata ao sujeito escritor, como também é obtido através das varias leituras de mundo e de livros.

Oziel Rodrigues Chaves Neto²³

This memorial aims to describe and justify why I made the decision to choose a novel (long story) and End of Course Work. In it takes into account my career over the years before and during the academy from the composition of the work bias. The formation of the creative process is mainly due to experiences retrospectively, leaving aside the knowledge acquired in undergraduate degree in Literature. Therefore, to show that the ability of creation is not just innate to the writer subject, as is also obtained through various readings and the world of books.

²³ Discente do curso de graduação de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

2. ANTES DA UNIVERSIDADE

Minha primeira repetência escolar foi no 1º ano do ensino médio. Fiquei abalado, porém sabia o porquê da reprovação: desinteresse. De que interessa as equações, as leis da Física, a Geografia do Brasil ou o Barroco a um adolescente que descobre vícios do mundo? A filosofia Sexo Drogas e Rock'n Roll me veio (sem sexo, mas procurando feito louco; e “drogas” resumidas ao álcool, pouquíssimas vezes experimentei maconha nessa época) de supetão e se instalou na minha vida até a terceira tentativa de terminar o 1º ano. A desistência do colégio causou um grande alarde em mim: que fazer agora? Comecei a trabalhar com meu pai, porém, percebi, no primeiro dia de labuta, que não queria isso para minha vida — ele é eletricitista da UFCG e eu, ajudante.

Interado sobre o mundo dos videogames, resolvi que meu curso seria algo que se aproximasse dele: Ciência da Computação. Continuei a trabalhar com meu pai. Certa vez me sobrou dinheiro. Resolvi comprar um livro. Lembro que eu guardava-o como se guarda um tesouro. Lia-o vagarosamente — tão lento que demorei mais de um mês a terminá-lo. Não era um volume grosso; se tratava de um romance policial contemporâneo, pouco mais de duzentas páginas. Achei-o incrível e, após finalizá-lo, adquiri outro do mesmo autor: Dan Brown. O deleite foi o mesmo. No terceiro livro, resolvi mudar de rumo. Comprei Augusto Cury. Daí veio a decepção: que romance ridículo! Da desilusão veio a luz: “se esse cara pode escrever um livro e vender milhões (era o que dizia a capa) eu também posso!”. Foi a partir de então que resolvi ser escritor.

Comecei a procurar formas de elaborar ideias a fim de por no papel. A internet me foi muito útil. Descobri que tinha de ler de tudo. Comprei mais livros e comecei a redação do que seria minha primeira narrativa longa: *Entre Múmias e Minotauros*. Eu já era apaixonado pelo Egito e suas histórias fantásticas, e comecei à pesquisa minuciosa sobre as Pirâmides de Gize, os sarcófagos recém-encontrados, mitologia egípcia. Lembro bem que foi em 2008 que li o primeiro clássico da minha vida: *Os Irmãos Karamazov*, do Dostoievski, tradução de Raquel de Queiroz. A leitura começou lenta, enfadonha, mas chegando ao final do segundo tomo — eram três — consegui ver a grandiosidade do autor russo. Foi um choque acabar o romance e descobrir que a narrativa que eu estava construindo não valia nada: cópia de Dan Brown! Parei de escrever e ponderei formas de melhorar. Coloquei na cabeça que antes de me atrever a compor um romance, devia praticar com narrativas menores. Escrevi contos. Alguns versos me chegavam e eu corria ao papel. Minha primeira obra literária acabada foi um

Cordel. Adquiri um senso crítico maior e fiz um percurso em outros clássicos: Camões, Machado de Assis (que maravilha ler o *Memórias Póstumas!*), Shakespeare, Kafka, Júlio Verne. Descobri a Literatura francesa, a alemã (Goethe!).

Foi em 2010 que arrotei o famigerado ensino médio. Não queria mais frequentar escolas. Achei, não me recordo como, o supletivo do Cejas (Centro de Educação de Jovens e Adultos) no qual não precisava frequentar sala de aula, apenas fazer provas. Foram muitas avaliações (seis provas de Português e seis de Matemática por série, fora as outras disciplinas nas quais eram quatro avaliações contemplando todos os assuntos do ano), mas consegui terminar tudo poucos depois do meio do ano. Fiz preparatório de vestibular no Aprovação e passei em sétimo lugar no curso de Letras da Universidade Estadual da Paraíba.

3. HERANÇA ACADÊMICA

Algumas pessoas já haviam me falado que a UEPB, em termos de estudos Literários, passava à frente da UFCG. Foi por isso, que mesmo sabendo da aprovação nas duas, preferi a Estadual. A aula inaugural que tive no primeiro semestre, foi a da Dr. Maria Goretti Ribeiro, e digo: foi um deleite sem igual. Ela falava das magias nas quais os escritores nos proporcionam, dos Mitos e Catarzes que iríamos ver ao longo do semestre. Soube que pouquíssimas pessoas da minha turma gostavam realmente de Literatura. Iria ver Filosofia e Sociologia em ambiente acadêmico e isso me deixou excitadíssimo. Conheci as Cantigas de Amigo, de Amor e de Escárnio em Introdução a Literatura Portuguesa, com Rodrigo Rodrigues. Fui percebendo que a Gramática deve ser levantada do ponto de vista da reflexão da língua e não dos dogmas didáticos impostos pelo livro didático. Eu já começava a compor a narrativa longa que seria minha primeira publicação: *Igor Sem Amigo*. Antes, esse trabalho seria feito em Literatura de Cordel, a história de um menino superdotado que sofria *bullying* no colégio, ou seja, queria contar um pouco do que sofri em tempos escolares. Decidi que seria pouco um folheto, resolvi imediatamente fazer um romance. O primeiro projeto de *Igor Sem Amigo* foi cancelado logo nas primeiras páginas. Tornei a escrever. O enredo foi fugindo do controle e acabou se tornando algo que eu não esperava — de superdotado se tornou hermafrodita, de literatura fantástica para algo mais voltado ao sub(i)consciente. No livro dediquei uma personagem ao Dostoiévski e usei uma experiência da cadeira de Leitura e Elaboração de Texto (LET) — na qual tive de frequentar uma sala de aula logo no segundo período e observar docente e alunos nas aulas de Língua Materna — na elaboração de um capítulo. Os estudos sobre Mitos ministrados pela professora Goretti e as discussões sobre a

Língua também me foram cruciais para composição de metáforas em partes do romance. Terminei o livro no terceiro semestre do curso. Pedi para algumas pessoas ler, inclusive o Dr. Antonio de Pádua Dias — que o fez com maior gosto — e perguntei o que acharam. As repostas sempre eram positivas. A do professor Pádua também o foi, mas com algumas ressalvas que me ajudaram muito nas revisões posteriores. Enviei o original às editoras. Fui recusado na maioria, algumas nem me davam resposta. Após várias tentativas de ser publicado por uma grande editora, entendi o quão difícil seria. Impaciente, mandei a editoras menores. Também já começava a redação de um novo romance.

4. CONSTRUÇÃO DO ROMANCE

Consegui publicar o *Igor Sem Amigo* pela editora carioca Multifoco. Avaliaram o livro em um mês e me deram duas opções: pagar pela primeira tiragem com desconto ou me enviar os primeiros trinta exemplares sem custo, no qual eu tiraria 5% das vendas que eu efetuasse. O livro ficou caro, quarenta reais. Com menos de duzentas páginas, o romance seria um fracasso de vendas no lançamento, porém depois eu conseguiria vender todos os trinta exemplares aos amigos e parentes. Posteriormente, essa experiência já me traria luz à narrativa no meu novo projeto: o livro *Enquanto Deus Bebe Vinho*, claramente descrito nas páginas 67 e 68 do romance:

Disse a Júnior que havia enviado um original de narrativa longa às grandes editoras. Em todas foi recusado. Começou a mandar para editoras menores, no qual a maioria o rejeitou, outras queriam fazer um orçamento para que Danilo pagasse antes ou depois do lançamento... este se negou. Só em uma, que custou pouco mais de um mês para avaliá-lo — o que foi pouco, levando em conta que o tempo médio de avaliação de originais é de seis meses —, aceitou publicar o seu livro “Escândalos Plúmbeos” sem que lhe custasse nada. Ele ganharia 5% nas vendas dos exemplares, que custariam 40 reais. Júnior achou o valor caro para um livro que nem duzentas páginas tinha e disse que compraria depois. E Danilo veio dizer que não era bom julgar o livro pelo número de páginas, e que não seria de boa índole falar que “não tem nem duzentas páginas”, mas dizer que “tem mais de cem”. Melhor colocar reticências na centena anterior do que limitar a quantidade na posterior. Lógica de mercado! Discurso publicitário: uma obra com mais de cem páginas de pura prosa poética! Quão tentador! [...] *Não eram poucas páginas, eram mais de CEM!*

Foi a partir da vivência pessoal e acadêmica que compus os personagens e situação da obra. Começando pelo porquê do título: este é a suma de toda narrativa. Por

remeter a algo niilista, o leitor já pode prever o que o espera. Supõe que estamos largados no mundo, sem nenhum Deus nos protegendo ou alimentando nossas forças, pois Ele está mais preocupado em *beber vinho*, ou seja, ser adorado. É tanto que não há aquele sentimento catártico ao ler o livro, pois não vem nenhum *deus ex machine* resgatar o protagonista nem os que dependem dele. O romance é pessimista porque é realista. Acreditei nisso firmemente ao escrevê-lo.

Como no *Igor Sem Amigo*, neste eu também queria retratar a problemática do *bullying*, sendo que o “herói” seria o molestado — diferente do *Igor*, onde um coadjuvante era vitimado. As cicatrizes das violências em tempos de escola serviram de pretexto para que uma “semente negra” fosse depositada na alma de Júnior. A “maldade” se desenvolve de uma forma vertical no humor dele gerando um ser indiferente a tudo, finalizando o que seria o cativo que ele cria para as crianças nas quais compra. Portanto, em se tratando de teoria literária clássica, podemos dizer que Júnior é um personagem redondo, ou seja, psicologicamente mais profundo, que sempre está sendo construído ao longo da narrativa e que não se pode esperar nada dele — diferente dos personagens planos que são estereótipos, servindo, assim, como na teoria de Forster, no livro *Aspectos do Romance*, para efeito cômico.

O leitor poderia se perguntar: Júnior é mau pelo que sofreu no colégio, mas e Angélica, sua esposa? Ao desenvolver Angélica, eu não previa que ela seria cúmplice nas psicopatias do marido; depois pensei em mostrar a malevolência inata do ser humano espelhada numa mulher. E achei perfeito o par.

Os filmes, assim como os videogames e os livros, também fazem parte do repertório da construção da personagem. *Laranja Mecânica*, de Kubrick, *Saló ou Os Cento e vinte dias de Sodoma*, de Passolini, ou até mesmo — em menor intensidade — *Taxi Drive*, de Martin Scorsese, se tornam um *corpus* espiritual para guiar algumas cenas: por exemplo, aquela na qual Júnior se olha o espelho com uma arma, mimetizando-se Robert De Niro no *Taxi Drive*. *O Morte e Vida Severina*, de certa forma, igualmente faz com que a figura principal da narrativa se resigne com a miséria da vida nordestina — *severina* —, sem necessariamente sofrer devido à seca. O videogame *Super Metroid*, da Nintendo, se torna, assim, o único objeto de inocência de Júnior, posto que dele o protagonista só tem lembranças boas. Todas as manifestações artísticas acima citadas fizeram também parte da minha vida e da construção do meu ser. Porém, eu me enveredei por outra vertente...

Outra questão que devo enfatizar é o narrador: a própria Literatura! De onde surgiu essa ideia? Sempre achei fantástico um narrador abstrato, como a morte, a loucura, entre outros. Decidi, então, criar um narrador inusitado. A Morte já o tinha, em *A Menina que*

Roubava Livros — ou em Saramago transformando-a em personagem n’*As Intermittências da Morte* —, a Loucura em Erasmo de Rotterdam... engajei-me na metalinguagem. A Literatura narrando a própria Literatura. Mas é claro! Suspeito até hoje que ninguém tenha pensado nisso antes, e espero estar certo. Mas não se trata da arte literária como um todo, mas de uma Literatura específica. Como explicar isso? Deixei implícito que existem várias manifestações literárias, o autor se apropria de uma e escreve a partir dessa arte. Em suma: a Literatura como um ente que se apossa de quem a consumir. Tanto que é mais ou menos isso que revelo nas primeiras páginas:

Larguemos o autor enquanto ainda é tempo, amigo! A Literatura dele é boa, mas sua representação no papel foi uma grande galhofa. Neguei-me a sair da mente para grafia. Ele fica colérico quando faço isso e acaba por me abandonar nas rasuras de papéis amassados. Então, adeus, adeus! Sorte! Viva a autonomia! (p. 3).

A literatura sofrida narrando a história das personagens que achou conveniente naquele momento, como se estivesse em busca de algo, e o tivesse encontrado, como uma forma de expiação. Ela mesma diz que “Tenho um sentido putrefato, um tumor que preciso expulsar das minhas entranhas. Preciso ser a cirurgia de mim mesma. É por isso que estou aqui, é por isso que conto esta história. A Literatura está suja. Júnior vai me expurgar, irmão!” (p. 70). Então, o que une a narradora às personagens é o desenrolar do novelo hediondo; sim, pois se a Literatura está suja, ela própria vai se limpar contando uma história mais pútrida que a sua podridão, como jogar um novinho na fogueira em holocausto ao Senhor dos Exércitos.

Na verdade, a Literatura que se torna narrador não é nada mais que uma personagem da obra. Ela é produtora do texto e adquire atributos de narrador humano — fala como um ser inteligente, conhece os males da alma dos homens, referencia as artes (cinema, música, entre outras, além da literatura universal). Se para Bakhtin a língua é vista como um fenômeno social, histórico e ideológico, temos que ter em mente, ao enunciar tal narrador, que se trata de uma forma abstrata em relação dialógica de interação com o leitor, ou seja, para que o leitor entenda o discurso do “ser imaterial”, este precisa se expressar de forma com que aquele possa decodificar e interpretar os signos. Portanto, o narrador é social porque está presente nas his[es]tórias que norteiam a escrita e a oralidade de uma sociedade; é histórico devido às várias transformações textuais e gramaticais que sofreu desde a sua “invenção”, — desde a língua indo-europeia passando pelos hieróglifos egípcios, ou o alfabeto grego/latim até às línguas neolatinas, se localizando, no momento da narrativa, num Português

contemporâneo — quando Homero compõe os textos que serviriam de base para toda literatura ocidental: *Ilíada* e *Odisseia* — ; e é ideológica por relevar pensamentos e opiniões acerca dos fatos narrados.

Além disso, a Literatura nesse trabalho assume um papel de narrador(a) onisciente, pois sabe tudo o que aconteceu (pois é em *flashback*) ao redor da trama, e revela pensamentos mais íntimos das personagens.

A Rainha da Borborema é palco do *horrorshow* por motivos bem claros — além de ser a cidade na qual nasci e cresci, é a terra que eu amo e vivo. Diferente do Rio de Janeiro, cidade na qual precisei pesquisar muito — inclusive em mapas — antes de escrever, posto que nunca fui lá; Campina; eu descrevi com certa facilidade, sabia o nome das ruas e avenidas, localidade dos monumentos e costumes do povo, além do clima e da política.

A linguagem é outro aspecto no qual quero me centrar, principalmente na questão das crianças. Percebemos que quando se é perguntado seus nomes, a menina responde “— Pedrim e Aninha” (p.102). Esse fenômeno é chamado apócope, que representa a suspensão de um fonema no fim da palavra (Pedrinho > Pedrim). Quis apresentar o metaplasmo como forma expressão popular que não é necessariamente usada apenas nas classes menos favorecidas. Outro exemplo se encontraria na linha posterior “— Não quero *bãin*” (p. 102). Essas vozes sociais se refletem no modo de vida dos interlocutores: por serem moradores de rua, infere-se que não tenham tido estudo; por exemplo, no item citado acima (*bãin*), podemos perceber que isso não é uma “inadequação” criada pela personagem; trata-se aqui de uma “voz” adquirida, posto que o produtor do texto já tenha escutado isso em algum lugar e reproduzido da forma na qual chegou a ele. Percebemos também que quase todas as personagens (inclusive a narradora) usam palavras de baixo calão, aludindo à ideia de “baixo corporal” — visão bakhtiniana —, pois decidi usar uma linguagem na qual rodeia minha realidade na construção do texto — tanto a literária quando a das ruas —, e, quando se pensa nos palavrões proferidos por tão ilustre narradora, se conclui a necessidade de fazê-la correspondente ao contexto: ou seja, uma narração que beira o baixo calão e a literária cultura etiquetada. Nisso vemos que não se trata da arte literária como todo, mas de uma personagem Literatura (uma, entre tantas) construída nos moldes ideológicos do autor.

Sobre os aspectos semânticos dos termos que nomeiam as crianças — Maku e Naíma —, tem-se uma espécie de reflexo da formação acadêmica e paixão pela Literatura do protagonista. Tratando-se de um personagem que concluiu o curso de Letras, habilitado em Língua Portuguesa, não é de todo estranho que ele se refira ao personagem Macunaíma, de Mário de Andrade, de forma tão enfática. O herói sem nenhum caráter é dividido em dois

gêneros (macho, fêmea) e fica impedido de se tornar branco, posto que as crianças são negras, apesar dos seus panos brancos. Naíma (“grande”, em tupi), a menina, vira rainha na sociedade quase nula que Júnior cria no seu quintal, enquanto Maku (mau) se torna servo.

Os aspectos pessoais foram de suma importância para a composição da obra, mas os acadêmicos tiveram sua fatia no bolo no momento da escrita. Posso citar o seguinte excerto: “O primeiro semestre passou assim. Pagaram Teoria e Crítica Literárias, Língua Portuguesa I, Filosofia e Sociologia da Educação e Introdução à Literatura Portuguesa” (p. 69). As cadeiras que me refiro são as mesmas nas quais eu passei no início do curso. Não é a toa que escolhi a UEPB como universidade para o protagonista. A situação da greve que me atingiu diretamente também foi retratada — com traços ficcionais — no livro:

Finalmente, ao término de quatro semestres, os professores decidem entrar em greve, mesmo sendo a UEPB uma das universidades que melhor renumerava seu corpo docente no país. Alegavam que não bastava pagar bem, tinha de respeitar a data-base, melhorar a infraestrutura dos campi, aumentar tanto o número de bolsas quanto o valor destas para estudantes que não tinham subsídio, ou são pesquisadores, ou estão em projetos de extensão [...] Então foi para o primeiro protesto a favor da “volta às aulas já!”, organizado pelo Diretório Central dos Estudantes, o DCE. A entidade se mostrou a favor da reitoria, e o Comando de Greve bateu boca no meio do principal campus da instituição. Os estudantes diziam que isso era um golpe, que essa greve não passava de oportunismo por motivos politiqueros: o presidente do sindicato, que era oposição à atual reitoria, perdeu mais uma vez as eleições nas urnas, e o governador nomeou aquele que teve maioria nas urnas. Júnior observava indiferente. Às vezes segurando um cartaz — que era posto em suas mãos por um militante —, às vezes fingindo que dava gritos de guerra, apenas mexendo a boca [...] Júnior olhou em volta. O sol pairava em cima da sua cabeça. Ele se constrangia com os gritos hostis como se ele próprio tivesse gritando a partir da boca dos outros. Quando os professores do comando de greve apontavam para a sua direção, dizendo que os alunos deviam estar do lado deles e não babando a reitoria, Júnior se via como uma idiota: não fazia nada, nem retrucava. Os xingamentos o davam enjoo, parecida com aquele meu, de agora pouco.

— Quero que o comando de greve, a reitoria, o DCE... ah! que vão todos tomar no cu...

E saiu calmamente, nosso herói, deixando o coordenador geral do DCE para trás, atônito, gaguejando uma resposta à altura (p.70-71).

Isso se resume a algumas situações nas quais eu queria retratar no romance mesclando o que construí com o humor, a indiferença, os pensamentos mais sórdidos da personagem.

Por fim, devo mostrar os frutos nos quais eu, como estudante de Letras — e, de certa forma, Júnior, formado, procurando um emprego que refletisse os quatro anos que passou na mesma faculdade — colhi com esmero para assim fazer da educação algo melhor nas nossas escolas.

Comprou uma mala preta, socou livros dentro e despachou-se para o colégio. Grandezinho. Era um casarão, alugado agora. Na mala a Moderna Gramática Portuguesa, de Bechara; teria de comprar a do Celso Cunha também, achou. Sabia as regras da gramática da língua *mater* de Camões, mas longe de dar aula com eficiência. Sorte na entrevista lhe perguntaram qual a perspectiva que ele trabalhava. As aulas de Linguística o salvaram.

— Sociointeracionista, a abordagem.

— Fale mais.

— Temos de trazer a língua numa perspectiva que faça parte do mundo do aluno, isso faria toda diferença no resultado final...

— Que resultado seria esse?

— O falar e escrever bem (p. 86-87).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurei escrever esse memorial a partir do Trabalho de Conclusão de Curso com base no processo de criação literária, procurando explicar alguns aspectos da construção dessa narrativa: pessoais e acadêmicos. A composição da obra *Enquanto Deus Bebe Vinho* só foi possível graças as minhas experiências e visões de mundo adquiridos ao longo da vivência acadêmica: os aspectos discursivos e dialógicos de Bakhtin é um exemplo disso; autores e críticos literários, é outro.

Embora não seja comum esse tipo de gênero proposto no TCC em um curso de licenciatura, vejo esse exercício literário como um passo para os futuros concluintes desejosos por mostra sua arte — seja através do texto escrito, seja em qualquer outra forma de linguagem. Entendo, assim, que o trabalho criativo, se projeta a partir de conhecimentos adquirido-construídos; porém isso não quer dizer que seja menos importante quanto uma pesquisa de caráter acadêmico-científico, tampouco o contrário. Na escrita criativa, além do desejo do sujeito autor, há toda uma prática de escrita, de pensamento, de reflexão sobre a construção de elementos que orientam toda uma prática de um docente de língua, sobretudo da língua materna: o exercício da escrita, a criação das falas e pontos de vista das personagens, a visualização e o colocar em ação nas espacialidades da estória construída.

6. REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail (Voloshinov, 1929), **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. Trad. Michael Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec, 1990.

FORSTER, E. M., **Aspectos do Romance**. Trad. Sergio Alcides. Rio de Janeiro: Editora Globo, 2009.